

FABIANA CRISTINA TURELLI

Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais

FLORIANÓPOLIS

2008

FABIANA CRISTINA TURELLI

Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como Requisito Parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz.

FLORIANÓPOLIS

Abril, 2008

FABIANA CRISTINA TURELLI

Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz – Orientador
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFSC

Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Unisinos

Prof. Dra. Carmen Silvia Moraes Rial
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UFSC

Prof. Edgard Matiello Júnior
Centro de Desportos – UFSC

Florianópolis, abril de 2008.

*A guerra, não a paz, produz a virtude. A guerra, não a paz, purga o vício.
A guerra, e a preparação para a guerra, suscita tudo
que é nobre e digno em um homem.
Steven Presfield.*

Dedicatória

A LMS e ABJ, com amor.

Agradecimentos

Sou imensamente grata

A Alexandre Fernandez Vaz, professor orientador deste trabalho;

Aos *verdadeiros e bons* amigos;

À minha família;

Aos sujeitos desta pesquisa;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Sumário

Resumo	viii
<i>Abstract</i>	ix
1. Introdução	1
2. As artes marciais pesquisadas e seus espaços	11
2.1. <i>Karatê-Do</i> : a arte de combater com as mãos desarmadas	13
2.2. <i>I Ai Do</i> : a arte de enfrentar o desconhecido	27
2.3. <i>Nei Kung</i> : a arte do poder interno	36
2.4. Um pouco acerca dos espaços pesquisados	42
3. As <i>Ciências Marciais</i>	52
4. O domínio de si	60
5. Dor e sofrimento como <i>fortalecedores</i> do corpo	75
6. Rituais e trotes: práticas tomadas por símbolos	89
7. Considerações finais	99
Referências bibliográficas	102
Anexos	107
Anexo 1	108
Anexo 2	113

Resumo

As artes marciais podem ser descritas como um conjunto de ações que compreende técnicas de luta que requerem incansável treinamento para sua incorporação e, ao mesmo tempo, são também o *caminho do guerreiro*, composto por atitudes específicas, dentre as quais a mais elevada consiste em vencer a si mesmo. O esporte é um elemento fundamental do processo civilizador, um conjunto de dispositivos pedagógicos que organiza o corpo e suas expressões no sentido de simultaneamente restringi-los em sua espontaneidade e potencializá-los tecnicamente. As lutas tornam-se parte importante desse campo. Para que isso possa ocorrer, algumas delas sofrem um processo de *esportivização*, o que reflete em sua organização em treinamentos sistematizados e competições. O presente trabalho buscou entender os processos que legitimam uma *pedagogia da dor e do sofrimento* como racional e legítima e quais são suas implicações para a educação do corpo em três lutas. Para isso foi realizada uma pesquisa empírica tendo por objeto o *Karatê* (campo marcial-esportivo), o *I Ai Do* e o *Nei Kung* (campo marcial-filosófico), em dois espaços de treinamento de artes marciais de Florianópolis, SC. Os dados foram coletados por meio de observações de aulas e competição, observações-participantes de treinamentos e exame de faixa, e de entrevistas. As artes marciais pesquisadas e seus espaços, lugares de crenças e rituais que oferecem representações sobre o corpo que nem sempre coincidem com outras tradições, são apresentados em paralelo, seguidos por algo como uma *ciência marcial*, que busca dar suporte teórico às práticas físicas. O material empírico resultante pôde ser distribuído em categorias como domínio de si – movimento necessário e irrenunciável para o processo civilizador –, dor e sofrimento como fortalecedores do corpo, uma vez que os atores dos campos narram, significam e representam as dores, os sofrimentos e os sacrifícios das práticas como legítimos, honoráveis, momentos de engrandecimento que justificam as ações contra o próprio corpo, e, por fim, rituais e trotes como possuidores de forte carga simbólica, que parecem alimentar, *fazer viver* e transmitir as rotinas dos espaços de treinamento.

Palavras-chave: artes marciais/lutas, esporte, educação do corpo, pedagogia da dor e do sofrimento.

Abstract

Martial arts can be described as fight techniques that demand hard training to be incorporated. They are however also the Fighter way, with special acts, like the self beating. Sport is a central subject of civilizing process. Martial arts are part of this movement, they became sports. This work intends to understand some processes of pain and suffer pedagogy as rational, and how it improve the body management in three fights: karate, I Ai Do and Nei Kung. They were researched by ethnographic methods. Self domination, pain as honor and rituals are the concepts that organize the empirical data.

Keywords: Fights; Sport; Education of Body; Pedagogy of Pain.

Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais

1. Introdução

Minha relação com artes marciais se iniciou cedo, quando era ainda criança. Foi, inclusive, o que determinou a escolha do curso de graduação que faria (Educação Física), e que acabou implicando neste estudo, agora redigido. Comecei pela prática de *Karatê*, por vontade de meu pai; ele, que gostava muito de lutas, justificou-se para mim dizendo que se achava muito velho para treinar e, como não tinha nenhum filho homem, o que lamentava, eu poderia tentar a atividade. Senti-me desafiada e é fato que gostei; gostei também da modalidade esportiva, embora tenha passado por vários constrangimentos sendo a única menina, freqüentemente em meio a turmas de meninos, adolescentes e, mais tarde, adultos.

Encontrava-me, então, tomando parte da marcialidade dos tatames. Embora nunca tenha gostado de *brigas sem motivos*, aceitava (por parecer estar implícita esta exigência), sempre que provocada, desafios dos meninos do *dojo*¹ (mesmo que aquilo doesse, literalmente, muito), afinal estava no grupo, queria permanecer ali, e não sair por *ser menina* – mas por vezes incomodei-me com a condição, dadas as muitas dificuldades. Estas iam desde condições físicas, até um certo preconceito, talvez; percebia que era continuamente testada, que todos queriam saber até onde eu seria capaz de ir, o que agüentaria... Parecia que me pediam provas de que podia estar ali, e eu buscava dá-las (aos meninos, ao *sensei*², a meu pai), mesmo que talvez sem o saber. Lembro-me que sentia um certo pavor da idéia de ser chamada de “menininha” – embora não houvesse problema algum nisso, já que eu era uma menininha! Mas temia o

¹ Local específico de treinamento de artes marciais, tido como sinônimo, na atualidade, de academia.

² *Sensei*: mestre – “o que nasceu antes” – em japonês; professor, técnico ou treinador.

sentido pejorativo que, para os praticantes, denotava fraqueza e incompetência. Significa que acabei por incorporar tudo o que transitava como valor na academia de *Karatê* na pequena cidade do Oeste de Santa Catarina, onde vivi a infância e parte da adolescência.

Com a conquista das faixas, os desafios, fossem os dos colegas ou os do *sensei*, promovidos em aula, continuavam e eram cada vez mais difíceis. No entanto, aos poucos, a dor diminuía – tornei-me resistente a ela e exibia com orgulho alguns hematomas, como um emblema identificador. E não se tratava de uma identidade qualquer, mas a da pertença a um grupo distinto, composto somente pelos resistentes e fortes.

É interessante observar hoje o processo pelo qual passei: considerava como bons apenas os treinos extenuantes, achava, como os outros praticantes, “fracas” as pessoas que não cumpriam ou suportavam tarefas passadas pelo *sensei* – e totalmente justa a aplicação de algum castigo por isso. Se alguém do *dojo*, ou de treinos coletivos (todos os atletas das duas academias em que *sensei* dava aula) fingisse alguma coisa, era “*fresco*” e *perdia o crédito*, pois mesmo machucado, devia continuar o treino. Meu corpo devia estar preparado para os combates, por isso podia ser submetido a quatro horas de treinamento diário, sofrer privações e passar por perdas bruscas de peso, necessárias para me adequar às categorias correspondentes das competições³.

³ Nas competições, as lutas ocorrem respeitando as idades dos competidores (infantil, até 11 anos; infante-juvenil, até 14 anos; juvenil, até 18 anos; júnior, até 21 anos; e adulto), as graduações ou faixas dos mesmos (categoria B: faixas branca, amarela, laranja, vermelha, azul, verde, e roxa; categoria A: faixas marrom e preta), e ainda divisões dentro dessas categorias (já definidas por idade e graduação), estabelecidas por meio do peso – exceto na infantil e infante-juvenil, em que a divisão se dá por meio da altura. Desse modo, por exemplo, para que alguém possa lutar na categoria “adulto”, deve-se observar que seja maior de 21 anos; sendo faixa preta, disputa somente entre outros faixas pretas e marrons, e, tendo 83kg, pertence à sub-categoria 80 a 85kg (sub-categoria masculina). Todas essas divisões a que devem estar atentos os atletas e treinadores demonstram a tentativa à qual recorre o esporte, de promover a igualdade formal de chances entre os competidores – na competição, evidentemente, uma vez que essa igualdade de chances pode não ser estendida para além da área competitiva. Esse fato, de buscar igualar as chances dos lutadores e minimizar as diferenças, ficou ainda mais claro, quando, há relativamente pouco tempo, ocorreu a redução de 5kg em cada sub-categoria masculina; elas, que eram estipuladas de 10 em 10kg (até 60kg, 61 a 70kg; 71 a 80kg; 81 a 90kg; e acima de 90kg), passaram a sê-lo de 5 em 5kg

Sempre considerei todo o meu percurso marcial normal, algo *orgânico*, ou seja, minha própria vida. Não me eram estranhos os treinamentos exaustivos (somente eles eram bons!), e, sim, o estranhamento que o fato de eu me submeter a eles causava nas pessoas que deles não compartilhavam – e, sinceramente, gostava de comprovar que, como dizia meu *sensei*, “o *Karatê* não é para todos”. Hoje consigo admitir a sensação como uma satisfação por ser diferente e, a meu ver, de acordo com o que sempre quis, como uma forma de superioridade em relação aos não praticantes de artes marciais, embora para muitos de meus colegas *não karatecas* aquilo que eu narrava ou mesmo trazia estampado sob a forma de hematomas no próprio corpo, com muito orgulho, fosse loucura, ou, na melhor das hipóteses, nada significasse.

Durante sete anos pratiquei com o mesmo professor, em Xaxim, e há quase seis anos treino com outro *sensei*, de Florianópolis. Na capital pude observar tudo o que percebia antes, mas de modo mais intenso, o que acredito deva-se ao fato de não haver vínculo comercial (não se cobram mensalidades) na academia onde treino, isto é, há um outro tipo de pacto entre os participantes, baseado nas hierarquizações. O professor não *precisa* dos alunos, então quem não for obediente e, em algum grau, submisso, respeitando todas as formas de hierarquia, ainda que sejam em determinados momentos arbitrárias, não deve permanecer na/com a equipe.

Novamente sou a única mulher entre os homens, e identifico várias manifestações fortes, mais do que nunca, de masculinidade (exibições de virilidade, sexismo, *performance*, excesso, dominação...), assim como uma *pedagogia da dor e do sofrimento* disseminadas pelo professor e pelos próprios alunos/atletas que a concebem como racional e legítima. O que é interessante observar neste ponto é que, para além das

(até 60kg; de 61 a 65kg; de 66 a 70 kg; e assim por diante). Houve, junto a essa divisão, alguns comentários vindos das mais diversas fontes do meio *karateca*, que comemoravam o surgimento de outras categorias e do que deveria aparecer com elas, a *justiça*, uma vez que não mais “magros” lutariam com “gordos”!

hierarquizações, em algum momento do percurso marcial no *dojo*, idéias que por lá circulam chegam a ser absorvidas de uma forma que não são mais possíveis imposições do *sensei*, mas algo plenamente incorporado pelos próprios praticantes. Isto é, a necessidade de gravar experiências na carne por meio de incontáveis penas deixa de ser uma insistência do *sensei* e se torna reconhecimento, quase uma “comprovação científica” de que assim é e deve ser, por parte de quem treina e sofre (querendo sofrer, pois então tem real valor) as dores. Os que não chegam a este grau de concordância, de forma mais ou talvez menos elaborada, não permanecem treinando.

A este quadro acrescentam-se ainda novos fatos. Meu interesse por artes marciais nunca esteve restrito ao *Karatê*. Embora tenha sido sobre ele que sempre me debrucei e a que me dediquei, tive algumas vivências em *Tae Kwon Do* e *Judô* por períodos bastante breves, por isso não me atrevo a descrevê-las de maneira mais detalhada. Não continuei com as modalidades por uma série de motivos, porém o interesse pela via marcial ampla, digamos, permaneceu. Já possuía algum grau de domínio da técnica do *Karatê*, mas sentia ainda a falta de algo que também não sabia explicar: talvez novas experiências marciais ou o conhecimento dos tão divulgados limites corporais! Acabei me defrontando com novas possibilidades: *I Ai Do* e *Nei Kung*. A primeira, luta de espadas de origem japonesa como o *Karatê*. E a segunda, embasada no *I Ching* chinês, desenvolvida por um *artista marcial* (uma das formas utilizadas para denominar o praticante de artes marciais) com vasta experiência em diferentes modalidades, chamado Michel Echenique Isasa.

Para finalizar o curso de Licenciatura em Educação Física, mencionado anteriormente, apresentei uma monografia⁴ na qual abordava a prática de *Karatê*. Algumas das reflexões aqui postas retomam tal trabalho. No entanto, o *I Ai Do* e o *Nei*

⁴ TURELLI, F. C. **Educação do corpo em artes marciais**: um estudo sobre rituais, masculinidade e representações da dor em caratecas. Florianópolis, nov/2005. 66p. (Monografia)

Kung surgem como novos objetos. Pareceu-me interessante a idéia de realizar algo como um estudo comparado entre as diferentes artes marciais, já que possuem semelhanças, mas, contudo, algumas diferenças significativas entre si.⁵ Venho praticando essas outras artes marciais que não o *Karatê* há mais de dois anos e tenho constatado a presença de aspectos bastante interessantes nelas. No *Karatê* está demarcado mais fortemente o lado esportivo que uma *luta* pode assumir, enquanto que no *Nei Kung* e no *I Ai Do*, os aspectos “filosóficos”. No entanto, a filosofia marcial não parece negar a existência e talvez mesmo a necessidade, da pedagogia da dor e do sofrimento como uma *didática*, um método de ensino, que dá forma a um *capital corporal* (BOURDIEU, 1982) adquirido por meios que observa como legítimos. Surge, com isso, uma primeira pergunta de pesquisa: como se constituem as formas de representação da dor nas artes marciais em questão (*Karatê*, *I Ai Do* e *Nei Kung*)?

Também no meio esportivo, representado aqui pelo *Karatê*⁶, está posta a dor – do mesmo modo que nas artes marciais filosóficas. Em ambos os *espaços* (marcial-esportivo e marcial-filosófico) a dor é, geralmente, uma auto-imposição; o submeter-se a ela ocorre com a intenção de potencializar o corpo e suas ações. Isso explica o que alguns praticantes definem como “superação de limites”, “sensação de *dever* cumprido”, ou mesmo “prazer na dor”. O discurso esportivo e sua pedagogia *anunciam* que por meio do esporte ocorre algo como uma *melhora de caráter*, que se adquire disciplina, do mesmo modo que autocontrole, respeito, responsabilidade etc. Conforme este discurso, estas seriam algumas das qualidades promovidas pela prática esportiva.

⁵ Com a finalidade de conceder uma visualização um pouco mais palpável destas artes marciais, apresento, no segundo tópico deste trabalho, uma descrição das mesmas, relativamente concisa, mas que permite, de qualquer forma, maior compreensão sobre de que se trata. Neste mesmo capítulo também farei a apresentação dos espaços em que se deu a pesquisa.

⁶ Muitas das lutas de hoje são (ou eram) concebidas como, de fato, arte (marcial), mas sofrem um processo de *esportivização*. O *Karatê*, inicialmente arte, tradicionalmente oriental, sofreu um processo de *ocidentalização* e se *transformou* em esporte. Essa esportivização de práticas resulta de uma tendência da racionalização do corpo, ao mesmo tempo em que isso se coaduna com a aceleração contemporânea e com a exigência dos sentidos pela velocidade e pelo superlativo. E, há ainda, a *espetacularização* e *mercadorização* como também componentes desse quadro.

Entretanto, parece tratar-se de uma pedagogia modelar para a sociedade contemporânea – uma vez que a pedagogia esportiva, de dor e sofrimento que instrumentaliza o corpo na busca das qualidades citadas e exalta um certo modelo de masculinidade, principalmente nas lutas, pode também promover um tipo de *(semi)formação* humana.

O esporte organiza o corpo simultaneamente no sentido da restrição e da potência. As lutas são parte importante desse quadro ao serem esportivizadas, o que se reflete na organização de treinamentos sistematizados e competições. Porém, há ainda as lutas que se negam a tomar parte deste processo, autoreferenciadas como alternativas filosóficas. Tendo isso em conta, chego à segunda pergunta de pesquisa: haveria similaridades ou mesmo possibilidades de comparar o quadro encontrado junto ao *Karatê*, no que tange à pedagogia da dor e do sofrimento, aos do *Nei Kung* e *I Ai Do* (artes marciais filosóficas)? E ainda: enquadram-se as artes marciais filosóficas, de algum modo, à lógica esportiva (e se o fazem, de que forma), ou realmente permanecem alheias a esse processo?

Como objetivo central desta pesquisa, em que participo, inclusive, como fonte, busco, então, compreender como a pedagogia da dor e do sofrimento presente, mesmo que sob diferentes aspectos, em todas as modalidades supracitadas, torna-se legítima, “natural”, e também suas implicações para a educação do corpo. Ouso dizer, tendo, evidentemente, algo em que me embasar, como minhas vivências nas modalidades, especialmente, ou mesmo algumas leituras realizadas, enfim, que, sim, a pedagogia da dor e do sofrimento está presente em todas as modalidades englobadas por esta pesquisa e, que é tida como natural a cada uma delas – e esta é, portanto, a hipótese central deste trabalho.

Devo destacar que ele incorpora um revisitado freqüente de minha experiência como lutadora, de forma que também lanço mão de reflexões enquanto aluna/atleta

sobre as lutas, todas praticadas por mim, e não me apresento apenas como pesquisadora. Em outras palavras, estudo minha própria condição, tornando-me, portanto, também fonte do trabalho.

No que se refere a como foi desenvolvida esta pesquisa, possuí, de modo geral, uma inspiração em Geertz (1978). Realizei uma investigação de campo, descritiva, com uso de instrumentos etnográficos, em dois *dojos* de artes marciais de Florianópolis, com incursões também em *competições* das modalidades, fossem de caráter unicamente esportivo, ou mesmo do registro filosófico, não podendo ser classificadas como competições propriamente ditas, portanto. Busquei um movimento de *distanciamento* do campo (tentando estranhar o que me é tão familiar). Ele me foi necessário para poder olhar as modalidades como “desconhecidas” e, assim, não deixar passar elementos já incorporados por mim. Por outro lado, vejo que às vezes se torna importante fazer o percurso inverso, “aproximando-me” de minha experiência a fim de interpretar alguns acontecimentos.

A coleta de dados se deu por meio de observações sistemáticas de aulas/treinos de *Karatê*: foram observadas um total de treze aulas na primeira ida ao campo, período que durou três meses, em 2005 (junho, julho e agosto). O tempo de permanência no campo foi limitado por um *satramento* do meio em questão. Para estas incursões, posicionava-me de fora do tatame, apenas observando os homens que *faziam aula* e anotando tudo que conseguia captar, mesmo o que não me parecesse, a primeira vista, *rico*. Neste período ainda foram realizadas entrevistas narrativas com dois alunos/atletas e com o *sensei* da academia⁷, registradas em caderno de campo, assim como as aulas, e em gravadores. Também observei uma competição da modalidade em que o *dojo* participou, sem que eu tenha me inserido, de fato, como atleta, tendo apenas

⁷ O roteiro seguido pode ser encontrado em anexo, ao final do trabalho.

acompanhado os homens nas disputas. Minha experiência como atleta de *Karatê* e minha memória constituem material que ajuda a compor o objeto, como já destacado. Em um segundo momento, em 2006 (junho), retornei ao campo, realizando algumas poucas observações de aulas, desta vez, participantes, sem que me ausentasse das práticas – tomava partes dos treinos e, assim que acabavam, registrava tudo o que recordava em meu diário de campo, tendo a experiência da própria carne como atestado para o que escrevia.

Também realizei observações participantes nas aulas de *I Ai Do* e *Nei Kung*, e incursões a alguns outros eventos, como competições e exames de faixa: permaneci neste campo (marcial-filosófico) por cinco meses (de junho a outubro de 2006), realizando observações participantes de um total de treze aulas de *I Ai Do* e dezesseis aulas de *Nei Kung*. Ainda observei, sem participar, dois torneios, um deles interno, aqui em Florianópolis, como uma forma de “seletiva” para o Torneio Anual de *Nei Kung*, realizado em São Paulo, também assistido por mim; e, por fim, relatei minha participação em um exame de faixa e no Encontro Nacional anual de artistas marciais, que é uma *reunião* de todos os praticantes de *Nei Kung* e *I Ai Do* do Brasil, na qual ocorrem treinamentos e palestras.

Considero que a principal diferença entre as incursões consiste no fato ter participado das aulas no campo marcial-filosófico, o que me impediu, em certa medida, de captar, anotando, o que as pessoas falavam, como pude fazer no caso do *Karatê*, em que estava de fora e podia tomar nota de tudo.

Nas próximas páginas, farei a exposição de algumas questões que entendo centrais, nas quais há pontos comuns e fortemente demarcados em ambos os *campos* (*meios*) pesquisados (*campo* marcial-esportivo e marcial-filosófico), tendo em mente que, nesta espécie de estudo comparado entre *Karatê*, *I Ai Do* e *Nei Kung*, a primeira das artes marciais citadas representa as características esportivas que uma arte de guerra pode assumir. Buscarei, então, manter diálogo com alguns autores, expondo, inclusive, um pouco do *discurso nativo* corrente nos campos, além de apresentar uma análise de dados empíricos em tópicos que tratam de assuntos como domínio de si, dor e sofrimento, violência e rituais.

Considero importante apresentar, antes de iniciar o trato direto com o que creio ser possível chamar de questões paralelas entre os *campos*, os espaços pesquisados, lugares de crenças e rituais que oferecem representações sobre o corpo que nem sempre coincidem com outras tradições, ainda que de forma concisa, assim como expor o que movimenta⁸ tais espaços, ou seja, as atividades contidas nos *dojos*, de forma a situar um pouco mais o leitor. Em seguida, trago um tópico que aborda as artes marciais de forma mais direta e que fala, brevemente, de algo como uma “ciência marcial” e conteúdos teóricos que embasam as práticas.

Com o quarto capítulo entro mais especificamente na questão do domínio de si – movimento necessário e irrenunciável para o processo civilizador –, dialogando com uma literatura acadêmica, mas também continuando com a apresentação do discurso nativo, o que acaba por inserir, de maneira mais ou menos intensa, o leitor naquilo que é narrado nos próprios meios marciais. Também exponho, a esta altura, dados coletados dos *campos*. O capítulo que sucede a esse segue o mesmo molde, entretanto as ponderações são sobre dor e sofrimento, fatos em si na medida em que são sentidos e,

⁸ “O Movimento pode deixar a descoberto uma série de atitudes (pistas) com respeito à nossa personalidade e referências (informações) sobre nós mesmos, que não ficam fora de percepção” (TABOADA, 1995, p. 21).

para os nativos, capazes de gerar algo como um fortalecimento do corpo que os suporta, uma vez que os atores dos campos narram, significam e representam as dores, os sofrimentos e os sacrifícios das práticas como legítimos, honoráveis, momentos de engrandecimento que justificam as ações contra o próprio corpo. Logo após, finalizo com o tema dos rituais e trotes como possuidores de forte carga simbólica dentro dos universos pesquisados; eles parecem alimentar, *fazer viver* e transmitir as rotinas dos espaços de treinamento.

2. As artes marciais pesquisadas e seus espaços

O corpo pode ser capaz de comunicar diversos signos constituídos socialmente; caracteriza-se quase que como um veículo de informações, portador de emblemas, tornando-se expressão histórico-social de grupos, classes e etnias. Por meio do corpo é possível submeter-se a provas e provar: a virilidade de um corpo pode ser suficiente para “atestar” a masculinidade de um indivíduo.

Esta *composição* orgânica que é o corpo, repleta de símbolos, mescla de complexidade organizada com a simplicidade do corriqueiro, síntese do embate entre natureza e cultura, pode ser fonte de sentimentos ambíguos, ora desprezada pelo que se restringe a ser, a *massa* com suas tantas limitações, portadora de um processo lento, mas contínuo, de algo como uma degradação em direção à falência inevitável; ora louvada, de modo contrário, por suas espantosas possibilidades. Realizações desta categoria, que garantem louvor ao corpo, são freqüentemente observadas no esporte. Gumbrecht (2001, p. 7) aborda este ponto afirmando que atletas e também espectadores esperam “uma epifania, isto é, a aparição súbita e transitória de algo que, ao menos durante o tempo de sua aparição, tenha substância e forma simultaneamente. Mas epifania significa, além disso, aparência-como-evento. O que aparece ‘como um evento’ bem pode ser surpreendente – por exemplo, a defesa de um goleiro tal como você nunca viu antes.”

O esporte pode ser entendido como um elemento fundamental do processo civilizador, um conjunto de dispositivos pedagógicos que organiza o corpo e suas expressões no sentido de simultaneamente restringi-lo em sua espontaneidade e potencializá-lo tecnicamente⁹. Apresenta uma lógica que pode ser comparada a que

⁹ Refiro-me ao esporte de rendimento, em que o treinamento é realmente “pesado” para que se possa obter resultados. O corpo deve, dentro desse processo esportivo, *progredir*, assemelhando-se, em

opera as guerras, ao procurar a intimidação e o domínio do inimigo/adversário¹⁰. Neste campo, repleto de rituais, sejam eles para homologar a ascendência na hierarquia de grupos ou simplesmente uma etapa a ser superada para passar a integrá-los, é novamente o corpo que torna possível a experiência. Ele experimenta e vai se moldando: torna-se ágil, flexível ou rígido, esguio ou envolto por volumosos músculos, de ombros largos, com orelhas ou pés *levemente* deformados... É, então, a expressão de uma prática.

O meio esportivo propicia a experiência ao corpo. Proporciona, inclusive, que experimente e *absorva* a dor fundamental nos treinamentos – ela também é componente central dos rituais de pertencimento de grupos, tanto para a entrada, quanto para a permanência neles. Ela é um fato na medida em que é sentida, e isso independe da sua interpretação científica. Este é um quadro comumente encontrado junto às lutas.

Nesse contexto, é possível começar a tratar, de modo mais específico, das modalidades de combate abordadas neste trabalho, quais sejam, *Karatê*, *I Ai Do* e *Nei Kung*. Antes disso, gostaria apenas de destacar que os dados históricos relatados são parte de uma história “oficial”, de consumo interno, talvez modificada ao ser narrada pelo mestre ao discípulo.

algum momento, a uma máquina que executa técnicas e *não dói* (ou melhor dito, a dor torna-se irrelevante; mais adiante, no texto, voltarei a este ponto).

¹⁰ O corpo assume no esporte o papel de objeto que precisa ser dominado pela técnica. Este domínio do corpo é potencializado pelas práticas esportivas que requerem rendimento e a adoração pelo caráter maquinal, de cujo progresso se deve esperar que seja infinito (VAZ, 2001).

2.1. *Karatê-Do*: a arte de combater com as mãos desarmadas

Karatê-Do significa, literalmente, “caminho das mãos vazias”, e “tem sua origem numa região que compreende os mosteiros chineses, indianos, japoneses e ainda outros países da Ásia e Oriente Médio. Porém, foi no Japão, mais precisamente em Okinawa, onde se elaborou a luta com as mãos livres, sem armas.” (LAUTERT *et all*, 2005, p. 138). Esta arte marcial foi concebida como uma prática que objetivava o autoconhecimento – o próprio *sufixo* “*Do*” sugere isso, uma vez que tem o significado de caminho, trilha, de “evolução espiritual” por meio da via marcial, conforme assevera Taboada (s.d., p. 19). Segundo diz, houve um momento em que

(...) o sistema de KARATÊ, que até então era Chinês, mudou para o sistema Japonês; esta mudança foi feita por Nagashigi Hanagi, que deu um sentido mais profundo ao KARATÊ, baseando-se mais no espiritual que no físico. Uma vez introduzido definitivamente o KARATÊ no Japão, anexou-se-lhe o vocábulo “DO”, que significa “Sendeiro”, Caminho, Via, que se emprega para a busca da Sabedoria.¹¹

Assim, contam alguns professores em academias onde a modalidade é praticada, monges budistas liderados por *Bodhidharma*, também monge, iniciaram o que mais tarde viria a ser o *Karatê-Do*, e também outras artes marciais que deste *movimento* derivaram. Taboada (p. 14-15) acrescenta que

Quando o Budismo se estende ao leste, também o fazem as Artes Marciais, e é por meio de um monge Budista, chamado Bodhidharma, quem fora o primeiro patriarca do CH’YAN (zen) o responsável histórico pela recriação das Artes Marciais na China, ao redor do ano 520. Cabe aclarar aqui que Bodhidharma (Daruma-Taishi para os japoneses) é considerado

¹¹ Trata-se aqui da apresentação de discurso nativo, como assinalei na Introdução do trabalho, ou seja, estes dados informados são expostos em publicações de praticantes, notadamente experientes, mas praticantes e, portanto, fontes narrativas do próprio meio.

por alguns historiadores não como monge, mas como um integrante da segunda casta, chamada guerreira, ou Kchatrya; assim como também praticava uma Arte Marcial chamada VAJRAMUSHTY e que, segundo se diz, daí extraiu os movimentos que serviram de base aos monges para dominar o corpo.

Posteriormente, há relatos, também sob a forma de narrativas míticas, de que na Ilha de Okinawa, uma região japonesa que parecia ser bastante atrativa aos governantes devido à sua localização, ocorreram muitos conflitos e ataques na tentativa de seu domínio. Com isso, os habitantes de tal localidade precisaram *lapidar* o *Karatê-Do*, dada a necessidade de autodefesa sem armas, considerando que havia uma proibição do uso destas – supostamente feita pelos governantes da época.

De Okinawa, conta-se, saiu Gichin Funakoshi. Ele teria sido o responsável pela divulgação do *Karatê*, já que logo em 1922 conduziu apresentações públicas da modalidade em Tóquio, Japão. A partir delas Funakoshi teria recebido convites para ministrar aulas em instituições semelhantes às Universidades que temos hoje. Após vários anos de prática, alguns de seus seguidores com muita dedicação, criaram seus próprios estilos. Funakoshi havia criado o *Shotokan*, estilo existente até hoje e que significa “escola/casa de *Shoto*”, ou “escola/casa de Funakoshi”. *Shoto* foi um apelido auto-atribuído e significa “ondas de pinheiros” (diz-se que depois dos treinamentos Funakoshi gostava de andar na floresta, entre os pinheiros, percebendo como se movimentavam junto ao vento; era daquela maneira que se sentia após uma sessão de treinamento extenuante de *Karatê*). Alguns dos seus alunos/seguidores criaram ainda o *Goju-Ryu*, o *Shito-Ryu* e o *Wado-Ryu*, sendo este último aperfeiçoado por Hironori Otsuka, com o significado de “estilo do caminho da harmonia” e desenvolvido a partir de 1933¹².

¹² O estilo *Wado* é o praticado por mim há mais de doze anos.

Com a divulgação e expansão do *Karatê*, algumas coisas mudaram. O *sufixo* “*Do*” quase não é mais utilizado e a arte marcial em questão não vem sendo concebida exatamente como uma forma de aperfeiçoamento pessoal. O *Karatê* é classificado como uma arte marcial *externa*, que trabalha com aspectos mais palpáveis, materiais, proporcionando um desenvolvimento físico de seus praticantes. Espera-se que ocorra algo para a formação do caráter devido à dura disciplina exigida; no entanto, as práticas voltadas a um desenvolvimento que *transcenda o físico*, que vá em direção ao *espiritual*, concernem às artes marciais *internas*. Sobre isso, Echenique (2002, p. 127-130) apresenta os seguintes argumentos:

As Escolas Externas são aquelas que desenvolvem exclusivamente o aspecto FTT (Físico-Tático-Técnico) e as Internas são aquelas que desenvolvem o FTT em uns 39% e o aspecto E.M. (Estratégico-Mágico) em uns 61%. As teorias de ambas são diferentes, porque trabalham com fatores diferentes. [...] as Escolas Externas desenvolvem os seguintes fatores: 1. Ação e reação proporcional; 2. Concentração focal; 3. Equilíbrio estático-dinâmico; 4. Respiração coordenada; 5. Velocidade/Tempo. [...] As Escolas Internas desenvolvem os seguintes fatores: 1. Polaridade; 2. Campo Magnético; 3. Fluido; 4. Fonte do Fluido; 5. Percepção Interna; 6. Proporção Áurica; 7. Estratégia.¹³

¹³ Apresento aqui uma sucinta explicação dos elementos citados. Aspectos das Escolas Externas – 1. Ação e reação proporcional: fator inspirado na lei de Newton – “A toda força se opõe uma força igual em sentido contrário”; de maneira prática, o atleta busca equilibrar sua ação e reação, em algo como uma compensação. Por exemplo, se golpeia com o punho direito, o esquerdo retrocede e apóia-se no quadril. 2. Concentração focal: buscar um foco – pode ser um ponto específico do corpo de adversário – e concentrar a aplicação de força (golpes) nele. 3. Equilíbrio estático-dinâmico: o peso de todo o corpo deve estar distribuído igualmente entre as pernas; a junção das linhas de cada uma das pernas é o ponto em que se encontra o centro de gravidade – o ponto de equilíbrio. Ele é móvel, já que as forças estática e dinâmica, na luta, *intercalam-se*. 4. Respiração coordenada: os movimentos respiratórios são coordenados ao ritmo da luta. Quando se prepara o golpe, inspira-se, quando o ataque ocorre, de fato, expira-se. (Há um risco muito grande aqui, de que o oponente perceba exatamente os momentos de inspiração e desfira um ataque no plexo, por exemplo, nesse exato instante. Suas chances de vitória por nocaute, nesse caso, são notáveis.) 5. Velocidade/tempo: com o aumento da velocidade de aplicação das técnicas/golpes (diminuição do tempo de execução das mesmas), todos os fatores anteriores ganham em potência. Aspectos das Escolas Internas: 1. Polaridade: trabalha além do conceito físico-mecânico, no eletromagnético. Como exemplo prático: proporciona que os centros nervosos traduzam os golpes recebidos em estímulos eletromagnéticos em contínuo movimento (devido às polaridades positiva e negativa, que não permitem a estagnação), dispersando assim a força do golpe. 2. Campo magnético: já estuda e reconhecido como *Efeito Kirlian*, que tem propriedades como magnetismo, calor, luz e eletricidade. Nas artes marciais, é aplicável como um ímã, que repele ou atrai segundo a posição. As guardas, posições adotadas pelos lutadores, definem ou mesmo ditam a ação do adversário menos

Para esses modelos de escolas externas surgiram as academias de treinamento e, junto delas, as competições. Embora alguns *senseis* procurem fazer ligações com a antiga forma de conceber a arte marcial de Okinawa (em que o objetivo era defender a própria vida, utilizando o corpo como arma, dada a necessidade de um “viver em alerta”, o que acabava por lhes oferecer o grau de *filosofias de vida*), dizendo que há sempre uma guerra, uma batalha *travada*, por vezes do praticante consigo mesmo, um *inimigo* a ser vencido – que pode ser algum instinto que nos atormenta –, a nossa experiência contemporânea não permite plena comparação com os tempos tidos como “idos” e “originais”. Assim, o que ocorre é, de certa forma, a *produção* de combates que testam, com finalidade de disputa, nas competições, as qualidades físicas dos lutadores¹⁴. A preparação dos combatentes se tornou um pouco mais “sofisticada”: passou dos campos de batalha às academias, com um diversificado aparato de equipamentos que vai desde o tradicional *makiwara*¹⁵ aos relativamente modernos adipômetros¹⁶ e as mais variadas, e pesadas, anilhas¹⁷. Ou seja, de modo geral, a arte marcial-filosofia de vida se transformou, para a maioria de seus praticantes, em esporte.

experiente. 3. Flúido: é a força (formada, para a Escola Interna, por luz, calor, magnetismo e eletricidade). 4. Fonte do flúido: é o centro energético, o gerador de equilíbrio entre todas as tensões eletromagnéticas, algo como o sistema de comando, ou uma “central de dados”. 5. Percepção interna: este elemento surge em função dos *sentidos extra sensoriais* – a raiz dos sentidos físicos (visão, audição, tato...). É como que o coordenador de todo o sistema sensorial. 6. Proporção áurica: é a proporção determinante da harmonia que se estabelece em todas as relações, de equilíbrio, da velocidade, do ritmo etc. 7. Estratégia: é o que define os fatores anteriores e garante vantagem ao praticante em relação aos seus adversários. Cada guerreiro possui a sua, é individual.

¹⁴ Trata-se aqui simplesmente de uma constatação; considerar o fato “bom” ou “ruim” não tem relevância neste momento.

¹⁵ Pedaco de madeira, até certo ponto flexível, de 1 m, posto verticalmente, por 20 cm de largura e entre 2,5 e 3 cm de espessura. Possui em seus 20 cm superiores uma fina camada de esponja, coberta por lona preta, onde deve ser socado. É fixado a 10 cm da parede, preferencialmente de um pilar, por hastes de ferro, e a 50 cm de distância do chão, permitindo o treinamento com desenvolvimento de *boa base* a um adulto.

¹⁶ Aparelho utilizado para medir dobras cutâneas que após um cálculo dá a indicação da quantidade de gordura corporal.

¹⁷ *Pesos*, geralmente de ferro, que variam de algumas gramas a muitos quilos, utilizados na musculação.

Sob este formato, as competições se intensificam e são organizadas. No *Karatê*, estão estruturadas e, dito de maneira simplificada, divididas, em *kata* e *kumite*. O primeiro consiste em uma luta imaginária contra um adversário também imaginário, em que seqüências precisas de golpes são executadas visando aniquilar o tal adversário. Trata-se de uma apresentação. Pode ser exibido individualmente ou em equipes de três pessoas e o critério de julgamento é, além de *kime* (força e potência, em uma definição um pouco reducionista), *zanchin* (definição dos golpes, velocidade), entre outros elementos, a beleza das formas apresentadas e a sincronia dos movimentos – este último especialmente para as execuções em equipe. O *kata* deve ser apresentado de modo que seja “vivo”: como se o executante fosse capaz de quase visualizar a forma de seu inimigo, desferindo todos os golpes à tal forma; assim, o direcionamento do olhar acaba também sendo outro elemento de avaliação. O *kumite* é a luta propriamente dita. Pode, da mesma forma que o *kata*, ser disputado individualmente ou por equipes. O combate acontece sempre entre dois adversários, mesmo no *kumite* por equipes (todos os componentes da equipe lutam, mas um de cada vez, com apenas um integrante da outra equipe).

Do ponto de vista de sua organização administrativa, é preciso dizer que existem duas Federações responsáveis pelo *Karatê* em Santa Catarina: a Federação Catarinense de Karatê (FCK) e a Federação de Karatê Interestilos de Santa Catarina (FKISC). A segunda surgiu devido à insatisfação de muitos com a administração da primeira e é hoje considerada a “tradicional”. Começou a ser chamada assim pelos seus próprios adeptos porque a tradição seria algo que deve ser honrado, do mesmo modo que, garantem, deve ser toda a história e memória do *karatê*. A FKISC, com relação a isso, apresenta o discurso de que é capaz de reatualizar a tradição e tratar dos aspectos operacionais com mais eficácia. Assim segue a disputa. Contudo, é fato que a FCK, a

tradicional, cobra taxas mais altas, um dos motivos que levou à criação da FKISC, mas também é ela (a FCK), de acordo com muitos alunos, ou mesmo *dojos*, a Federação que promove competições de nível técnico superior (comparada à FKISC). Quanto à estrutura e organização, é tida por deficitária, mas o nível técnico dos atletas filiados à FCK faz com que seus campeonatos sejam mais “bonitos” na consideração da maioria dos lutadores¹⁸.

Entre as Federações, além das diferenças mencionadas, as regras de pontuação são distintas e os equipamentos utilizados também – a FKISC pede protetor de tórax e cabeça, enquanto que a FCK apenas luva e protetor bucal como obrigatórios, podendo, como não-obrigatórios, ser utilizados protetor de seios para as mulheres, coquilha ou protetor de genitais para os homens, além de caneleiras. Neste ponto, é interessante lembrar o que dizem Elias e Dunning (1985), ao tratarem da violência. Esses autores se referem a uma sensibilização, a uma *alteração de percepção* das pessoas, que passam a encontrar (e repudiar) agressividade em ações que, em sociedades do passado, não eram caracterizadas como violentas¹⁹. Por exemplo, no *pancrácio*, tipo de luta dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, os lutadores *podiam arrancar os olhos uns aos outros*; podia-se também lutar *com unhas e dentes*, mordendo e rasgando os olhos uns aos outros. Era permitido ainda *obstruir, agarrar os pés, narizes e orelhas, deslocar os dedos e braços, aplicar estrangulamentos...* A assistência a algum esporte semelhante, parece causar, hoje, na maior parte das pessoas, uma sensação incômoda, de desconforto, um estranhamento. E é este, para Elias e Dunning, o processo pelo qual as

¹⁸ Há duas Federações, como as expostas no texto, espalhadas por todo território brasileiro e mesmo em alguns outros países em que o *Karatê* é praticado. Não abordarei o que ultrapassa o Estado de Santa Catarina por considerar que não é parte e nem o foco do trabalho – uma vez que em outros Estados a segunda Federação (a Federação tida aqui por tradicional foi a primeira a ser instalada na grande maioria dos Estados) pode ter surgido por motivos diversos dos daqui e porque desconheço os processos de surgimento das Federações nos diferentes países em que hoje estão estabelecidas.

¹⁹ Pierre Bourdieu (1982) também trata da violência, sob um ponto de vista um pouco diferente, propõe o conceito de *violência simbólica*. O que se costuma entender por violência está geralmente associado a ações explícitas de agressividade, mas o que o autor vem apresentar vai além, abarca constrangimentos e humilhações não propriamente advindos de força bruta.

sociedades vêm passando: repudiar a violência e percebê-la sob várias *formas* em muitos espaços. “Em geral, pode dizer-se que os membros das sociedades do passado possuíam um limiar de violência inferior ao dos membros das sociedades mais recentes. Mas, entre os últimos, podem observar-se diferenças consideráveis na capacidade de tolerar tensões.” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 51).

Para Norbert Elias, o esporte contemporâneo corresponde a um conjunto de atividades que nascem e se desenvolvem com o objetivo de apaziguar e controlar a violência; ele teria um papel *civilizador*, pois sublima os desejos de violência e substitui o prazer da guerra pelo do jogo – afinal, é preferível que as pessoas se digladiem nas quadras, por exemplo, repletas de regras e meios de proteção, do que o façam em guerras. Entretanto, os EPI (Equipamentos de Proteção Individual), por certo, não garantem uma proteção total contra lesões e, ainda, por talvez possibilitarem uma pseudo-sensação de segurança, de como se os lutadores vestissem uma armadura impenetrável, acabam fazendo com que haja uma maior predisposição ao risco. O período em me propus a observar e pesquisar os ambientes marciais e também meus próprios anos de experiência no tatame levam-me a perceber que a grande maioria dos lutadores procura por “adrenalina”, ou seja, há um certo medo do risco da exposição, mas é justamente essa sensação que se quer. Se sentir medo fosse tão ruim, ninguém mais lutaria, pois ele é um elemento comum entre os atletas, em maior ou menor intensidade. E é consenso que deve ser enfrentado e vencido, independentemente dos hematomas.

Posta esta breve apresentação da primeira modalidade, tratarei de, em seguida, mostrar um pouco do que lhe garante a vida: a rotina de uma sessão de treinamento de *Karatê*²⁰.

A aula se iniciou às 20 horas e 15 minutos. Este horário é o que é destinado aos treinamentos para competições, aos atletas. No dia, a turma estava composta por dez alunos, todos do sexo masculino, com idades variando entre 16 e 24 anos.

As pessoas que faziam a aula foram chegando aos poucos. (Há uma turma infantil antes desse horário, assim alguns chegam bastante cedo e ficam conversando.) Eu já estava posicionada, sem estar trajando meu *kimono*, o que dava a entender que não participaria do treino. As pessoas que iam chegando cumprimentavam-me e perguntavam por que eu não ia treinar. Busquei explicar sucintamente que ia apenas assistir a aula porque precisava fazer um trabalho. Alguns ficaram conversando comigo, outros entraram no tatame, visto que a primeira aula do período já havia acabado, e se sentaram. Geralmente quem vai sentar no tatame é o pessoal da outra academia²¹, com quem *sensei* acaba sempre indo conversar.

Quando todos estavam se dirigindo ao tatame, para o início da aula, chegou um menino da outra academia, Bernardo²², faixa preta há pouco tempo, que ao entrar foi logo caçoado pelos colegas – pois estava havia bastante tempo sem treinar. Passando por mim, parou e me deu um beijo na face, o que fez com que a zombaria aumentasse.

²⁰ A transcrição que será feita agora está embasada em meu próprio diário de campo, mais especificamente no relatório de observação da aula do dia 29/06/2005.

²¹ São geralmente três, Vítor, Pedro e Paulo, os três faixas pretas. Pedro e Vítor eram, inicialmente, alunos de Luiz, começaram a treinar sob orientação dele. Mas, a certa altura, receberam uma proposta para ir para uma outra academia, onde passariam a receber bolsa e teriam direito também a uma bolsa para estudos universitários. Aceitaram a proposta e não deram muitas satisfações ao *sensei*, que ficou muito descontente. Depois de algum tempo de mágoa, voltaram a se entender. Agora Luiz é técnico da equipe masculina de Florianópolis que irá disputar os JASC (Jogos Abertos de Santa Catarina), assim, os atletas retornaram ao *dojo*. Demonstram respeito pelo *sensei* e são “parceiros de festa”; têm várias histórias juntos.

²² Todos os nomes dos sujeitos da pesquisa foram modificados a fim de preservar suas identidades.

Sensei chamou todos para acertar a fila. Eu, de fora, fiquei em pé, em respeito à saudação. O professor deu uma espécie de boas-vindas a Bernardo e falou das possibilidades que terá, tanto de sucesso em competições, quanto de receber uma bolsa de auxílio financeiro. Descreveu tudo sem dar muitas esperanças, ou seja, se o menino quiser mesmo conseguir alguma coisa, terá que batalhar bastante.

Em seguida, *sensei* mandou todo mundo alongar: “Forçar bem, viu?!”. Os alunos então se espalharam no espaço coberto por tatame; alguns preferiram fazer a atividade individualmente, outros em duplas. Vítor (estudante de Fisioterapia), que estava de fora por causa de uma lesão, entrou na área apenas para o alongamento. Depois de um tempo curto, as pessoas foram se levantando; nisso o professor disse para pegarem as luvas e, em duplas, começarem a soltar os golpes²³. Dois alunos pediram para treinar *kata*; dada a permissão, subiram para praticar no salão dos bailes²⁴. Marcos, também faixa preta, veio falar comigo para descobrir o que fazia; chegou dizendo, em tom de brincadeira, que eu estava era matando treino, que não tinha nada a ver com trabalho... Os que ficaram (não foram para o *kata* na parte de cima), nesse momento se dispuseram autonomamente no tatame, de modo a formar duas fileiras (quatro pessoas em cada), uma de frente para a outra, formando duplas. Marcos, o menino que falava comigo, acabou demorando um pouco para retornar, então o professor o chamou e dois dos alunos já começavam a se movimentar; eles olhavam para Marcos e pareciam insinuar que não era hora de conversa, mas de treino.

Alongaram os golpes por pouco tempo. *Sensei* logo mandou rodar²⁵. Repetiram a primeira função nas duplas diferentes e então rodou de novo. O que devia ser feito era ditado por Luiz continuamente: a cada rodada, comandos mais difíceis eram passados. Primeiro um dos integrantes da dupla atacava e o outro recuava, esquivava, defendia; em seguida recuava, esquivava e contra-atacava – a seqüência de golpes

²³ Rotina em todo início de aula. Os alunos devem começar, de leve, a golpear um colega, num ritmo mais lento que o de uma luta, de fato. Serve com um aquecimento e alongamento mais preciso, necessário a cada golpe específico.

²⁴ Mais adiante serão apresentados os espaços pesquisados.

²⁵ Movimento que altera a disposição das pessoas nas duas filas; cada um passa a ocupar o posto do que lhe está à esquerda. Trata-se de um rodízio simples que faz com que as duplas se intercalem.

sempre mudava e existiam opções a serem aplicadas, não era uma técnica totalmente fixa, pelo menos, não naquele momento. (O que se busca é um repertório de ataques que pontuem e confundam o adversário, como que uma maleabilidade do lutador que, por praticar constantemente, começa a perceber *brechas* no oponente e a elas preenche com seus mais diversificados e inesperados ataques.) *Sensei* procurava estimular os alunos em todos os momentos, “Vamos, vamos!” Independentemente do grau de cansaço que possam apresentar, devem continuar rendendo, isto é, tendo um bom rendimento, de técnicas ágeis e eficazes.

Os homens já estavam aquecidos, os golpes deviam, então, ser mais certos. Gustavo, faixa preta, 1º *dan*, levou uma pancada no nariz. Saiu um pouco de sangue que ele, com alguma indiferença, limpou no *kimono* e continuou lutando. Gabriel, faixa laranja, 6º *kyu*, depois de um *shibarai*²⁶ ficou caído no chão, com a mão na canela e expressando dor. Muitos olharam condenando, afinal não é este o comportamento que se espera de um *karateca*; não deve se entregar, precisa ser forte. O menino logo se levantou e continuou, mesmo não conseguindo firmar o pé no solo.

Bernardo, depois de rodar, fez questão de mostrar-se cansado para Pedro (estudante de Odontologia), como quem espera algum conforto. Pedro logo expressou: “É... Está pensando que aqui é aquela moleza...?!”

Vítor esteve grande parte do tempo atento a Marcos, dando algumas dicas – na verdade parecia querer mostrar que Marcos tem muito a aprender. Trata-se de uma disputa interna, eu diria. O professor, algumas vezes, parou todo o grupo para dar orientações; outras, dirigiu-se apenas a duplas específicas.

O treino continuava. Passada mais de uma hora de atividade, os combates estavam mais fortes. Pedro, que é muito bom tecnicamente, parecia querer mostrar a Bernardo, com quem lutava, que este precisaria de melhor condicionamento físico. Ambos ficaram nervosos e a luta

²⁶ “Banda”, espécie de rasteira passada nas pernas para derrubar o oponente.

ficou cheia de pancadas intencionalmente fortes, agressivas. *Sensei* logo percebeu e mandou rodar, dizendo que os alunos deviam relaxar, sem mencionar nomes. O combate seguinte ficou mais tranqüilo em todas as duplas.

Dando continuidade, Luiz queria que os alunos treinassem *jogai*²⁷. Então as duplas posicionaram-se nos cantos, como se um dos integrantes estivesse encurralado e devesse sair da situação sem sair do *koto*. Quem estava na posição que pressionava, precisava atacar e marcar pontos, imaginando que estava no final da luta (cinco segundos finais), perdendo, precisando, portanto, atacar. Luiz prosseguia: “Vai! Anda!”, “Entendeste, ô?!”, “Anda!”

Luiz se empolgou vendo a aula fluir e suas instruções iam aos gritos aos alunos: “Tem que sair, sai, sai, anda!”, “Vamos! Capricha, vamoossss!”. As duplas rodaram e inverteram a posição de cada lutador. Vítor dava suas dicas: “Tens que mexer com ele, não adianta queimar [fintar, ameaçar] e não fazer nada...”; Luiz também insistia: “Mais rápido, Gustavo, está pesado”, “Define, Marcos! Levanta a guarda, definição, [palavrão]! Não tem brincadeira, não! Tem que sair...” Os alunos, em meio a tantos estímulos, e gritos, soltavam *kiais*²⁸, principalmente Marcos.

Uma das duplas era composta por Pedro e Marcos. Pedro, assim como Paulo (estudante de Educação Física), fica nervoso quando sofre algum ataque que deriva em ponto. Desse modo, mesmo que Marcos pedisse desculpas (às vezes, o pedir desculpas irrita), ia querer contra-atacar até ter o seu ponto – é algo como uma violência advinda de humilhação, por vezes bem pior que a violência “pura”²⁹.

²⁷ *Jogai*: saída do *koto*, a área delimitada para luta. A cada *jogai*, nas competições, há uma advertência, e a soma de três delas resulta em perda de um ponto da pessoa que saiu da área de combate. É interpretado como fuga, recuo excessivo. E fugir não procede. Quando um foge não há luta – e nem espetáculo, nas competições.

²⁸ “Grito” emitido junto a um golpe. Deve nascer no diafragma e não na garganta, pondo para fora alguma energia; também é utilizado como forma de exterminar o próprio medo.

²⁹ Não se pede desculpa. Quem bateu não pode ter “pena”; ainda que pretenda ser educado, o colega de treino tem de suportar a pancada, ser forte. E além do mais, quem ouve o pedido de desculpas se sente humilhado, uma vez que *levou* o golpe, deixou que *entrasse*. Visualizo duas possibilidades, considerando minha prática: se um *karateca* leva um golpe forte e não ouve o pedido de desculpa, sente-se até bem, pois agüentou uma *grande* pancada; no entanto, se ouve o pedido, vê que seu colega de treino sabe que bateu forte e pode estar se colocando em situação/posição superior, ainda que isso nem passe

Voltaram para o centro do tatame e mudaram de oponente. O professor explicou o próximo golpe: clinche (“abraçar” o adversário, de forma a impedi-lo de realizar qualquer ataque; quando o oponente se distrair, rapidamente se afastar dele, e golpeá-lo, marcando o ponto). Os alunos deviam disparar uma seqüência de golpes com os braços, até chegarem muito próximos do adversário, quase o abraçando. Quando estivessem assim, tinham de empurrar o oponente a uma distância que desse para pontuar – algo bastante preciso, que necessita quase que ser medido, pois há uma distância específica, correspondente a pouco mais que o comprimento do braço do atacante; se for além disso, se a força, portanto, utilizada para distanciar o adversário de si for superior ao que deve ser, este ficará com tempo para recuar ainda mais e impedir o ataque ou atacar primeiro, invertendo o quadro.

Nesta atividade, Marcos e Pedro continuaram juntos. Marcos é maior, mas Pedro é ágil e aplicou um *shibarai*, derrubando o primeiro; logo em seguida ele olhou para mim. Parecia querer ter certeza que tivesse visto – embora ele não soubesse exatamente o eu que fazia, acredito. Manteve-se perto de onde eu estava, talvez para ter certeza que anotava, ou via o que fazia e, provavelmente também por eu ser mulher.

Sensei parou tudo, bravo. Explicou de novo e mandou fazer outra vez. Não deixou continuar por muito tempo, mudando a atividade. Disse para todos ficarem na formação inicial, ou seja, duas grandes fileiras, um de frente para o outro, em duplas. Aí havia uma distância maior entre os dois da dupla – como há no *koto* de competição. O que queria que fizessem, os alunos, era que a cada comando “*hajime*” (iniciar o combate), os alunos partissem para o ataque e marcassem ponto no menor tempo possível – um só golpe, rápido e tudo estaria acabado. Retornavam à formação para repetir. Luiz novamente estimulava os alunos com gritos, e também dava pequenas explicações.

Em meio à atividade, Gabriel resvalou no suor que tornava o chão, coberto pela lona que forma o tatame artesanal, bastante liso, e

pela cabeça dele. Com isso, parte para o ataque a fim de mostrar quem é superior. Desse modo, parece haver um outro tipo de violência, que não se manifesta explicitamente, quer dizer, há algo que leva à violência “bruta”, constituída por agressões físicas, mas que lhe é anterior: a humilhação. Gumbrecht (2001) trata disso como sendo *as relações de poder* transformadas em agressividade.

caiu. *Sensei* explicou que não há penalidades em caso de se bater em alguém caído, que a regra permite, portanto “Deve ir pra cima mesmo!”.

Luiz falou para Pedro e Paulo montarem cada um a sua equipe de luta, para que se enfrentassem – cada uma ficou com quatro pessoas (Pedro começou escolhendo um lutador, em seguida Paulo escolheu e foram intercalando as escolhas até terem suas equipes). Os componentes da equipe lutam sempre um por vez; os outros observam e dão algumas orientações. A ordem das lutas é pré-estabelecida junto ao responsável pelo *koto*, nesse caso, Luiz, e esta ordem não muda; contudo os adversários nunca sabem com quem irão lutar. Descobre-se no momento do combate. Os técnicos das equipes são os responsáveis por definir o primeiro lutador, o segundo, e assim por diante.

Depois de quatro lutas entre as equipes, houve um empate. Então aconteceu outra luta a fim de desempatar. Pedro, que organizou sua equipe, apenas apontou o seu representante, “Tu”. Não houve questionamentos, apenas obediência ao líder que garante sua hegemonia pelo alto grau de domínio da técnica. Gustavo lutou e o resultado final foi vitória do grupo de Pedro.

Luiz deu alguns “toques”, disse que “O atleta luta para o árbitro, tem que mostrar o ponto pra ele”. Fizeram mais uma rodada de disputas e a equipe de Paulo desta vez venceu. O desempate geral foi feito por Gustavo e André. Antes que finalizassem o combate, os que estavam de fora negociavam o prêmio. Várias sugestões apareceram, desde dança na boquinha da garrafa até flexões para os perdedores. Fecharam por aí: quem vencesse, então, *pagaria* 50 flexões e, quem perdesse, 100 – a penalidade era para toda a equipe, cada um deveria fazer 100 repetições. A equipe de Pedro venceu.

Para finalizar, passaram a um alongamento silencioso, com alguns poucos comentários. Depois fizeram várias séries de muitas repetições de abdominais e as flexões foram cobradas pelo professor e pelos próprios alunos, uns aos outros. Feito tudo, acertaram a fila e André foi chamar os que estavam treinando *kata*, na parte superior. Fizeram a saudação e logo em seguida se juntaram no centro do tatame

para o grito de guerra (“Raça, raça, raça, Ígaro!” – homenagem a um atleta do Clube que faleceu há alguns anos).

Foram saindo do tatame, alguns tiraram a parte superior do *kimono* ainda nele e depois se encaminharam para o vestiário. Leandro disse que precisa de mais preparo físico e foi pular corda. Gustavo veio até mim e queria ler as anotações que fiz. Somos bem amigos e eu então, com a intenção de que ele mudasse de idéia, de que esquecesse o que queria inicialmente, busquei alguns assuntos sobre os quais costumávamos falar. Ele mergulhou mesmo em minhas questões e eu guardei o material discretamente.

Depois que trocaram de roupa, subimos todos juntos e nos despedimos na rua.

Cumprida esta parte, passemos ao *I Ai Do*.

2.2. *I Ai Do*: a arte de enfrentar o desconhecido

I Ai Do, esgrima de origem japonesa, significa “A arte de enfrentar o desconhecido”. É *classificado* em estilos, como acontece com a maioria das artes marciais. O primeiro estilo de *I Ai Do* de que se tem registros precisos é o *Nin Hon Dento Shinto Ryu I Ai Do*, fundado em 1864, ano compreendido pelo período *EDO* japonês, que pode ser descrito como um período de violência³⁰. Conta-se que esse estilo foi disseminado por *Mitsugi Yoshimatsu*, um espadachim japonês que manejava diferentes tipos de *katanas*³¹, “dançava *kembu*, a dança alegórica dos samurais, tirava sonoras notas do *shamisen*, e escrevia *tankas*, tudo isso com a mesma maestria com que esgrimia sua espada.” (GUIMARÃES, 2001, p.22)³². O *Nin Hon Dento Shinto Ryu I Ai Do* ramificou-se em outros dois estilos: o *Shinto Ryu I Ai Do*, propagado no Brasil por George Guimarães, *discípulo direto* de *Yoshimatsu*, e o *Shinto Ryu I Ai Battojutsu*³³, que é praticado no Brasil, mas ainda é *buscado* no Japão, ou seja, periodicamente, o instrutor mais graduado do país, um homem chamado César, vai ao Japão. Ele entra em contato com os *senseis* responsáveis pelo *I Ai Do*, por suas mudanças e alterações, disseminação e tudo o mais que possa ocorrer nesta modalidade e como que atualiza os conhecimentos sobre. Nestas viagens é que ele se apropria de novos movimentos, golpes, *katas*, saudações, nomenclaturas e também mostra o que estamos praticando

³⁰ Informações coletadas a partir de uma apresentação histórica de *I Ai Do*, feita por Helder Chin Lemos, em um Encontro de Artes Marciais, ocorrido em São Paulo em 23/09/2006.

³¹ *Katana*: espada japonesa.

³² Trata-se nesta modalidade também, assim como no caso do *Karatê*, da apresentação do discurso nativo, daquilo que é veiculado no meio marcial-filosófico – o que acaba por inserir o leitor, em certo grau, nos assuntos circulantes no campo.

³³ O *Shinto Ryu I Ai Battojutsu*, estilo que pratico, é caracterizado como de corte. Preocupa-se com estética e discrição, ao mesmo tempo (todo samurai que se preze é discreto), mas é, essencialmente, praticado com o intuito de cortar. Existem, inclusive, nas graduações (há no *I Ai Do* um sistema hierárquico, da mesma maneira que no *Karatê*, instituído pelas faixas, com a diferença que, no primeiro, utilizam-se símbolos *anexados* à manga esquerda, na altura do ombro, do *I Ai Do Gi* – parte superior, que cobre os membros superiores, do uniforme de *I Ai Do*) mais avançadas, práticas de corte em um material constituído por grande quantidade de palha unida e molhada, o que se assemelha bastante à constituição do corpo humano – ao menos para o corte.

aqui. Com isso, se algo que estamos fazendo estiver fora da norma, digamos, é prontamente corrigido pelos japoneses, “chefes” do *I Ai Do* no mundo, e, quando de volta ao Brasil, César repassa os conhecimentos aos praticantes brasileiros, sejam correções ou novas aquisições.

George Guimarães, em seu livro intitulado “A magia da espada japonesa” – uma narrativa mítica, e nativa – fala de uma diferença crucial entre os dois estilos resultantes do *Nin Hon Dento*. Para ele, *seu* próprio estilo busca a “evolução espiritual” (“A esgrima nascida da devoção”), enquanto que o *Battojutsu* (“A esgrima nascida do ódio”) prioriza a eficiência em combates.

Independentemente das classificações desse autor e esgrimista, qualquer estilo de *I Ai Do* é muito cerimonial, detalhado e valorizado esteticamente. Não consiste propriamente em uma prática exaustiva; não contém grandes deslocamentos e no que se refere³⁴ à forma utilizada para eliminar o inimigo, esta deve ser bastante discreta. Ao mesmo tempo, provoca um certo desgaste nos membros superiores, pois requer muitos movimentos repetitivos de corte com a espada. Também é comum, pelo menos no início da prática, dependendo da *katana* que se possua, algumas lesões nas mãos até que estas se habituem ao manejo da espada. Este tipo de lesão, que surge geralmente por insistência nos treinamentos, além de, em certa medida, ir *forjando o corpo necessário* à prática específica, serve como atestado de aluno dedicado, e, assim, provável detentor de bom nível técnico. O corpo ferido demonstra que, para participar de competições, os alunos pagam preço alto e, portanto, adquirem nível para tal. No *Karatê*, as lesões costumam surgir nos pés, devido aos longos períodos que se mantêm em movimentação e, atestam dedicação, o que deve implicar em maior grau de domínio da técnica. O preço é pago; então há a permissão para competir e vencer.

³⁴ Há outras modalidades, além das lutas, como a ginástica artística, por exemplo, em que lesões nas mãos são indicativos da qualidade dos atletas.

A *katana* não possui muito fio para corte – este só é permitido depois de longo tempo de prática –, apenas um pouco, bem na ponta da lâmina, parte que é chamada de *kisaki*. O *kisaki* acaba sendo o responsável por alguns cortes que surgem, às vezes, na mão esquerda, que faz a finalização do embainhar da espada, ou *noto*³⁵. A lâmina também representa o espírito da espada; todo o resto, inclusive o corpo do praticante, deve ajustar-se a tal parte. Talvez seja por esse motivo que *Miyamoto Musashi*, o mais célebre espadachim japonês, tenha dito que “aquele que conhece a arte de lutar com a alabarda é um alabardeiro, quem conhece a arte de atirar flechas é um arqueiro, mas quem pratica a luta de espada conhece mais que a técnica de esgrimir, é alguém que compreende a essência de todas as coisas.” (GUIMARÃES, 2001, p.22).

O corpo precisa, para o *I Ai Do*, ajustar-se ao instrumento que maneja, a espada. Kammer (1995, p. 11) orienta que “a perfeição na arte das espadas consiste em dois componentes: a segurança técnica e o entendimento espiritual. Ambos devem formar uma unidade, e são inalienavelmente interdependentes.” Há movimentos na arte marcial que requerem certa *adequação* do corpo. Eles não são, por assim dizer, naturais a ele; é necessário como que *podar* a espontaneidade e tornar precisos e discretos os movimentos corporais. Por outro lado, existe uma visão mais mítica, digamos, dessa prática. Ela expressa que a espada possui uma trajetória a ser percorrida e que ao corpo cabe conduzi-la nesse trajeto, apenas isso. A saída indevida de tal caminho é, sem exageros, fatal. Assim, a *katana* é tratada com reverência, como se viva e ativa, a todo tempo manifestando suas intenções, ainda que sem palavras; ela seria a própria condutora do corpo, uma vez que conhece o caminho a percorrer, enquanto que ele, quando faz bem seu trabalho, simplesmente não interfere e a leva aonde deve ir. Então

³⁵ Com a mão esquerda se segura a bainha da espada horizontalmente na altura da cintura, próximo do umbigo e, com a direita, a *katana*. A espada é levada até o antebraço esquerdo, ficando também em posição horizontal, paralela ao chão; daí desliza até o orifício de entrada para a lâmina, chamado *koigushi* e, primeiramente o *kisaki* adentra o *saya* (bainha), seguido por toda a lâmina.

os dois, quando em harmonia, são um; e quando desarmonizados, não podem permanecer juntos.

Aqui é possível observar um ponto importante que diz respeito à técnica. Para adquiri-la e executar os golpes com precisão, que devem consistir em cortes certos, aniquiladores do adversário, o corpo se adequa ao instrumento. Ele é, antes, o próprio instrumento, valoroso na medida em que garante a vida e a *vontade* da espada. Deve ser podado em sua espontaneidade a fim de que não atrapalhe e comprometa a ação da *katana*. Ela comanda. Ele precisa se restringir aos movimentos que originam passadas bastante curtas e silenciosas, a sacar a espada e imediatamente posicioná-la para o corte, sempre mantendo os cotovelos o mais fechados possível, cortar em seguida e, então, guardar a espada, sem expô-la demasiadamente. A espada não atende às necessidades do corpo. Ele é que adquire a técnica necessária para portá-la. Se não houver um grau mínimo de domínio da técnica necessária para cortar, para além de todo o simbolismo da espada, torna-se inviável qualquer corte (pois o *te no uchi* e o *hasuji* – o correto posicionamento e deslocamento da lâmina, respectivamente – devem ser constantemente observados, do contrário, é possível que se dê uma “espada” no oponente, que se bata nele com a lâmina na posição errada e não com seu fio de corte, evitando, assim, que ele seja aniquilado pelo corte, de fato). A prática para adquirir a técnica forja o corpo. Sem ela, não é possível nem mesmo segurar a espada, que é relativamente pesada para um braço só; torna-se inviável empunhar a espada, conduzi-la, pará-la e também guardá-la. Sem técnica, não há *I Ai Do*.

Todo *I Ai Do* é desenvolvido por meio da prática constante de *katas*. São em grande número, transmitidos aos poucos pelos *senseis* aos praticantes. Para que os *katas* sejam bem executados, faz-se indispensável a prática de alguns fundamentos, que são quase rotina nos treinamentos. São constituídos por: *koigushi no kiri kata*, destravar a

espada; *ko*, empunhar a espada; *nuke tsuke*, cortar lateralmente, à altura dos ombros; *seme*, preparação para o segundo corte com a espada na altura da cabeça; *furi kabute*, ameaça relacionada à postura; *kiri tsuke*, corte frontal, da cabeça ao umbigo; *shiburi*, destravar e limpar a espada das vísceras do inimigo; *noto*, limpá-la de seu sangue e guardá-la. Algumas variações são praticadas, sempre com a finalidade de aprimorar o ato máximo da arte, o *kata*. Conforme Taboada (s.d., p. 44-45),

Poderia afirmar-se que o Katá do I AI DO é uma profunda meditação imersa na dinâmica de seus movimentos. É uma luta que se desenvolve em solidão, uma dança que nos coloca nos mais elevados limites da realidade. É talvez por isso que se converte em uma luta de morte, e a atitude que deve expressar o que pratica é a de que se encontra em situação de máximo perigo, como se, ao sair do DOJO, tivéssemos tido um duelo de morte. Longe de toda teatralização, pode-se experimentar o medo, a dúvida, a tensão, o pulso que se acelera ao ritmo que impõe a incerteza do momento que há de seguir ao encontro decisivo.

Na prática desta modalidade é bastante comum chegar ao assunto *morte*, por motivos simples: trata-se de uma arte que faz uso de arma e o *Battojutsu* é um estilo de corte, rápido e eficiente. Livros antigos e aclamados entre guerreiros, como o é o *Hagakure*, tratam disso com naturalidade:

He descubierto que la vía del samuray reside en la muerte. En el momento crítico, cuando existen tantas posibilidades de vida como de muerte, es necesario escoger la muerte de forma inmediata. Nada hay de difícil en tal elección; se necesita simplemente armarse de valor y actuar. [...] Para ser un perfecto samuray es preciso prepararse a morir mañana y tarde, e incluso durante todo el día.” (YAMAMOTO, 2006, p. 21-22)³⁶.

³⁶

Mais adiante no trabalho este assunto, relativo à morte, será retomado.

Com relação às competições, é possível dizer que o *I Ai* mantém-se *filosófico*, atento a algo como uma *busca interior*, não tendo, portanto, tomado parte do processo de *esportivização*, muito comum às artes marciais ditas externas. Não possui propriamente uma federação, e sim alguns responsáveis por sua disseminação³⁷.

Para finalizar esta parte, sobre *I Ai Do*, apresento também, na seqüência, uma aula dessa arte marcial³⁸.

Quando entrei no *dojo* observei que Bianca (que é também naturóloga³⁹) já esperava por mim; ela *ensaiava* algum *kata* que ainda não conheço. Assim que o finalizou, fez sinal para que eu entrasse, de fato, no tatame. Logo me desculpei por ter demorado e expliquei por alto o porquê disso; ela quis saber mais detalhadamente de que se tratava – entendi como uma forma de preocupação, de cuidado, e não como mera curiosidade. Conversamos brevemente e passamos, então, à aula.

Em seguida à abertura⁴⁰, Bianca perguntou se eu tinha alguma dúvida, fez um apanhado geral do que vínhamos treinando e acrescentou que devemos ainda ver mais alguns exercícios, ao menos três, de *Kenjutsu*, uma forma de combate que faz uso de *bokoto*⁴¹. Depois da rápida exposição, passamos a uma corrida na beirada do tatame. Bianca, que corria à minha frente, dava algumas instruções de como manter a respiração, para onde direcionar o olhar, que postura adotar... Ela, ainda no início do aquecimento, brincou dizendo “Hoje nós vamos fazer uns

³⁷ Trata-se de uma prática rigorosa; ninguém avança graduações sem o conhecimento de um “responsável” pelo *I Ai*. Por exemplo, para que haja uma homologação de faixa preta é necessário passar por um exame (prova prática) que é filmado e levado ao Japão, para avaliação, por César. Lá, o vídeo da prova realizada aqui no Brasil é apresentado aos “chefes japoneses” dos quais falei anteriormente, e, então, recebe-se o veredicto.

³⁸ A aula que será relatada também possui registros em meu diário de campo. Corresponde ao treino da noite de 26/07/2006, em que apenas Bianca, a instrutora e eu, treinamos.

³⁹ Trata-se de profissão recente em que os estudantes do curso superior chamado Naturologia, voltam sua atenção *ao que é natural* – em especial à alimentação natural.

⁴⁰ Há um protocolo de abertura que é sempre realizado, com saudações à própria arte marcial, ao *sensei* e entre os alunos, como no *Karatê*. Além disso, há um breve ritual de saudação à espada, para depois passar a usá-la. Este protocolo é observado sempre no início e final das aulas.

⁴¹ Espada de madeira, bem mais grossa que a *katana*, contudo, consideravelmente mais leve.

exercícios de tortura, quer dizer, pra soltar a musculatura!”. Disse isso e sorriu; já havia percebido que ela estava bem humorada.

Fizemos algumas repetições de flexões e abdominais no decorrer da corrida e depois passamos a realizar cortes frontais com a *bokoto*, acompanhados de pequenos saltos. Cada uma contava dez cortes, sem intervalos; fizemos várias séries e, em determinado momento, Bianca começou a repetir a contagem que eu acabara de fazer (eu contava 80 e ela repetia; em seguida, eu contava 90, ela repetia; seguimos assim por um tempo). Quando paramos, ela olhou para mim sorrindo e perguntou se eu havia gostado do método. A isso acrescentou que estava “malvada” no dia. Eu respondi que não vejo problema em se estar “malvado/a” quando se está de bom humor; o problema surge quando a “malvadeza” é meio que natural, por refletir um estado de mau humor. Pois, nesses casos, a pressão passa longe de ser somente física, e torna-se um tanto mais difícil manter um ânimo descontraído e o *corpo descondicionado* quando psicologicamente se permanece tenso.

O mau humor do professor passado à aula é uma forma de violência simbólica (Bourdieu, 1982), que *dói*, geralmente, muito mais que a própria violência bruta. O físico suporta, muitas vezes mesmo sorrindo, a *malvadeza* que, sabe, é pensada, medida pelo professor e, portanto, nem tão malvada assim, visto que *cobra*, mas *educa* ao mesmo tempo. Já nos casos de mau humor, a *malvadeza* não é prescrita, digamos, mas *pura*, real, é o que há, em verdade, de *mal* no professor, sendo posto para fora; permitido, de algum modo, que se manifeste.

Depois de um breve alongamento, Bianca disse para eu posicionar-me com as costas na parede e flexionar as pernas a 90° graus, como se estivesse sentada em uma cadeira, mas com o detalhe de que não existia cadeira alguma sob meu corpo. Mandou fechar os olhos, permanecer na posição e relaxar! Devo ter ficado uns poucos minutos na posição, mas pareceu-me que o relógio tinha resolvido parar! Mantive a postura, evidentemente, e procurava esquecer onde me encontrava, mas estava difícil! Minhas pernas pareciam pegar fogo e eu as sentia tremer. De repente Bianca encerrou a atividade e disse para me posicionar em

*seiza nobu*⁴², de onde devia partir, sem tocar as mãos no chão, até ficar na ponta dos pés, com os joelhos flexionados, mas sem levantar – permanecer quase acorada por um tempo, retornando ao *seiza nobu* em seguida. Ela contou várias repetições; é dessa posição e com essa forma de levantar que se inicia o terceiro *kata*, *Tenchi no Kata*; iríamos treiná-lo novamente na aula.

Feito esse exercício, passamos à realização do *kata* propriamente dito. Foram algumas repetições também, correções de detalhes, Bianca inseriu o ritmo adequado que devo seguir e falou-me acerca do olhar – para onde direcioná-lo e de sua importância. Ela perguntava-me o que eu achava que precisava ser melhorado e então dizia para prestar atenção no detalhe que eu acabara de destacar. Depois passamos ao segundo *kata* e depois ainda ao primeiro.

Próximo do final da aula, a professora disse que iria passar-me um dos três fundamentos de *Kenjutsu* que devo ver logo. Trata-se de um exercício realizado em duplas, fazendo uso de *bokoto*. Bianca mostrou-me por partes, um pouco da defesa e também do ataque deste primeiro fundamento. Depois me chamou para ir fazendo com ela, pois facilitava a explicação. Acabamos vendo todo o exercício, tanto defesa quanto ataque do mesmo. As técnicas a serem desferidas e também as defesas são quase que combinadas, ou seja, já são conhecidas, mas, mesmo assim, Bianca disse que deve ser *real*: a defesa só *sai* quando o ataque é desferido, como se não se soubesse o que será atacado; e os golpes são fortes; embora sejam simulados, revelam e devem revelar, a *agressividade* de um ataque real.

Após essa prática, relembramos de um modo bastante rápido, com apenas duas repetições, o *Hapo Gueri*. Trata-se de um exercício de cortes de pelo menos quatro tipos, que ocorrem em igual número de alturas. Feita essa parte, passamos ao encerramento da aula. Fizemos as saudações, Bianca me cumprimentou e ficamos ainda conversando por

⁴² Base em que se sinta sobre os calcanhares. Direciona-se o corpo (até então voltado para frente) levemente para a direita, a perna esquerda é flexionada até que o joelho chegue ao chão (em direção à frente) e enquanto isso a perna direita fica em ângulo de 90°. Depois, o joelho direito também fica em contato com o solo e ao lado do esquerdo – com os glúteos sobre os calcanhares.

algum tempo no tatame sobre assuntos diversos, até nos retirarmos de fato.

Estabelecidas estas coisas, passemos ao *Nei Kung*.

2.3. *Nei Kung*: a arte do poder interno

O *Nei Kung* é descrito como “A arte do poder interno” e está baseado nos 64 hexagramas do *I Ching*⁴³ chinês, desenvolvida por um artista marcial chamado Michel Echenique Isasa⁴⁴, como assinalado anteriormente. Isasa, que possui grande experiência em diferentes modalidades marciais, fez, com alguns aperfeiçoamentos e adequações, uma junção de certas técnicas já conhecidas por outras artes guerreiras. De acordo ao discurso nativo de Echenique (2002, p. 141-143),

Esta Arte Marcial foi conhecida na China Antiga como Nei Kung que, em termos gerais, significaria: Sabedoria Interior, ou também Poder Interior, para ser definido como a Arte do Poder Interno. Outro dos nomes que lhe dariam foi o de “Escola do Dragão Dourado” ou “Segredo do Dragão Dourado”, nome de fantasia dado ao antigüíssimo tratado do “I Ching”. Posteriormente, achamos esta arte na “Escola do Grou Branco” (Tai-Chi) de origem taoísta e do Pa-kua de origem confucionista. [...] Deve ficar claro, então, que esta Arte Marcial (Nei Kung) é uma arte renovada e que renasceu através do esforço de anos de trabalho. [...] A Arte do Poder Interno nasceu inspirada no Hexagrama I “Aumento”. Esse hexagrama constitui a condição fundamental para canalizar o poder interno que subjaz em todo ser humano

A partir do significado de cada um dos 64 hexagramas, foram elaboradas técnicas e movimentos visando um maior conhecimento de si mesmo, podendo, com isso, passar a lidar melhor com questões internas, peculiares a cada indivíduo que passa a ter uma maior dimensão de si, de seus potenciais e de suas limitações. É uma luta bastante completa: engloba golpes de várias artes marciais, possui quedas e projeções, ataques de braço e perna, socos e chutes convencionais, mas também utiliza cotovelos e

⁴³ WILHELM, R. *I Ching*: O Livro das Mutações. São Paulo: Pensamento, 2004, 22ª ed. 527p.

⁴⁴ Michel Echenique Isasa é natural de Clermont Ferrant, França, e naturalizado espanhol. Vive hoje no Brasil e a arte da qual é *Soke* (mestre-fundador), o *Nei Kung*, possui nomes para os golpes em português.

joelhos; contém defesa pessoal, imobilizações, *formas* (correspondem aos *katas* do *Karatê* e *I Ai*)... Enfim, é uma prática vasta que busca, acima de tudo, tratando-se de luta com um adversário, a eficácia. Assim, não se importa, ao menos em princípio, com estética ou pontuação, devendo ser, antes, utilitária.

Quando se pensa em uma luta de *Nei Kung*, já que precisa ser eficaz, pode-se imaginar um combate travado na rua, contra algum agressor em que seja preciso defender a vida, sem se prender ao ponto que deve ser marcado e à estética do ataque e tampouco com o ângulo que conta com a visão privilegiada do árbitro, ou a medalha do fim da competição – situações para as quais o *Karatê* costuma despender muita atenção. Desse modo, as estratégias de movimentação, fintas, esquivas que adornam os combates tornam-se algo com pouca importância para esta prática. Ela deve ser, antes, *precisa* e, mais que isso, refletir um *estado interno* de firmeza e decisão.

O *Nei Kung*, arte marcial filosófica, não esportivizada, mantida sob rigor (no mesmo sentido do *I Ai Do*), visa o autoconhecimento e é *interna*⁴⁵. Contudo,

Isto não quer dizer que a Arte Marcial deva ser convertida em um recanto de paz e intelectualismo, onde as técnicas se convertam em coisas “sutis” e “abstratas” como pensam muitos que caíram neste erro; este ponto de vista não é próprio do autoconhecimento, mas, pelo contrário, indica auto-engano e mentira. As técnicas marciais devem ser aplicadas com muita marcialidade e eficiência. Cada uma delas deve chegar a possuir poder de vida e de morte, porém o sentido nunca estará nos resultados empíricos e sim nos resultados teóricos e filosóficos da conquista da Sabedoria; este é o fim proposto e tudo o mais é um caminho e símbolos. (ECHENIQUE, 2002, p. 160)

⁴⁵ O aspecto E.M. (Estratégico-Mágico) visado em 61%, de acordo a Echenique (2002), começa a ser acessado somente após os primeiros dez anos de prática – isso é passado por todos os *cifus* (correspondente chinês, no plural, para *sensei*) e instrutores. Eu, que iniciei as práticas das duas artes marciais tidas como internas ao mesmo tempo em que iniciava este mestrado, evidentemente ainda não cheguei a provar do aspecto E.M.

Há no *Nei Kung* um único torneio anual, para o qual todos os praticantes do país são convidados⁴⁶. Não tem, ou não deve ter, finalidade competitiva; é, antes, um espaço para uma forma de avaliação e aplicação do que se treina.

Dando continuidade, exponho uma sessão de treinamento de *Nei Kung*⁴⁷.

Pouco antes do início da aula, Alberto não estava presente no *dojo*. Havia poucas pessoas para o treino neste dia, sete no total (dos quais, quatro meninas – e ainda Júlia, que assistia, por não poder treinar devido a algum problema físico) e somente Suzana de faixa preta⁴⁸. Suzana percebeu que Alberto demorava e todos o esperavam; iniciou, então, após ordenar as fileiras, um exercício de alongamento. Passado não muito tempo, o instrutor chegou. Ele fez as saudações e todo o protocolo de abertura⁴⁹ e, com todos em pé, repassou a programação demarcada para o encontro nacional que deve acontecer em agosto, em São Paulo, dos praticantes de artes marciais vinculados à instituição⁵⁰. Disse também que estava disposto a responder perguntas. Surgiram algumas. Depois, mandou que passássemos a correr. Enquanto corríamos, Alberto conversava com Júlia e Heitor, que acabara de chegar, no final do tatame. De lá dava alguns comandos do que devíamos fazer – indicou algumas flexões e abdominais, sendo que às mulheres instituíam sempre um número inferior ao que deviam fazer os homens.

Voltamos às posições iniciais e fizemos algumas respirações⁵¹. Depois disso, Alberto mandou ficarmos em duplas; eu no final da fileira

⁴⁶ Está posto como anexo do trabalho um relatório (“anexo 2”), parte de diário de campo, do torneio de 2006. A leitura do mesmo tende a facilitar em grande medida o entendimento do que vem a ser este evento.

⁴⁷ A aula relatada em seguida também consta em diário de campo. Corresponde aos registros de 06/07/2006.

⁴⁸ Graduação que antecede à de faixa preta.

⁴⁹ Também no *Nei Kung* há um protocolo de abertura que é sempre realizado, com saudações ao símbolo da arte marcial e ao *sensei*. É observado no início e final das aulas.

⁵⁰ Este Encontro não pode ser comparado a uma competição, talvez a um *gashuku* de *Karatê* (algo como um “retiro” dos praticantes), mas ainda assim com algumas diferenças. Trata-se de uma reunião de artistas marciais, na qual se busca mediar teoria e prática. A primeira é obtida por meio de palestras focadas à filosofia marcial e a segunda, com aulas/treinos, dos quais a técnica por certo não se exclui.

⁵¹ Práticas relacionadas ao hexagrama *Fu*, “o retorno”: “Compõe-se de todas aquelas técnicas efetuadas com o fim de canalizar energia, e são movimentos de coordenação da respiração, do grito e do corpo, trabalhando todos eles de maneira sincronizada.” (ECHENIQUE, 2002, p. 163)

da esquerda, estava sozinha. Ele disse então para que eu realizasse a “respiração do arqueiro” por sete vezes, avisando-o quando tivesse acabado. Os demais faziam uma técnica de chutes: a partir do hexagrama *Shi Ho*, que quer dizer “morder”, deviam desferir chutes, ora na altura dos joelhos ou abaixo deles, ora na altura do quadril ou acima (combinados, considerando que os dois da dupla chutavam ao mesmo tempo e para o mesmo lado, porém em alturas diferentes, o que impedia o encontro dos golpes), sem que houvesse preparação para tais movimentos, que dizer, não se devia ajeitar o corpo, a posição do pé no chão por exemplo, para, em seguida chutar; devia-se, de onde se encontrasse, desferir o golpe, buscando por equilíbrio no meio da atividade e não preparar-se para ela. O instrutor deu o comando para iniciar, posicionou-se a meu lado e, sorrindo, disse que queria ouvir meu *kiai*. Assim que fiz as sete repetições avisei Alberto. Ele então mandou que se encerrassem os exercícios realizados pelas duplas, e que rodassem (todos avançam uma posição lateralmente, a fim de trocar de *parceiro*, como no *Karatê*). Com isso, eu entrei para os exercícios em duplas e Cícero (um senhor bastante ativo, de cerca de 40 anos, músico) ocupou minha posição. Repetimos mais algumas vezes esta atividade até que o professor mudou para um chute alto em que era necessário lançar a perna à frente em algo como um chute circular – a perna realiza mesmo uma trajetória circular no ar, como se contornasse algum objeto; a esse movimento, a outra pessoa que compunha a dupla devia abaixar-se para atacar o joelho do que chutava, na parte interna do mesmo, e também para *esquivar-se* do golpe. Era um trabalho intercalado; em seguida, invertia-se, ou seja, quem esquivou abaixando, devia levantar e chutar. Nesta atividade muitos demonstraram cansaço, ao que Alberto respondia com desdém: “O quê? Estão cansados? (...) Eu vou começar treinar vocês... Vamos! Levanta esse joelho e estende essa perna...” Trocávamos de colega cada vez que a pessoa que executava as respirações indicasse que as havia feito por sete vezes.

Outra vez às posições iniciais e mais algumas respirações. Na seqüência, Alberto perguntou quem possuía dúvidas para o exame⁵². Por pedido de uma das meninas, leu a matéria que será cobrada a cada faixa; as dúvidas foram surgindo conforme ele lia. Passamos a treinar então algumas técnicas para a prova. O instrutor organizou duplas para o treinamento; os homens fizeram um trio e ficamos Suzana e eu. Começamos treinando algumas técnicas que serão cobradas ao exame de faixa laranja, relacionadas a um tipo de esquiva associada à antecipação de golpe (hexagrama *Chen*, “trovão”). Primeiro, Alberto demonstrava com Suzana a todos, depois mandava que fizéssemos.

É interessante treinar com Suzana porque ela é mais graduada e isso ajuda, na maioria das vezes, a sanar algumas dúvidas; e acabamos interagindo bastante, pois estabelecemos uma boa relação – isso se dá, na verdade, com toda a turma, mas como já treinamos várias vezes juntas, terminamos por conhecer falhas uma da outra. Percebo que ela me respeita também e creio que isso possa se dar devido à faixa preta de *Karatê* que possuo (observei alguns comentários de Alberto várias vezes em relação a nossos treinos; ele disse que Suzana precisa “se ligar” porque sou mais rápida que ela; já me mandou *chutar a cabeça* dela se demorasse muito a sair de minha frente, e coisas do gênero. Eu ficava meio constrangida no início, mas Suzana reage sempre bem e não me parece de modo algum ofendida).

Fomos novamente às posições de início, efetuamos outras respirações e, em seguida, voltamos às duplas. Alberto passou duas defesas pessoais: na primeira era preciso se livrar de um oponente que segurava o braço pelo punho, levando-o ao chão até imobilizá-lo, ou mesmo torcer seu cotovelo; na segunda, devíamos nos defender de uma facada em direção à barriga, levando o oponente ao chão novamente e torcendo seu punho. O próprio instrutor salientou que machucariamos a mão em uma defesa como essa (da facada), mas destacou ainda que é preferível perder a mão a ser acertado na região do ventre. Durante este

⁵² Exame de faixa. O exame é uma *auto-submissão* à prova, na qual, por vontade própria, ocorre a exposição de técnicas e do próprio praticante. É o espaço que se possui para “apresentar” ao mestre, talvez mesmo *oferecer* o que se conseguiu com muito suor.

treinamento ele concedeu algumas explicações extras a mim, visto que serão cobradas em meu exame técnicas como essa. Em determinado momento, disse que eu preciso ser mais *suave*: “hexagrama *Sun*, ‘suavidade’”, expressou-se brincando e sorrindo; falou ainda que minhas torções estão muito bruscas para os treinamentos, que estão *secas*, como no *Karatê*, e que posso acabar machucando alguém. Reforçou que preciso descondicionar o corpo, relaxar mais e vir para o *Nei Kung esquecendo* do *Karatê*. Suzana concordou com ele sorrindo. Eu também tive que concordar...

Saudamos aos parceiros e nos posicionamos como no início da aula. Alberto concedeu mais um espaço para perguntas, acrescentando: “Aproveitem que hoje eu estou bonzinho...”. Surgiram bastantes perguntas e ele as respondeu. Depois fizemos a meditação tradicional e as saudações⁵³, como no protocolo de abertura, encerrando a aula. Como é de praxe, Alberto iniciou o cumprimento aos alunos com abraço: individualmente, sempre respeitando a graduação, cumprimentou a todos, e atrás dele seguiram (e seguem sempre) os mais graduados cumprimentando aos demais. Eu, no final da fila, acabei como que cumprimentada por todos os praticantes.

⁵³ Além das saudações no início e final da aula, como descrito anteriormente, há no *Nei Kung* uma meditação, bastante breve, composta de alguns *passos*, embasada no hexagrama *Ching*, “o poço”: “técnicas que envolvem o controle da imaginação, da mente e o domínio dos elementos sutis e internos.” (*Ibidem*, p. 164)

2.4. Um pouco acerca dos espaços pesquisados

Neste trabalho que agora é relatado há alguma diferenciação entre dois meios semelhantes: um espaço marcial-filosófico, com o *I Ai Do* e o *Nei Kung*, e um marcial-esportivo, tendo por representante o *Karatê*. Ambos os campos possuem algo como um sistema de relações, com hierarquias a serem respeitadas e “lugares” definidos. Há uma ordem interna estabelecida que independe, até certo ponto, do que poderia ser chamado de o universo paralelo alheio ao *dojo*, isto é, todo o mundo que corre além das paredes que delimitam o *dojo*. Embora muito deste “universo paralelo” – do mundo com todos os seus atrativos, formas de vida distintas, coisas e pessoas que acabam por compor as relações que não podem estar sobre o tatame, com familiares, amigos que não lutam, professores, colegas de trabalho, supermercado, cinema e assim por diante – seja necessário para que o *dojo* se mantenha, nos momentos de imersão no “mundo marcial” é como se todo o demais simplesmente deixassem de existir – por perder importância ou não ser percebido; o que é externo ao *dojo* é, na verdade, trazido para dentro dele, na medida em que se mostra necessário, passando então a se tornar, também, parte dele. São exemplos todos os equipamentos e utensílios necessários às práticas e ao ambiente (sacos de pancada, luvas, bastões, símbolos, tatames; cadeiras, mesas, armários, papéis, banheiros...) e os conhecimentos sobre alimentação (e a própria alimentação, muitas vezes), e as formas complementares para o treinamento adequado, como musculação. Algumas vezes, também pessoas especializadas: preparadores físicos, médicos, fisioterapeutas, posturólogos. Assim, o que e quem está no *dojo* é o *dojo*. O alheio a isso passa a não ter relevância – ao menos nos momentos de imersão na cultura marcial, em que a vida é a marcialidade e nada mais.

Estes campos, auto-organizados, funcionam mantidos por uma espécie de acordo não muito explícito entre os praticantes das artes marciais, ou seja, não requerem autorização ou *força* externa para que, de fato, existam. Dito de outro modo, os próprios grupos de alunos e instrutores, assistidos por alguns aparatos, bastam para constituir os campos. E aí se forma uma “micro-sociedade”, com suas próprias leis, um modo específico de vida, com suas próprias formas e, mesmo, com um tempo definido ao que lhe convenha.

Posta esta breve definição, farei agora uma exposição destes campos referidos: os espaços físicos em si.

A coleta de dados para a presente pesquisa foi realizada em dois espaços: o campo marcial-esportivo tem seus dados vindos de um *dojo* alocado num bairro continental de Florianópolis, próximo a uma escola, com grande circulação de adolescentes; o campo marcial-filosófico se localiza em um Instituto de artes marciais localizado no centro de Florianópolis.

O *dojo* de *Karatê* no qual foram coletados os dados começou a funcionar em 6 de junho de 1998, em *parceria* com um clube que cedeu parte de seu espaço para os treinamentos. O professor foi contratado pela mesma instituição, o que permite que as aulas sejam gratuitas. Em troca, (o clube) almejava maior visibilidade⁵⁴ e, desse modo, a função do *dojo* seria formar atletas e conquistar títulos.

O clube em questão, no que tange à estrutura física, pode ser descrito como um grande salão retangular de cerca de 30 por 15 metros. Neste local também acontecem bailes em algumas noites e tardes. Possui na frente, em um dos lados, a entrada, com uma bilheteria e, do outro lado, a saída. Há uma espécie de varanda interna que circunda toda a pista e forma algo como um segundo piso, mas tal piso é somente a varanda, de

⁵⁴ As informações contidas aqui foram fornecidas pelo próprio *sensei* responsável pelo *dojo*. As referidas às formas estruturais são resultantes de minhas próprias observações.

onde se pode observar as pessoas na pista que fica em baixo. Em tal espaço estão dispostas algumas mesas, sendo que há outras ao redor da pista no térreo. Seguindo ao fundo do salão, há, na parte superior, um bar com algumas mesas, e para além dele, uma cozinha e um escritório. Exatamente abaixo deste bar, cozinha e escritório, estão os banheiros do clube e o *dojo* de *Karatê*. Estes, porém, não são no mesmo nível da pista e da rua, mas, sim, mais abaixo; é preciso descer catorze degraus para que se tenha acesso aos banheiros e ao *dojo* que fica após eles.

O *dojo* tem banheiro e vestiário próprios, ambos masculinos; um vestiário consideravelmente menor (pelo menos sete vezes) foi improvisado para as meninas; não há banheiro feminino⁵⁵ – quando os banheiros do clube estão abertos, também podem ser utilizados. Também foi reservada uma parte da área do local de treinamento para escritório, ficando aproximadamente 11 por 8 metros, parcialmente (considerando os recortes) livres. Deste espaço, 8 por 6 metros, aproximadamente, são ocupados por tatames confeccionados pelos primeiros alunos, a partir de retalhos de borracha, alguns pedaços de madeira e lona preta. Sobre o tatame é onde os treinos ocorrem, de fato.

Nas laterais do tatame estão dispostos um saco de pancada, um *makiwara*, um bebedouro e um pequeno armário de lata, no qual são guardados os equipamentos de prática, como luvas, caneleiras, protetores de tórax e de cabeça e uma pequena caixa de primeiros socorros. Alguns quadros com fotos estão espalhados e na estrutura que delimita a área destinada a ser escritório estão dispostos vários cartazes anunciando competições (mesmo que a data já tenha passado); são ilustrados por fotos, mas em alguns há apenas desenhos de lutadores competindo. Há ainda um pequeno mural,

⁵⁵ Gonçalves (2004, p. 7), em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “Corpo e cultura erudita: paradoxos do balé na sociedade administrada”, mostra que no mundo da dança e, mais especificamente, do balé, ocorre o inverso das lutas: “Durante minha permanência na Academia, ficou muito claro que aquele era um espaço feminino por excelência. A começar pela própria estrutura física do local, onde fica evidente que a presença masculina não é comum ali – um exemplo disso é o banheiro masculino que, diferentemente do feminino, é muito menor, e no qual cabe apenas 1 pessoa.”

próximo à entrada, no qual são pendurados avisos gerais, resultados de campeonatos e de exames de faixas e, às vezes, algumas mensagens que não enfatizam apenas o lado competitivo do *Karatê*, mas um pouco de filosofia.

No fundo da academia há um sofá, uma mesa redonda com um número variável de cadeiras, um pódio simples, de madeira, e uma prateleira com troféus. Os troféus também estão em outra prateleira bem à frente do tatame, junto ao quadro com foto do *mestre* Hironori Otsuka que é saudado em todas as aulas. Nas laterais desta prateleira frontal existem, acoplados à parede, dois circuladores de ar, um em cada lateral. Abaixo da prateleira há pequenos furos também para facilitar a ventilação – o que não ajuda muito, ela é bastante precária. A cada chuva, os vestiários e a área próxima do escritório, ficam bastante molhados, quase alagados.

Com relação ao funcionamento da academia, esta teve desde sua criação, em 1998, e durante o primeiro ano, Luiz como único professor. Naquele período, os treinos eram realizados no salão onde hoje ocorrem os bailes⁵⁶ porque, segundo o *sensei*, foi uma etapa que funcionava como teste: se desse certo, se apresentasse resultados positivos, um *dojo*, de fato, seria construído. Luiz ministrava aulas, pela manhã e tarde, a crianças e adolescentes. Passada esta primeira etapa, foi construído o *dojo* existente até hoje e, em 1999, as aulas começaram a acontecer também à noite. Um dos alunos do projeto, Jorge, começou a auxiliar Luiz, para, posteriormente, em 2000, assumir a responsabilidade, temporariamente, pelo *dojo*, visto que *sensei* Luiz viajou aos Estados Unidos – mas retornou pouco mais de um ano depois e reassumiu a liderança.

São aceitas no clube crianças a partir de seis anos, não havendo nenhum limite para idade adulta. Toda pessoa que ingressar no *dojo* será estimulada a participar de competições e por isso é dito com orgulho que desta academia já saíram campeões de

⁵⁶ Talvez seja interessante destacar que alguns dos alunos que treinam no *dojo* são também as pessoas que desempenham a função de “seguranças” do clube quando acontecem os bailes, são os “guardas” que vigiam as festas. E foi aí que *sensei* Luiz começou seus trabalhos.

JASC (Jogos Abertos de Santa Catarina), assim como de Joguinhos Abertos de Santa Catarina, Pan-Americanos, Campeonatos Brasileiros, Catarinenses e inúmeros torneios menores. Em 2004 doze atletas participaram do campeonato Pan-Americano Interestilos na Argentina; o *dojo* já cedeu vários atletas para as seleções catarinense e brasileira de *Karatê* e ainda mantém alguns nessas equipes.

Com relação ao segundo espaço, relativo ao campo marcial-filosófico, o mesmo *dojo* é utilizado tanto para os treinos de *I Ai Do* quanto de *Nei Kung*. Trata-se de um local relativamente grande, de cerca de 22 por 4,5 metros. A área coberta por tatame chega a 16 metros de comprimento por 4 metros de largura – o tatame utilizado neste *dojo* é diferente do confeccionado no espaço do *Karatê*, utiliza-se tatame sintético (*industrial*): 64 *folhas* de 1 metro quadrado de tatame vermelho, composto por um material parcialmente esponjoso, mas não completamente macio, com uma espessura de aproximadamente 3 centímetros. As folhas encaixam-se como num quebra-cabeça, e dão forma ao chão de lajotas frias, que fica forrado e pronto para a prática – contudo, é preciso prestar atenção para que nenhum artelho se prenda a alguma folha mal encaixada, pois certamente ocorrerá lesão. Na parte que não é coberta por tatame, costumam ficar dispostas algumas cadeiras alaranjadas, nas quais possíveis interessados podem sentar para assistir as aulas.

Há duas portas de entrada para o *dojo*, uma mais à frente, pela qual somente os professores ou instrutores devidamente autorizados podem entrar; e outra ao fundo, que os praticantes *comuns* utilizam. O espaço é *limpo*, no sentido de que não contém muitas coisas. Em suas paredes laterais há poucas imagens penduradas, apenas o diploma de Alberto, o professor de *Nei Kung*; alguns pôsteres, transformados em quadros, de torneios internacionais, bastante importantes; um grande *banner* com o primeiro

princípio físico do *Nei Kung*⁵⁷; e uma estrutura fixa para guardar espadas de madeira, as *shirasayas*. No fundo, próximo da porta, no centro e no alto da parede de 4,5 metros de largura, está posta uma figura “protetora” do espaço; é algo como um desenho de um samurai meio *carrancudo*, executando um golpe com sua *katana*. Na parede oposta, da frente, estão os símbolos que são saudados no início e final das aulas, tanto do *I Ai Do*, quanto do *Nei Kung*, compartilhando o espaço. Há ainda uma pequena fonte que não cessa seu trabalho, em frente aos símbolos, mas no chão; ela é composta por um reservatório circular, semelhante a um grande vaso de flores, dentro da qual estão dispostas algumas pedras, sobre as quais a água escorre continuamente e onde está posta uma estatueta de dragão. Por fim, há na lateral esquerda, ainda à frente, próximo dos símbolos, um pequeno armário de lata, no qual os professores guardam seus materiais e, do lado dele, uma pequena mesa quadrada com uma cadeira simples.

Os vestiários ficam do lado de fora, a cerca de 2 metros da saída da porta da frente (entre a porta da frente e a de trás há uma distância de aproximadamente 14 metros). O masculino e o feminino têm o mesmo tamanho: 4 por 2,5 metros. O primeiro tem um banco estreito, de madeira, que toma toda a parede de 4 metros, além de alguns pequenos ganchos fixados na parede para que os homens pendurem suas coisas. O segundo, feminino, possui dois bancos nas paredes que têm 2,5 metros e também os ganchos, além de uma grande bagunça, quase todos os dias, com roupas e bolsas espalhadas em todos os lados. Sempre que há alguma coisa em desuso a ser guardada, Alberto ordena que seja posta no vestiário feminino, pois há menos mulheres que homens a praticar as modalidades do *dojo*. Isso contribui para a bagunça, mas não a explica de todo.

⁵⁷ Este princípio diz o seguinte: “Descondicionando o corpo, mantendo independente e natural a respiração, pacificada a emoção, vazia a mente, compreenderás que a Arte do Poder Interno é a Arte de Viver.”

Alberto é o *cifu* de *Nei Kung* e o responsável geral pelo *dojo*. Outros instrutores ministram aulas/treinos no espaço, mas não possuem, em sua maioria, a faixa preta – são ainda faixinhas pretas. No que tange ao *I Ai Do*, Bianca é a instrutora (1º *Kyu* – o que corresponde à faixinha preta no *Nei Kung* e à faixa marrom no *karatê*) e está também submetida às ordens de Alberto, especialmente no que se refere às questões relacionadas ao *dojo* em si, como espaço, e mais indiretamente sobre suas aulas – este *controle*, da parte de Alberto, é mais direto com os instrutores de *Nei Kung*. Alberto deve saber sempre tudo o que ocorre no *dojo* e, há um conteúdo específico que deve ser passado aos alunos. Como ele não pratica *I Ai Do*, Bianca possui, de certa forma, mais autonomia.

As aulas de *Nei Kung* e *I Ai Do* ocorrem uma vez por semana, com duração de, respectivamente, 2 horas e 1 hora e 30 minutos – enquanto que os treinos de *Karatê* acontecem três vezes por semana, separados sempre em sessões de não menos que 1 hora e 30. Não há treinos de *I Ai Do* para crianças. O treino de *Nei Kung* infantil ocorre sempre em finais de tarde nas segundas-feiras. Tanto *Nei Kung* quanto *I Ai Do* possuem uma turma específica e separada das demais na qual treinam unicamente os alunos mais graduados.

Com relação aos praticantes das modalidades, é possível apresentar um panorama geral dos dois grupos (marcial-esportivo e marcial-filosófico). Acredito poder dizer que possuem características específicas bastante similares, já que convivem com regularidade, tanto no *dojo* quanto em atividades fora dele. São pessoas que desenvolveram amizade entre si, partilham de idéias, gostam, geralmente, das mesmas coisas ou têm afinidades em algumas, estão na mesma faixa etária – são adolescentes e adultos jovens (feita a devida exceção de Cícero, o senhor que possui cerca de 40 anos).

O grupo marcial-esportivo é formado em sua totalidade por homens – feita a exceção de mim mesma, evidentemente; no grupo, os homens costumam se reunir para saírem para suas festas e “*pegar mulherada*”⁵⁸; nunca recebi nenhum convite sério para ir as tais festas com eles. Entretanto, o diário de campo pode comprovar o que digo por meio de alguns comentários dos alunos:

[...] em seguida começaram a zoar uns dos outros pelas meninas *feias* que ficaram nos campeonatos. Vítor afirmava ‘Você pegou a negona! Você pegou!’, e Paulo, com alguma resistência ‘*Tá*, eu peguei, mas era pro Felipe pegar!’. [...] passaram a conversar sobre possibilidades de festas para a sexta-feira e quais meninas podiam chamar, os “esquemas” que daria para fazer. Vítor disse que estava a fim de rir no dia, e que tinha que rolar uma festinha, ‘Qual vai ser?’, apontando para Pedro. ‘Você já está armando uma, não é?! Seu [palavrão]! Não quer é *meter* a galera no meio...’, Pedro respondeu que não, e que a gasolina está cara pra ir buscar *mulher* nos Ingleses. [...] Paulo ficou junto de Vítor, os dois sentados. Falavam que o negócio era começar ligar pra “mulherada”... (*Karatê*, 05/08/2005).

E continuam:

[...] Marcos também pegou uma corda, e começou a falar de seu namoro, ‘Não dá pra namorar, o negócio é fica sozinho mesmo...’. Luiz perguntou ‘Terminaste?’, Marcos respondeu ‘Fui lá convidar a menina pra sair, ela me disse: ‘não. Vou sair com meus primos.’’. Todos riram e Paulo comentou ‘Não *pega* direito...’, Marcos fez de conta que não ouviu (*Karatê*, 08/08/2005).

Possuem entre 16 e 32 anos e graduações mais avançadas, próximas da faixa preta e várias faixas-pretas em si – o que garante que possuam certo grau de intimidade, pois praticam há mais tempo. Alguns realizam curso superior, outros finalizam o Ensino Médio e, outros ainda, abandonaram seus estudos – o que acaba por estabelecer uma

⁵⁸ Expressão muito comum no *dojo* de *Karatê*, especialmente às sextas-feiras.

hierarquização sutil, nunca mencionada, mas que reserva maior direito de voz aos que detêm mais estudo (e isso, o direito de voz, também parece gerar algo como pequenas desavenças, já que mexe com a vaidade dos lutadores).

[...] Gustavo parou repentinamente e começou a fazer apoios. Antônio falou ‘Ôh! Quero me dedicar mais no *kata*, só pra dar na cara do Vítor. (Bateu no próprio peito com vigor) Minha medalha está aqui, e a dele, cadê, aquele [palavrão]!’. (Diário de campo, *Karatê*, 10/08/2005).

Vislumbram possibilidades e mesmo sonham, especialmente os que não estudam mais, em poder ser grandes atletas e mais tarde *senseis*, podendo, assim, viver de sua arte. Possuem, sem exceção, ótimo senso de humor e grande capacidade de entrega do próprio corpo, sem intenção de economizá-lo, por assim dizer. Em sua maioria, não se inibem com a exposição; com isso, podem expor seus corpos, idéias, pensamentos, fantasias, necessidades, insatisfações (...) com a mesma desenvoltura.

No grupo marcial-filosófico a presença das mulheres é comum: em todos os horários de aulas há mulheres que as freqüentam e, de modo geral, o número delas equipara-se ao de homens. Existe, neste campo, um entendimento de que as mulheres apresentam rendimento físico inferior e, portanto, não precisam se igualar a eles – às mulheres é dado o direito, por exemplo, de *pagar* flexões com os joelhos no chão:

[...] Às meninas era concedida a opção de realizar as flexões apoiadas nos joelhos (meio apoio), e também em número menor que o feito pelos homens; nos exercícios de abdominais isso não ocorria, era preciso fazer o mesmo número de repetições dos homens, no mesmo ritmo. (Diário de campo, *Nei Kung*, 31/08/2006)

Esse grupo também externaliza ao tatame suas relações: quando saem, vão a festas ou a algum outro evento, todos os membros, tanto homens como mulheres,

participam, entretanto, acabam sempre se formando sub-grupos, de homens com seus assuntos restritos, e de mulheres, com questões igualmente pertinentes apenas a elas.

As idades dos componentes variam de 18 a 32 anos e as graduações vão desde faixinha branca a faixa preta – busca-se sempre integrar os menos graduados e mais novos, portanto, na prática, contudo, a participação efetiva nos sub-grupos acontece de forma não muito acelerada, somente quando a pessoa já faz parte, de fato, do grupo.

A grande maioria dos integrantes faz curso superior ou já está formada. Não parecem esperar *ganhar a vida* a partir da luta que praticam. Desejam apenas ser bons lutadores, ao que parece. Possuem, como no outro grupo, senso de humor aguçado (especialmente os homens), mas são um pouco mais reservados, de modo geral.

3. As Ciências Marciais

As artes marciais são costumeiramente entendidas como simples combates entre lutadores mediados por algumas regras e praticadas por quem tem algo como uma agressividade excessiva. Quando pais percebem agressividade nos filhos, colocam-nos a praticar alguma luta a fim de que canalizem a violência e se tornem mais bem comportados. Às vezes se tem a impressão de ser este um ato desesperado, um pedido de ajuda ao *sensei* para que os ajude a “domar” o filho rebelde e que faça no *dojo* o *trabalho* que eles supõem não conseguir fazer em casa. Num segundo caso, quando alguém já adulto se dá conta da agressividade pulsante em si, busca se especializar até se tornar imbatível, desenvolvendo e potencializando o que são, inicialmente, golpes rústicos de brigas de rua, mas ainda assim eficazes; esses mesmos golpes, lapidados por meio do treinamento, passam por técnicas refinadas e ganham expressão estética, sendo exibidos em competições que rendem *glórias*. Um terceiro caso que pode levar à procura de alguma arte marcial é o que diz respeito àquele menino que sempre apanhava na escola e era humilhado, do mesmo modo que *Daniel San* o era no filme *Karatê Kid*, e um dia se cansa da situação. Ele precisa, então, deixar de ser vítima e desenvolver a agressividade que parece escondida em si.

Esses pontos de vista apresentados podem parecer e, de fato são, um pouco cômicos, mas, como disse, essas são maneiras muito comuns de se entender e ver utilidade para as artes marciais na atualidade. No entanto, elas não se restringem a isso. As artes marciais são, de algum modo e de acordo a alguns *senseis*, práticas que tentam fazer recordar *uma verdade* que já existe em nós. São um meio para buscar a *simplicidade e pureza além do próprio corpo*, formando artistas marciais que combatem não apenas corporalmente, “homem a homem”, mas na íntima constituição, *entre*

aparência e essência. Podem ser descritas como um conjunto de ações que compreende técnicas de luta que requerem incansável treinamento para sua aquisição e incorporação, e, ao mesmo tempo, o *caminho do guerreiro*, composto por atitudes, dentre as quais a mais elevada consiste em vencer, mesmo que fora da luta, a si mesmo⁵⁹.

O exposto até aqui evidencia dois pólos: o primeiro expõe um tipo de senso comum no qual se localizam as artes marciais que são vistas, em linhas gerais, como um espaço destinado a ensinar a bater; o segundo as eleva, tornando-as quase impalpáveis. Há, de modo extremamente pouco difundido, uma ciência marcial e mesmo conteúdos teóricos que embasam as práticas. Portanto não está completamente correto conceber uma luta como séries de pancadas, ora dadas, ora recebidas e, tampouco como uma prática unicamente, por assim dizer, sutil. Passar a encarar arte marcial como algo abstrato ou isento de atividade corporal, por assim dizer, como uma prática mental ou apenas meditativa, não convém. Mostra disso é o fato de que no termo "Arte Marcial" a palavra "Arte" tem o significado de técnica refinada, enquanto que "Marcial" deriva do latim *martiale*, relativo a Marte, o Deus da Guerra. Assim sendo, uma Arte Marcial pode ser também compreendida como "técnica guerreira" ou "arte da guerra" (GASTALDO, 1995a)⁶⁰. As artes marciais têm ligação direta com a prática da guerra em si; as ações na guerra são o reflexo da guerra interior que se trava.

No que se refere aos conteúdos teóricos, organizados, que embasam as artes marciais, há que se falar de alguns de seus aspectos mais básicos. O primeiro deles é o treinamento. Para adquirir a técnica, elemento anterior a qualquer *execução elaborada*,

⁵⁹ É possível, para exemplificar isso que é tão difundido entre as artes marciais, vencer a si mesmo, usar outro simbolismo também pertinente ao meio marcial, o do tigre e o dragão. Ambos os casos tratam da mesma questão, ou seja, da guerra interior. Tanto o tigre quanto o dragão integram o mesmo ser, isto é, não são indivíduos separados, mas, na verdade, formam um. O dragão que simboliza como que a parte superior do homem, deve vencer ao tigre, sua própria porção inferior, seus instintos e paixões que, por vezes, encobrem o esplendor e brilho do dragão. Quando não encoberto, mas sim manifesto o dragão, é que o vencer a si mesmo se sucede.

⁶⁰ Gastaldo realizou um estudo sobre *full-contact* em uma academia da zona norte de Porto Alegre – RS, que resultou em sua dissertação de mestrado intitulada "Kickboxers: Esportes de combate e identidade masculina" (1995a).

faz-se extremamente necessário o treinamento. Nas artes marciais ele é sempre descrito como “árduo”, pois deve ser intenso, mas é apenas “uma disciplina constante que se aceita por livre vontade e consciência.” (ECHENIQUE, s.d., p. 34) De fato, ninguém é obrigado a submeter-se ao que é ditado pelo *sensei* ou *cifu*, contudo, é somente realizando algum treinamento, ministrado pelo professor ou outro qualquer, que surge a possibilidade da aquisição da técnica e do domínio de habilidades⁶¹.

Com o treinamento começam a surgir os limites⁶²: alguns para o próprio corpo, outros para a vontade e motivação; há ainda os de entendimento – de uma determinada técnica ou de que algo não é possível para o corpo. Echenique (*Ibidem*, p. 36) os define como “os obstáculos que nos separam dos nossos sonhos e ante os quais nos sentimos indefesos e impotentes. A propósito, a impotência e a insegurança são, em definitivo, dois dos mais importantes limites a serem superados pelo homem.” A superação de limites aparece muito frequentemente nos *meios* que, de certa maneira, envolvem o corpo. Do mesmo modo que apresentava no tópico anterior, é como se houvesse alguma insatisfação com essa matéria, cárcere de algo que pode ser capaz de mais agilidade, habilidade e força. O corpo, portanto, aprisiona, limita. Entretanto, o limite pode não ser em si completamente intransponível. Ele é uma barreira, de fato, na qual insistentemente se bate, a fim de que seja derrubada, ainda que parcialmente. É um obstáculo, como indica o autor acima; contudo um obstáculo somente o é enquanto não é ultrapassado. Um obstáculo ou uma barreira só são grandes e altos na medida em que o atleta permanece pequeno. Com o crescimento e avanço dele, a barreira muda de configuração, torna-se ela pequena e, portanto, passível de transposição. Contudo, ultrapassado um limite, logo em seguida outro novo, mais desafiador, apresenta-se.

⁶¹ Mais adiante tratarei dos objetivos dos treinamentos nos campos marcial-esportivo e marcial-filosófico; entrarei, também, um pouco mais a fundo na questão da técnica.

⁶² Parte considerável das reflexões contidas neste parágrafo são devidas ao Professor Edgard Matiello Júnior.

Assim, acredito que seja possível dizer que uma certa capacidade de transposição de limites é como que alargada (imaginando-se um grande círculo que se expande) e os limites, como obstáculos fixos até que se chegue a eles, são engolidos na medida da expansão da capacidade. Porém, eles então se tornam móveis e assumem um novo posicionamento, mais adiante⁶³.

A fim de que os novos e mais desafiadores limites continuem a ser transpostos, faz-se extremamente necessária a disciplina. Ela é outro dos elementos básicos das artes marciais. Novamente de acordo a Echenique (s.d., p. 37), em seu livro *A Filosofia das Artes Marciais*, “o termo ‘disciplina’, proveniente do latim, significava ensino, instrução, educação, ciência e também método, sistema, doutrina [...] é um sistema de integração de vários elementos, como treinamento, provas, definição de objetivos, ênfase na superação de limites, aplicação prática, conhecimento”.

O treinamento almejando superar limites deve ser, por certo, disciplinado, *calculado*; deve avançar fazendo o corpo progredir, mesmo que esse avanço ou expansão o coloque mais próximo de seu próprio fim – há uma única barreira terminantemente fora do alcance do círculo imaginário que as engole, a morte.

A morte tem estreita ligação com a dor e o medo⁶⁴. Esses últimos são, como é sabido, uma espécie de alarme que dispara procurando avisar que algo não corre bem e que, se não ouvido, o pior pode acontecer.

⁶³ Dois matemáticos alemães, John Einmahl e Jan Magnus, da Universidade de Tilberg, afirmam, por meio de cálculos, na revista *O₂*, de novembro de 2007, que há um limite para a superação humana. De acordo a seus cálculos, os números estabelecidos seriam, de fato, limites intransponíveis – estabelecidos para as marcas do atletismo. No entanto, os números encontrados ainda não foram atingidos. Por exemplo, o recorde da prova masculina dos 100 metros rasos, estabelecido em 9 de setembro de 2007, por Asafa Powell, é 9 segundos e 74; mas os estudiosos dizem que o tempo possível é 9 segundos e 29! E mais: “Os cálculos não pretendem prever como serão os recordes no futuro, no qual provavelmente haverá melhoria em equipamentos, oferecendo melhores condições aos atletas de superar as marcas atuais. O que Einmahl e Magnus calcularam é como ficaria o desempenho máximo do atletismo nas condições encontradas em nossos tempos.” (p. 65)

⁶⁴ A morte, a dor e o medo são os componentes do tigre, por assim dizer, enquanto que os elementos que compõem o dragão são o bem, a justiça e a beleza. Esses seis elementos se sobrepõem e, no centro dessa sobreposição deve se posicionar o lutador. (ECHENIQUE, s.d., p. 117)

Há uma narração mítica que conta que Marte, o Deus da Guerra, foi fortemente atraído por Vênus, a Deusa do Amor, mas, esposa de Vulcano, o Deus Ferreiro e do Fogo. Os dois primeiros se encantam e de sua união nasce Phobos, o Deus do Medo, que se torna amigo próximo de Orco (correspondente ao Tanatos grego), o Deus da Morte⁶⁵. A relação entre esses elementos, miticamente, ilustra e auxilia o entendimento de sua ligação na prática.

Echenique (*Ibidem*, p. 39-40) aponta que

O medo, como percepção, é uma interrupção súbita do processo de racionalização, ou seja, a mente cessa de funcionar subitamente e perde-se o domínio sobre os atos. Como sensação, é uma parada súbita de todos os processos de motivação, isto é, perde-se a força e o rumo a tomar em dada situação. Já a conjugação do medo-percepção ao medo-sensação é um bloqueio de todas as funções fisiológicas que nos impede a ação. Podemos concluir, então, que o medo é uma força de auto-conservação, que tem como objetivo evitar perigos de qualquer natureza, funcionando como um sinal que interrompe qualquer ação imprudente.

O autor continua, indo mais além do medo, passando a tratar do pânico:

Pânico não é sinônimo de medo. O pânico se manifesta pela ignorância de não saber ou de não querer interagir com o medo. A cessação das funções provocada pelo medo aciona um estado de consciência-percepção mais aguda que permite reconhecer o perigo e ativar os mecanismos de sobrevivência. O pânico, ao contrário, gera impotência e a negação de qualquer possibilidade de sobrevivência. Sendo assim, o medo é algo do qual não devemos fugir, enquanto o pânico deve ser evitado. O medo é, portanto, uma força positiva e o pânico um impulso negativo. (*Idem*)

A prática das artes marciais requer esses elementos básicos (treinamento, disciplina, busca pela superação de limites), além de outros. É inevitável que se chegue

⁶⁵ Informações obtidas em conversas informais, no período julho/agosto de 2007, junto a Cláudio Dumont, instrutor de *Nei Kung*.

a esta tríade medo-dor-morte partindo-se de um treinamento rigoroso – mas é, sim, possível que se experimente diferentes níveis da mesma. No treinamento calculado, prescrito, o medo surge. Há o medo da dor ou mesmo da morte (especialmente nas lutas armadas, como no caso do *I Ai Do*), entendendo-se que ao menos uma parte de si morre gradualmente; e há aquele outro medo, anterior à competição, do adversário, ou de si mesmo, de sua porção que pode falhar ou não se manifestar quando solicitada. Eis a sensação de indignidade, o medo como visão futura de falha, de não cumprimento do dever, de fracasso, transformado em vergonha do seu portador por este não suportar a dor por temer morrer.

Com relação à ciência marcial que mencionei anteriormente, considero relevante citar, bastante brevemente, a existência de um material, sob a forma de vídeo, mais especificamente, produzido pela *National Geographic*⁶⁶. Trata-se de um estudo de biomecânica realizado com diferentes modalidades marciais que busca, verificar a eficiência das lutas. Dito de outra forma, estudiosos como Randy Kelly, engenheiro mecânico, e Tim Walilko, pós-doutor em Engenharia Biomédica, auxiliados por James Lew, lutador e dublê do ator Jackie Chan, entre outros integrantes de uma equipe, procuram confirmar a veracidade da eficácia de golpes mostrados em muitos filmes antigos ou, ao contrário, provar que tudo não passa de propaganda. Para tanto, montaram um *dojo* equipado com tecnologia avançada para medir potenciais de força, agilidade e velocidade, entre outros elementos, utilizando, em meio a seus aparatos tecnológicos, bonecos como os de testes de *air bags* e um sistema computadorizado que projeta o *design* do corpo humano como uma reprodução tridimensional perfeita, tornando possível medir com precisão os mais variados impactos e, ainda, visualizar internamente as implicações que os mesmos acarretam aos sistemas muscular, ósseo,

⁶⁶ **National.Geographic.Fight.Science.DSR.XviD-KmF**. Com 1 hora e 31 minutos de duração. Narrado por Robert Leigh (Base Productios), 2006.

neurológico e cardiovascular. Foram observados lutadores de modalidades como *Karatê*, *Tae Kwon Do*, *Kung Fu*, *Jiu Jitsu*, *Ninjutsu*, *Muay Thai*, Capoeira, Boxe, Esgrima Oriental, entre outras menos difundidas.

Muitos experimentos foram realizados com os lutadores individualmente, mas também houve combates entre representantes de diferentes lutas. O primeiro teste individual feito foi para identificar pontos de nocaute por meio de mecanismos que medem a força contida no golpe desferido e que é absorvido pelo corpo do adversário. Por meio de um soco direcionado ao rosto, Alex Huynh⁶⁷ atinge 612 pontos de força, o que não chega a causar um nocaute. O praticante de *Karatê* atinge a pontuação 816 no mesmo teste. Bren Foster⁶⁸ chega a 917 pontos de força, o que desestabiliza, derruba o oponente, mas não chega a nocauteá-lo. Já o lutador de Boxe, com seus 993 pontos de força, é capaz, sim, de produzir um nocaute, a partir da paralisação do cérebro do adversário pelo impacto. De acordo com a explicação da mecânica do golpe, o cérebro, ao receber o soco, se choca contra o crânio e emite os últimos estímulos que seguem pelo sistema nervoso. Pouco mais de 1 segundo depois disso, cessam os estímulos e o corpo cai, nocauteado. Para o golpe conter toda essa potência, há uma concentração de energia: ela sobe pelas pernas do atacante, encontra-se no quadril, segue para o braço e mão e é como que lançada à face do oponente, que não a suporta.

O segundo teste foi de pontos de força no chute: 1023 para o *karateca*, 981 com o praticante de *Kung Fu* e 1572 com o de *Tae Kwon Do*. Mas o melhor golpe é o de

⁶⁷ Praticante de *Kung Fu*, medalhista de ouro nos Jogos Pan Americanos *Wushu*. Ele destaca a importância de se usar os dedos no *Kung Fu*. Seu melhor desempenho é na “aceleração”: leva 1 segundo para golpear, tendo, inclusive, concluído o golpe no tempo descrito. Segundo o documentário, é mais rápido que o *bote* de uma serpente.

⁶⁸ Campeão Mundial de *Tae Kwon Do*. O lutador é capaz de responder a um estímulo visual gerado por micro-lâmpadas postas em uma área correspondente a de um corpo humano adulto em 0,1800 segundo!

Melchor Menor⁶⁹: em um golpe com o joelho, a energia resultante de seu movimento é capaz de *separar o corpo* do adversário em quatro “sub-corpos” (sem, de fato, parti-lo em nenhum pedaço)! Ocorre então um colapso interno; costelas são quebradas e coração é como que esmagado.

Muitos outros testes são realizados a fim de medir diversos potenciais, contudo, não vem ao caso descrevê-los um a um. Gostaria de destacar apenas mais um deles, que possui relação com o *I Ai Do*: o do *Samurai-Katana*, apresentado por Toshishiro Obata⁷⁰. Ele realiza cortes velozes em tatames que possuem uma constituição muito semelhante a do corpo humano.

Para finalizar, a partir do estudo os pesquisadores conseguiram verificar e concluíram que os filmes antigos (como os de Bruce Lee) trazem golpes realmente eficazes e não meras encenações como se poderia supor. Encerram a produção dizendo que se trata de verdadeiros guerreiros nos filmes e que os lutadores *testados* da mesma forma o são.

Tendo sido isso posto, posso iniciar agora a exposição de alguns pontos comuns entre *Karatê*, *I Ai Do* e *Nei Kung* – embora as configurações que assumam nos distintos campos (marcial-esportivo e marcial-filosófico) possam não ser as mesmas. Buscarei, na seqüência, analisar tópicos como o domínio de si, dor e sofrimento, questões referentes a rituais de pertencimento de grupos, atentando para as configurações que esses pontos adquirem de acordo ao campo a que pertencem.

⁶⁹ Campeão Mundial de *Muay Thai*. Ele alerta para que não se confunda sua modalidade com *Kickboxer*, já que neste se utilizam apenas mãos e pés, segundo o próprio lutador, e, na sua luta, também os cotovelos e joelhos.

⁷⁰ Sete vezes campeão nacional japonês na modalidade Esgrima Oriental.

4. O domínio de si

Dominar-se significa *lutar contra algo que existe dentro de si mesmo*, potencializando a *porção* vencedora. Trata-se de um processo sacrificial, como o que é magistralmente demonstrado por Horkheimer e Adorno (1985) ao tomarem Ulisses, personagem da *Odisséia*, de Homero, como protótipo do sujeito racional.

Ulisses sacrifica a si próprio a fim de poder conservar-se; a passagem do *Canto das sereias* ilustra isso: todos que ouvem o canto das sereias são por ele seduzidos, não se contêm e lançam-se ao mar seguindo a hipnotizante melodia que os deve levar às formosas sereias que a entoam. Estes *buscadores submarinos* não mais retornam. Ulisses, tendo conhecimento disso, usa de sua astúcia para poder passar por estas forças da natureza e age como que enfrentando as sereias para poder continuar com sua viagem a Ítaca: ordena aos remadores que coloquem cera em seus ouvidos para que não ouçam o canto e não se lancem enfeitiçados ao mar, e também ordena que o amarrem ao mastro do barco, assim estará impedido de se lançar à água, uma vez que ousa permanecer com os ouvidos destapados. Com isso, Ulisses dá mostras de sua astúcia: ele sacrifica-se dominando seu corpo, pois reconhece o poder exercido pelas sereias; não possuiria uma razão emancipadora se se julgasse plenamente superior a elas.

Adorno e Horkheimer (1985) falam em uma das teses contidas na obra *Dialética do esclarecimento* acerca da busca de Ulisses por este esclarecimento. Apresentam que “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores.” (p. 19). Ele, o esclarecimento, contrário à ignorância e ao obscurantismo, permite ao homem ser *superior* aos impulsos e agir de acordo com sua vontade pensada. Fazendo uso da razão, o homem supõe ser capaz de tornar-se senhor de si mesmo.

Outro ponto interessante ainda na *Odisséia* está relacionado à passagem com o ciclope Polifemo. Ulisses por certo reconhece que o gigante seria capaz de devorá-lo num piscar de olhos (ou olho, no caso do ciclope!), no entanto, novamente sua astúcia, sua agilidade de raciocínio, que deverão levá-lo ao esclarecimento, fazem com que veja à frente e possa lograr o colosso. Polifemo, a certa altura, exige que o Odisseu se apresente e este o faz, identificando-se como “Ninguém”. “Ninguém” seria o seu nome – em grego o som da palavra (*Odeis*) se aproxima do de Odisseu/Ulisses. A partir dessa jogada, Ulisses vê-se livre para ferir o ciclope em seu único olho e poder fugir, uma vez que, quando assistido, Polifemo narra aos outros gigantes que foi ferido por “Ninguém”! Ulisses, astuto como ele só, caminha ao esclarecimento com velocidade. O domínio de si mesmo lhe garante *visão*.

No esporte, à medida que os homens sacrificam seus corpos, *reprimindo-os*, *castigando-os*, pode-se dizer que avançam em direção a um *esclarecimento da técnica*. Vaz (1999), em sua análise do esporte como potencializador do domínio do corpo, fala que *o processo sacrificial de formação do sujeito* parece estar relacionado àquele seguido pelo esporte, que não apenas *partilha da lógica do sacrifício do sujeito*, mas a leva adiante. Isso faz com que os atletas manipulem seus corpos e os construam como meio para alcançar a vitória. Ou ainda: “a construção do corpo visando à prática esportiva exige um trabalho árduo e perseverante. Para a prática de uma técnica de combate, uma série de modificações na utilização do corpo são necessárias.” (GASTALDO, 1995b, p. 213). Estes atletas também abrem mão de determinadas condições que poderiam usufruir a fim de moldar o corpo ideal⁷¹ – que é manobrado de modo irrestrito e paradoxal, num contexto em que “é preciso (re)conhecer o corpo como

⁷¹ Guts Muth *apud* Oliveira (2004, p. 61) fala de *corpo ideal* como o corpo masculino robusto, sendo este indício de valor moral e, ainda, que tal corpo simboliza a coragem máscula acrescida dos bons princípios morais.

objeto, ou não se pode treiná-lo.” (VAZ, 1999, p. 102). Wacquant (1998, p. 84)⁷² contribui neste aspecto dizendo que

Um tema recorrente entre as imagens que os lutadores projetam de seu corpo é a de *limpeza*: seja comparado a uma máquina, a uma arma ou a uma ferramenta, o corpo deve ser protegido das tentações, e também das poluições, do mundo mundano, tais como “más” comidas, álcool, drogas e mulheres – e não necessariamente nessa ordem.

A exigência, declarada por muitos atletas e treinadores, de levar o corpo até seu limite, é expressão de uma *necessidade* de submeter este mesmo corpo para que se torne, posteriormente, potente, como o é uma máquina ou uma arma, e esteja, ao menos em algum grau, dominado, para que obedeça quando preciso, e execute com mestria as técnicas que lhe forem requeridas. No entanto, para chegar a este ponto, há que se passar por um processo lento e por meio do qual se adquire as técnicas; é um processo quase *homeopático*, de muita insistência com treinamentos, de dietas contínuas que sempre apresentam privações indesejadas (mesmo a quem não precisa perder peso, as bebidas, por exemplo, são proibidas) e poucos resultados (os resultados aumentam somente no *ápice da forma*, e demoram a chegar, além de geralmente *doer* até que se atinja este estado...). Nas palavras de *sensei* Luiz:

Um atleta, de modo geral, ele está sempre trabalhando mais no seu limite, e nenhum atleta é saudável porque a gente está sempre forçando pra melhorar o nosso nível técnico, está sempre... digamos, estourando o nosso corpo. [...] Vida de atleta é estressante. Estressante, é... e com pequenos momentos de prazer; quando ganha medalha. (Entrevista 2, *Karatê*, de 29/08/2005, p. 3).

E ainda, uma expressão do *sensei* em “interação” com os alunos/atletas:

⁷² “Os três corpos do lutador profissional” é um texto de Wacquant que tem por base um trabalho etnográfico sobre boxe, realizado em uma academia no gueto negro de Chicago.

Vão treinar acima do limite! Não vão pensando que aqui é pra ter saúde... (Diário de campo, *Karatê*, 06/07/2005).

Os atletas se habituariam a viver neste limite; sofrem, mas acreditam ser superiores e fortalecidos após cada *superação*: cicatrizes e hematomas provam um suposto avançar de estado⁷³. É como se o fato de os atletas não se renderem às *agressões* a que seus corpos são expostos, pudesse atestar que são, de alguma maneira, senhores desses corpos, capazes mesmo de desdenhar, desprezar a *matéria* que os compõem. Para eles, o corpo parece não passar de um meio para efetivar a técnica ou, dito de outro modo, apenas o meio que *plasma* a atividade que desempenham e acabam se tornando – muitos lutadores costumam afirmar que *são* a sua arte, é, por exemplo, como se um lutador de *Karatê* deixasse de ser quem é, de possuir sua identidade, e passasse a ser o próprio *Karatê*. Assim, não causa estranhamento o entendimento do corpo como o *objeto* que deve ser cobrado até o (ou acima do) limite do qual fala o *sensei*.

Loïc Wacquant (2002), em seu livro *Corpo e alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, faz um relato de três anos de trabalho intensivo em que viveu, literalmente, sua pesquisa, incorporou-se ao campo, *Woodlaw*, uma comunidade afro-americana de baixa renda na cidade de Chicago. O autor realizou uma etnografia de um ginásio de boxe e trata este esporte como “uma prática da qual *o corpo é ao mesmo tempo a sede, o instrumento e o alvo*” (p. 33). No *Karatê*, o que ocorre não é diferente disso; o corpo é *sede* de todas as possibilidades de golpes e técnicas. É o que pode vir a tornar possível futuros combates e a própria arte marcial em si – ele é, portanto, inevitavelmente, importante. Sem ele, nada é possível. É também o *instrumento* que pode ser potencializado ao máximo, até que se torne, pelo caráter maquinal que pode

⁷³ Sobre este assunto, *superação de limites*, segue como base o que foi apresentado no capítulo 3, no qual está exposto limite como um obstáculo, que somente o é enquanto não é ultrapassado.

adquirir (e pelo desejo do treinador que sonha derrotar aquele *dojo* que é seu rival desde os tempos em que ele, o treinador, ainda competia e assim vê no atleta à sua frente o instrumento capaz de proporcionar a sua conquista, que possui um quê de vingança sentida nos próprios treinamentos, quando o treinador deixa transbordar sua voracidade, gritando com um maxilar tenso e os punhos cerrados para que você, no dia do combate, estoure as vísceras de seu adversário...), *invencível*. E o corpo ainda é o *alvo*. A ele serão direcionados todos os golpes do oponente, que precisam ser, quando não defendidos, absorvidos – é necessário atentar para uma preparação forte a fim de que o corpo-alvo tenha uma estrutura firme, que não se abale por qualquer ataque. Por ser instrumento e alvo, o corpo é tido apenas como meio, algo manipulável, uma simples carne que é preparada como *são*, quase da mesma forma, batidas (para que se tornem mais macias) as carnes vendidas em açougues. Ao mesmo tempo, o corpo como sede e instrumento, novamente, passível de treinamento, é precioso; quase uma jóia que requer cuidados para que mantenha sua preciosidade e assim arranque elogios dos que não podem deixar de notar seu esplendor – ou o esplendor das técnicas que são por ele executadas. Tanto é assim que alguns atletas sentem necessidade de fazer seguros de partes do corpo, para que estas sejam... preservadas!⁷⁴ Neste sentido contribui Brohm, (1978, p. 29), que diz que

La mayor parte de los deportistas velan por sus articulaciones y sus músculos, como si fueran un capital en el banco, hasta el punto de que, a menudo, les está prohibido hacer esquí o jugar al fútbol cuando quieren, para que no corran ningún riesgo. Esta *alienación deportiva* (...), culmina en el *seguro* que algunos deportistas sacan por sus piernas, sus brazos... Por cierto la carne y la sangre se han convertido en cosas.

⁷⁴ Exemplo disso são alguns jogadores de futebol famosos, que frequentemente são noticiados como detentores de seguros de suas pernas, ou de apenas uma delas, a considerada mais potente.

A partir disso, não é estranho o nascimento de um sentimento de, como chamaram Adorno e Horkheimer (1985), *amor-ódio* pelo corpo. O amor-ódio pelo corpo se apresenta em uma lógica paradoxal: ele é ora desprezado, ora louvado. É o instrumento, como assinalado por Wacquant, maior e valioso, que torna possível, após moldado, feitos esplendorosos que garantem conquistas. Ele é amado, pois é o meio que assegura as vitórias. Assim, há a preocupação com o físico que, quando vencedor, compensa o que necessita ser deixado pelo caminho. Contudo, para alcançar a *glória*, os atletas precisam lidar com seus corpos, submetendo-os a treinamentos um tanto irracionais, pois devem alcançar os objetivos. Há, portanto, também a necessidade de ser duro, de sacrificar a si e suportar dores – se não for dessa forma, os avanços que já são considerados demasiadamente vagarosos, praticamente deixam de existir. Então o corpo, com seu ritmo próprio, geralmente tido por lento, que requer uma incansável submissão aos treinos e a toda dor que deles decorre, é odiado. Por fim, este mesmo corpo, cobrado até o limite para que possa progredir, volta a ser amado, pois precisa ser cuidado, ou seja, os atletas acabam temendo o que lhes pode acontecer e devem preservar o objeto maior capaz de proporcionar suas conquistas. Uma lógica paradoxal, quase *circular*, que parece não se encerrar jamais.

Com referência a isso, a esta relação de amor-ódio pelo corpo, fala Rodrigues (2005, p. 156):

Nessa ambivalência de sentimentos em relação ao mesmo objeto, mais propriamente, de “instintos fusionados”, os cuidados corporais apresentam-se como sendo um paradoxo, ou seja, todo corpo desejado é simultaneamente o anúncio de um indesejado. Portanto, as manifestações desses sentimentos caracterizam-se pelo fato de os sujeitos terem que lidar, simultaneamente, com o desejo e a repulsa por um determinado tipo de corpo (amor/ódio). O amor pelo corpo poderá ser constatado no esforço que os sujeitos fazem para mantê-lo ou

conquistá-lo e o ódio manifestar-se-á por todas as técnicas para afastar-se dele ou destruí-lo.

Enquanto isso, nas artes marciais não esportivizadas, filosóficas, ocorre, talvez surpreendentemente, um processo algo semelhante: o corpo também é submetido a treinamentos bastante intensos e a disciplina presente mesmo como pedagogia nesses espaços é, por vezes, mais rígida que a exigida nos esportes, ou em uma arte marcial esportivizada.

Você não pode treinar por meio de palavras. Você precisa aprender com o corpo. Para suportar a dor e a aflição enquanto se esforça para se disciplinar e polir, você precisa acreditar que, se os outros podem, você também pode. Pergunte-se, ‘O que está me detendo? O que estou fazendo errado? Está faltando alguma coisa no meu modo de ver a situação?’ Isso é treinamento nas artes marciais. Aspectos importantes que outras pessoas nos ensinam podem ser esquecidos rapidamente, mas a essência do conhecimento adquirido com dificuldade e sofrimento jamais será esquecida. (FUNAKOSHI⁷⁵ *apud* BARREIRA; MASSIMI, 2003, p. 381).

O corpo também é submetido, ele deve ser entregue ao treinador que sabe melhor que o próprio praticante o que a este convém e é mais indicado, necessário e eficaz. Ele também é *instrumento e alvo* que deve estar como que sob rédeas. O praticante quer ir longe, fazer mais, mas, embora se submeta totalmente aos treinamentos e à inquestionável autoridade do *mestre*, por mais arbitrarias que possam parecer as suas indicações, parece não apresentar grandes progressos – ao menos a primeira vista. E o que o *mestre* diz é *lei*: ele já conquistou muitas coisas, logo, se o que é por ele ordenado for feito, deve-se obter o mesmo resultado. Se o que é apontado pelo mestre é realizado, o aprendiz deve ter êxito – e se não tiver, a responsabilidade por isso é do próprio mestre. Ouvindo-o e respeitando-o, surge a possibilidade de *superar o*

⁷⁵ É interessante destacar que Funakoshi passou sua vida envolvido com a divulgação do *Karatê* e *lutando* para que fosse reconhecido como método educacional.

mestre. Afinal, tudo o que o mestre já conquistou, entre muitas idas e vindas, é passado ao aprendiz, que recebe os ensinamentos sem a necessidade de refazer, de fato, todo o percurso realizado pelo *sensei*, com exatamente todas as dificuldades por ele encontradas. Assim, como se chega a este ponto, o que está o *cifu*, com mais facilidade, justamente por ouvi-lo e respeitá-lo, torna-se mais fácil ir daí para diante e superá-lo – que é, aliás, tudo o que deve desejar o verdadeiro e *bom* mestre. Este último tem toda a sua experiência por bagagem. É ela que assegura a *força* que possuem todos os seus ensinamentos. Quando ele fala, ensina, busca transmitir sabedoria prática e não teorias rebuscadas. A esse respeito, Benjamin (1977, p. 200-201) esclarece que

[a verdadeira narrativa] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em conseqüência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.⁷⁶

Entretanto, a mente é mais veloz; a experiência parece promover o entendimento com o corpo, a assimilação *orgânica, mimética*, de “um conhecimento não-conceitual, mas não irracional, corporal, com uma aproximação não mediada ou, [...] com o *senso prático*” (VAZ, 2000a, p. 1). Este entendimento, quando não há, de fato, a experiência,

⁷⁶ Este assunto, abordado no texto *O Narrador* de Walter Benjamin, voltará a ser tratado neste trabalho, mais especificamente no próximo tópico, quando o tema da experiência e o reconhecimento pela detenção da mesma tornam a surgir sob um aspecto semelhante ao daqui.

faz-se um tanto mais complicado. Uma mostra disso pode ser notada na citação que segue.

Bianca [a *sensei*] começou mostrando-me o *kata* em questão. [...] Ela o fez por quatro vezes, enquanto eu apenas a observava. Perguntou então se eu havia entendido; respondi que sim – o que não significa, propriamente, que daria conta de uma exímia execução prática! Ela, com isso, disse para que eu o *fizesse*. Eu fiz. Não exatamente da maneira como ela tinha mostrado havia pouco, mas com algumas pequenas diferenças, sutis... surgiram algumas dúvidas simples... bem, na verdade, eu praticamente inventei um novo *kata*! Eu havia, sim, entendido de que se tratava, mas, por certo, não foi um entendimento com o corpo! Bianca [...] mandou-me fazer de novo. Fui fazendo... algumas coisas foram aclarando-se, outras ela acabou me dizendo, dando algumas dicas. (Diário de campo, *I Ai Do*, 12/07/2006).

E ainda, em uma passagem na aula de *Nei Kung*, de 29/06/2006, algo semelhante e, ao mesmo tempo, contrário:

[...] Ele [Alberto, o *cifu*] dizia principalmente para [eu] não saltitar como no *Karatê*, para descondicionar o corpo e lutar *Nei Kung*. Era o que tentava fazer, mas é como se o próprio corpo já tivesse assimilado a posição, os golpes, a movimentação, as esquivas, algumas seqüências, e mesmo alguns sons emitidos junto a determinados golpes. [...]

Na primeira citação, ocorre algo como um entendimento intelectual da atividade, mas não há conhecimento físico, ou mesmo memória corporal (a técnica é quase inexistente). Então, por mais que se entenda o que se deve fazer o corpo não o sabe. Acontece como se a mente estivesse dizendo ao corpo para onde ir, mas ele não a pudesse obedecer, pois não identifica o que ela diz – como se se tratasse de um código, de um *idioma* desconhecido ou de uma chave na fechadura errada. O corpo, *incapaz*, acaba sendo desmerecido pela mente *competente*. Já no segundo caso, há apenas esta última – a memória corporal. O corpo encontra-se já tão habituado aos movimentos que

desempenha que eles se tornaram *automáticos*, e não se faz mais necessário pensar para que sejam desferidos. É preciso, antes, raciocinar e despender um esforço considerável para que tudo não seja simplesmente repetido pelo corpo que *sabe*. Pois, dado o comando para iniciar a luta, há a sensação de que sob os pés estão postas discretas molas, que são imediatamente acionadas e não cessam seu trabalho enquanto a luta não for encerrada. A partir da submissão a uma atividade diferente em partes, em que a movimentação, por exemplo, com saltitos não existe, é preciso estar constantemente controlando o corpo, podendo-o em sua *vontade* primeira – de movimentar-se; é necessário esforçar-se para lembrar constantemente que não se deve saltitar. O que era, até o momento, quase natural, espontâneo, passa a ser restringido, reprimido. Acaba, então, surgindo uma espécie de diálogo novamente entre a mente e o corpo, a primeira dizendo “nãos” ao segundo, que *não* deve saltitar; ou, ordenando que ele pare, quando já se encontra nos movimentos habituais.

Retornando, agora, ao amor-ódio pelo corpo, tem-se, por outro lado, que este último também é, para o campo marcial-filosófico, *sede e instrumento* e, do mesmo modo que para o campo marcial-esportivo, possui algum valor. Entende-se que sem o corpo, por mais que *precise* estar posto sob rédeas, nada se faz. Embora seja lento e fonte de sofrimento, é por meio dele que se chega às glórias, ou melhor, para este campo, é ele que garante alguma possibilidade de *autoconhecimento*.

[...] Eu não estava conseguindo fazer direito; Alberto foi explicar novamente e então eu disse que havia entendido, mas que não estava bem. Ele me levou para sentar na borda do tatame, em uma cadeira [...]. Eu falei logo o que sentia, ele quis saber como está minha alimentação e quanto estou dormindo, que outras atividades estou fazendo... Enquanto perguntava, pressionava alguns pontos específicos em meus ombros, nuca e pescoço. Depois falou um pouco sobre ‘a necessidade que *a máquina* possui de se recuperar’, sentou-se próximo a mim, [...] e passou a falar comigo de lesões que possuí, perguntando

também como andam as minhas. Passado algum tempo, ele disse que eu podia ir embora. Discordei, argumentando que podia voltar a treinar [...]. Ele falou suavemente que era para eu ir para casa dormir e se despediu. (Diário de campo, *Nei Kung*, 08/06/2006).

Assim, busca-se algo como uma *harmonização de opostos*: o corpo não deve ser posicionado em extremos, não pode ser odiado porque somente a partir dele é que qualquer coisa pode ser realizada, e não pode ser demasiadamente amado, porque se assim for, com a finalidade de preservá-lo nada se faz. Há um entendimento consensual no *dojo* de que não querer se machucar, preservar o corpo a qualquer preço, mantê-lo *imaculado* e tentar ao máximo alongar a vida, são atitudes que estacam as experiências e impossibilitam a *glória*. Não existe, por assim dizer, uma propaganda de que se deve aniquilar o corpo; por certo não há. Entretanto, todos reconhecem que a falência, a própria morte, é inevitável, portanto, ao corpo *inteiro* ou *bastante usado* está garantido o mesmo fim. Dessa forma, é preferível que surjam as lesões, mas que a atividade possa ser vivida em sua completude. Do contrário, vive-se, ou, morre-se inteiro, mas, sem ter feito coisa alguma. Esta forma de encarar as coisas transita tanto no campo marcial-filosófico quanto no marcial-esportivo.

Tendo sido estabelecidas estas coisas, creio que posso passar a tratar dos objetivos dos treinamentos no campo marcial-filosófico.

Os objetivos que levam às práticas extenuantes nesse campo, ao que me parece, em relação ao campo marcial-esportivo, são outros. Não é possível negar que, de fato, tanto em um como em outro campo haja a procura pela *formação do caráter* das pessoas que se submetem às práticas, contudo, nas artes marciais filosóficas busca-se

algo como uma *purificação da mente* que deverá, em algum momento, permitir que se atinja o *vazio*⁷⁷.

[Alberto falava que] deve-se *automatizar* o corpo até que os movimentos saiam como que por si próprios, e o praticante não precise pensar em nada (ou até que consiga não pensar em nada!). [...] Também pronunciava uns *princípios* do *Nei Kung*, dentre os quais lembro-me de ‘descondicionar o corpo’, ‘manter a mente livre de pensamentos’, ‘não se ater aos pensamentos’. A certa altura, dada a prática constante, mesmo sem interromper totalmente o ritmo, um dos meninos foi limpar o suor que escorria pelo rosto; Alberto logo ordenou que não o fizesse, pois, o corpo descondicionado e que a nada se atém, não deve se preocupar e nem mesmo sentir o suor que escorre. (Diário de campo, *Nei Kung*, 08/06/2006).

Uma segunda passagem, em outro dia de treinamento, também ilustra esta busca por *desidentificação* com os pensamentos:

[...] Feito isso, [Alberto] orientou-nos a formar duplas e, a cada uma entregou uma moeda. O objetivo era que pegássemos a moeda antes que o que a segurava na palma da mão tivesse tempo de fechá-la e, o parceiro de treinamento era instruído a fechar a mão antes que pegássemos, de fato, a moeda. [...] Fizemos várias vezes e Alberto destacava que devíamos alcançar um *vazio* para então pegar o objeto; era preciso estar livre do desejo de possuí-lo. Depois de várias repetições, passamos a fazer de olhos fechados. (Diário de campo, *Nei Kung*, 03/08/2006).

Desse modo, as técnicas executadas nas artes marciais são um meio para chegar a outro estado, que pode talvez ser o de *contemplação*. O treinamento de artes marciais acaba se configurando como uma via de *autoconhecimento*, um *caminho a ser trilhado* que deve levar ao domínio de si. E isso termina por se assemelhar em grande medida ao campo marcial-esportivo, em que, aliás, também é comum o discurso que prega o

⁷⁷ O *vazio* foi *difundido* pelo Zen Budismo; trata-se de um *estado* que talvez possa ser definido como *de contemplação*: quem consegue atingi-lo deve estar tão consciente que seja capaz de não pensar em nada, de livrar a mente de todas as *formas mentais*.

autoconhecimento. O formato em que está disposto o treinamento esportivo, no qual é preciso repetir incansavelmente as técnicas, até que se origine uma memória corporal, até que, de fato, tenha-se aprendido com o corpo⁷⁸, leva, de certa forma, também ao chamado *vazio*. Trata-se simplesmente de um estado de cansaço extremo, no qual não se consegue mais pensar em nada; as forças corporais estão tão esvaídas que pensar apresenta-se como algo que requer esforço, então se torna preferível *pôr* o corpo como que em uma engrenagem, mecânica, que desfere o golpe, *rebobina-se* a si mesma, e volta a desferir o mesmo golpe, inúmeras vezes.

Marcel Mauss (1974, p. 213) apresenta que “Toda técnica propriamente dita tem sua forma” e, expõe sua definição para a mesma como “um ato tradicional eficaz [...]”. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso sobretudo que o homem se distingue dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral.” (*Ibidem*, p. 217). A esse respeito, é possível acrescentar o que diz Vaz (2000a, p. 2): “A técnica é expressão fundamental da condição humana, elemento fundamental e irrenunciável de nossa vida. Uma vida sem técnica não seria uma vida humana.”

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem, objeto e o meio técnico primeiro e natural do homem – já que uma “maneira natural” pode não existir no ser humano, que incorpora o que lhe é transmitido e não segue por toda vida com os movimentos *naturais* de feto (MAUSS, 1974). Esse corpo recebe a tradição como que concentrada, por meio de técnicas, desde as mais simples – a forma “correta” de andar, peculiar a um povo específico –, às mais elaboradas – transmissão das técnicas necessárias ao alpinismo, por exemplo. Todo movimento requer uma técnica e, “a

⁷⁸ Trata-se de um conhecimento não cognitivo, de um saber corporal. Essa forma de saber garante repertório motor e também alguma capacidade de suportar certas coisas – é possível chegar a gerar um alto grau de analgesia em relação à dor.

educação fundamental de todas essas técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu emprego.” (*Ibidem*, p. 232).

As pessoas que praticam artes marciais passam, de acordo a Guimarães (1984), por estados chamados *Bugei* e *Budo*. O primeiro deles pode ser definido como um estilo de combate que prioriza a técnica, no qual o próprio combate é fim; não se trata, portanto, de, propriamente, um *caminho*, mas de uma busca pela lapidação da técnica. O segundo, para o mesmo autor, é um caminho por meio do qual se chega ao autoconhecimento, tem o combate como meio. *Budo* e *Bugei* acabam por simbolizar, respectivamente, arte marcial filosófica e arte marcial esportivizada. Todavia, é necessário ponderar: George Guimarães escreve em seu livro *I Ai Do: A Arte de Enfrentar o Desconhecido* que uma atitude *Budo* consiste em vitória sem combate. “Entretanto, só pode ser chamado vitorioso aquele que, se o tivesse feito [combatido], teria vencido; só pode se arvorar em doador de vidas aquele que, se quisesse, as tiraria.” (GUIMARÃES, 1984, p. 51)⁷⁹. A partir dessa breve citação é possível perceber a importância da técnica e sua aquisição. Afinal, é necessário primeiro deter a técnica e treiná-la incansavelmente. Depois disso, de muito ter cansado o corpo com os treinamentos, de o corpo ter tomado para si os movimentos, sem que seja preciso refletir muito antes de desferir algum golpe, aí sim é possível vencer sem lutar – por já ter vencido muitas lutas fisicamente e por, se necessário lutar corporalmente novamente, ser capaz, uma vez mais, de vencer.

⁷⁹ Novamente, trata-se da apresentação de discurso nativo.

No t3pico seguinte, passarei a tratar da dor e do sofrimento, sob o aspecto em que se mostram necess3rios a um *fortalecimento* do corpo e considerando que s3o elementos que permeiam as pr3ticas marciais, exercendo nelas papel fundamental.

5. Dor e sofrimento como *fortalecedores do corpo*

A dor é aquela espécie de *alarme com sensores* (terminações nervosas especializadas) que procura avisar que algo não está bem, e é também uma experiência em si, ou uma enfermidade em si mesma, não ficando somente como uma manifestação de outro problema. É, ainda, uma experiência intransferível, com um limiar variável de pessoa a pessoa.

Ela exerce papel fundamental no processo esportivo e nos treinamentos em geral. É ensaio de aproximação da morte, mais completa quando acrescida do medo, que resulta em sofrimento, a aflição desmedida que transcende o físico e atinge algo como a “moral” aquela dor que não é propriamente encontrada no corpo e, portanto, não pode ser, geralmente, tão facilmente remediada⁸⁰.

Entretanto, no processo esportivo a dor é em si algo frente ao qual se deve ser indiferente, algo com o que se deve saber conviver, pois acaba sendo *necessária* para o *fortalecimento* do corpo; deve, portanto, ser suportada (às vezes até de maneira prazerosa) e mesmo ignorada, com a finalidade de fazer com que o corpo se assemelhe a uma máquina que executa técnicas e não pára de *progredir*⁸¹.

O treinamento esportivo, por sua vez, é uma espécie de *doença produzida*⁸², considerando que o corpo do atleta não *pode* descansar, pois para o seu progresso

⁸⁰ “A dor física que a pessoa sente tem uma representação na atividade cerebral, que pode ser identificada facilmente pela neuroimagem da Ressonância Magnética Funcional (fMRI, em inglês). Existe uma dor chamada de social ou psicológica que a pessoa sente quando é rejeitada ou discriminada pelo seu ambiente social. Essa outra forma de dor também foi mapeada por Naomi Eisenberger e colaboradores, psicólogos da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Os autores constataram que os padrões de comportamento cerebral quando uma pessoa é discriminada ou excluída de um grupo são os mesmos encontrados quando ela sofre dor física.” (Revista SCIENCE, de outubro de 2003.) Os pesquisadores conseguiram, a partir do estudo que realizaram com um grupo de voluntários, perceber que áreas do cérebro como o Cíngulo Anterior, no Córtex Cerebral, responsável por registrar os estímulos da dor e, o Córtex Préfrontal Ventral Direito, regulador da tensão emocional, são acionadas mesmo na ausência da dor física, por esta espécie de dor psicológica, ou sofrimento.

⁸¹ Destaco, novamente, que me refiro ao esporte de rendimento e não *de lazer*.

⁸² Sobre esta questão, consultar Vaz, 1999; 2005.

contínuo é necessário que receba *doses de estresse* sob a forma de cargas altas e regulares de treinamento. Desse modo, o corpo está sempre próximo do limite anunciado por treinadores e é mantido aí por meio de *estresse* (treinamento) contínuo. As rotinas de treinamentos são, geralmente, mais estressantes que as próprias competições, *produzem* o corpo pronto para elas. Como diz Wacquant (2002, p. 86): “Os próprios boxeadores profissionais encaram o treinamento como um trabalho [...], e seu corpo, como um instrumento. [...] A preparação pode se revelar tão intensa e desafiadora que, perto dela, a luta irá parecer fácil; aliás, vários boxeadores acham que o treinamento é o aspecto mais penoso de seu ofício”.

Para o esporte de rendimento, é preciso saber lidar com a dor, vivê-la como um sofrimento constante, seja nos treinamentos, seja nas restrições alimentares...

Ele [o treinamento de alto rendimento] supõe a redução do ser humano a um maquinismo passível de ser manipulado, algo que está na teoria do treinamento – calcada, via de regra, na ciência tradicional – e que os próprios atletas reconhecem, na medida em que criam e empregam expressões como “treinar é entregar o corpo”, ou “a dor faz parte do meu uniforme”, “não me lembro o último dia em que acordei sem algum tipo de dor”. (VAZ, 2005, p. 30).

Suportar a dor sem esmorecer é admirável, glorificante e chega a ser honroso, já que “A derrota não desonra se o derrotado for capaz de suportar a dor até o final” (RIAL, 1998, p. 248). Ainda, conforme Gastaldo (1995b, p. 211), “O praticante de esportes possui uma relação de trabalho com o próprio corpo, que deve ser ‘moldado’ para alcançar o desempenho na prática esportiva escolhida.” Esta frase explicita que o fim, o objetivo final nos esportes é o desempenho, ele pode trazer medalhas e reconhecimento, admiração, dinheiro, respeito.

Como dito anteriormente, o *Karatê* tomou parte do processo esportivo e o esporte é um elemento fundamental do processo civilizador, uma forma de pedagogia que molda o corpo e suas expressões. Assim, o *Karatê* passou a ser formatado por treinamentos sistematizados e competições periódicas que ditam o ritmo a que deve ser submetido o corpo. Junto disso, surgem, por certo, os outros mecanismos que ajudam a manter o campo, como pode ser observado na citação que segue:

[...] O professor os chamou [aos alunos] para perto, disse para sentarem. Começou a falar dos valores, salários, que outros alunos estão ganhando, que quem poderia receber aquilo eram eles, mas que se continuarem no ritmo que estão, não vão ganhar dinheiro nenhum, e nem medalhas. Falou tudo com calma. Disse que podem ganhar mais, mas que quer ver resultado. Falou bem de Gustavo, e que Antônio precisa *correr atrás*. Comentou que a equipe toda precisa melhorar, senão ninguém vai querer contratá-los. ‘Dia 1 vai cair dois salários, então tem que treinar [palavrão]...’. (Diário de campo, *Karatê*, 06/07/2005).

Para preparar o corpo para os combates, muitos sacrifícios são legitimados. Os treinamentos, que acabam sendo mais desgastantes que as competições, como indicado por Wacquant (2002), exigem que os atletas estejam preparados; isso faz com que alguns alunos busquem melhorar seu preparo físico por meio de corridas, musculação, sessões de treino auto-dirigidas, entre outros métodos⁸³. É comum saber de algum aluno que está treinando machucado; costumam dizer que não podem parar porque todo o

⁸³ A dor possui uma forma de manifestação intrigante junto a algumas pessoas. Certas vezes, ocorre que “regras” (mesmo que auto-impostas) de preparo físico, alimentação, enfim, são infringidas e, os *infratores* realizam o próprio julgamento, atribuindo-se as penas devidas. Com isso, frequentemente é possível observar alguém buscando a expiação da culpa por meio de treinos que levam à exaustão, ou mesmo outras formas de submissão a dores, que parecem compensar a infração. “No meio da luta entre Rodrigo e Heitor, Rodrigo chutou alto e acertou em cheio o rosto do oponente. Todos ouviram um alto estouro e Rodrigo mostrou-se apavorado, levando as duas mãos ao seu rosto, como quem pergunta arrependido ‘Que foi que eu fiz?!’. Flávio, o árbitro, parou a luta, corrigindo Rodrigo, dizendo que não precisava se apavorar, pois é possível que isso aconteça. Em um combate sem intenção de bater forte, pode acontecer de encontrar com alguma coisa no caminho (no caso, uma cabeça!). Depois mandou continuar a luta. Rodrigo permaneceu meio abalado, com medo de encostar em Heitor, tornando-se o receptor, *consentidamente*, das pancadas de Heitor, sem esboçar reação.” (Diário de campo, *Nei Kung*, 28/07/2006 – Exame de Faixinhas).

preparo físico adquirido será facilmente perdido. O mais freqüente é ver atletas treinando com lesões musculares e alguns cortes adquiridos nos próprios treinos ou competições.

[...] Já quebrei clavícula numa apresentação de *karatê* que a gente fez. [...] Em campeonato eu já quebrei o nariz várias vezes. Todos os Jogos Abertos que eu fui eu já... Sempre saio “*torto*”. Todos eles. (Entrevista 3, *Karatê*, de 29/08/2005, p. 5).

Uma outra passagem:

[...] Tentaram ir até o final do *kata* sem erros, mas Antônio parou para reclamar de dor no nariz (ele não chegou a quebrar no campeonato, apenas perdeu bastante sangue). (Diário de campo, *Karatê*, de 10/08/2005).

Há uma normalização da dor e do despedaçamento corporal: os lutadores parecem precisar mostrar coragem e passar a imagem de indiferença à dor. Uma passagem de meu diário de campo (de *Karatê*), do dia 22/08/2005, pode mostrar um exemplo a esse respeito:

O professor *acertou a fila*; todos esperaram um momento até que Vítor ‘colocasse seu ombro no lugar’ – quando foi levantar, apoiado no braço, caiu no chão com dor no ombro. Mas ninguém demonstrou espanto.

Além disso, há memórias narradas que deixam claro, no simples modo como são contadas, ao mesmo tempo o valor que têm para abrilhantar biografias e o prazer que proporcionaram e proporcionam, visto que atestam a *superação* de seus narradores:

Os alunos passaram a conversar sobre pancadas que levaram em campeonatos; Pedro: ‘Ô! *Levei uma baga* que eu falava com

o médico, mas não lembrava o que tinha acabado de falar!’ (risos); Paulo: ‘A luz parecia que piscava em cima de mim!’; ‘Aquela vez no mundial, eu passando mal, e o técnico só me trazia glicose e mandava lutar [palavrão]...!’; Vítor: ‘Ô! Fui na ambulância que pensei que tinha perfurado algum órgão, mas a costela tava fraturada, só...’; ‘Aquela vez que quebrei meu nariz, com o olho direito eu não via, mas o esquerdo via o nariz todinho!’. (Diário de campo, *Karatê*, 03/08/2005). Marcos contou que Antônio levou uma pancada e ficou ‘perdido’; só olhava para o horizonte, enquanto seu nariz sangrava – *acham* que quebrou, ‘Ô! Ele ficou com a cara estourada! O nariz virou uma flor e ficou molinho, molinho!’. (Diário de campo, *Karatê*, 08/08/2005)

Este quadro é possível porque está posto nas narrações que os atletas, difícil ou facilmente, resistiram à dor, foram superiores a ela de algum modo. Caso contrário, não haveria reconhecimento.

Esse *reconhecimento* possui formas um tanto simples, mas requer algo como um percurso até sua efetivação: a faixa, por exemplo, atesta que seu detentor já passou por algumas coisas, como a superação das mais diversas dores, algum domínio do próprio corpo e de algumas técnicas (que acabam por *organizar* a dor), o conhecimento físico, quase como uma arte de *saber com o/pelo corpo*, enfim. Na faixa está contida a tradição – e parte importante da memória daquele que a possui. Ela, quanto mais escura, no *Karatê*, mais garante um certo *poder moral*, levado a cabo pela hierarquização existente nas práticas.

Os alunos se distribuíram no tatame e Luiz mandou que ficassem em duplas; logo em seguida, começou a separar as duplas. Passou um exercício de *kihon kumite* – pode ser definido como um *kumite* combinado, ensaiado, feito em duplas, sem movimentação; uma seqüência de golpes, conhecida por ambos da dupla, é executada e cada faixa possui o seu; é cobrado nos exames. O professor fez a contagem de golpe por golpe, e reiniciou várias vezes. Numa delas falou sobre a saudação; perguntou ‘Para quem devo abaixar a cabeça na saudação?’, ao que os alunos responderam ‘No *katá*...’, *sensei* devolveu ‘Não! Só abaixo minha cabeça para meu

professor, e para o professor do meu professor, e para o professor do professor do professor do professor do meu professor... A tradição fala o quê? Que só abaixo minha cabeça para quem me ensinou a lutar'. (Diário de campo, *Karatê*, 10/08/2005)

Assim, quando o *sensei* fala, narra as experiências gravadas, algumas delas quase que *a ferro*, em sua faixa e corpo, o mundo pára. Todos são transportados à sua experiência e o momento corrente *se transforma nela*. O que deveria ser o presente fica como que suspenso, *à deriva*, reclamando para poder retornar ao palco. Mas não é ouvido. Walter Benjamin (1977), em seu texto *O Narrador*, expõe que “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros.” (p. 201) [...] “O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.” (p. 203)⁸⁴. Benjamin ainda acrescenta: “Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.” (p. 204) [...] “Quanto mais profundamente o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.” (p. 205).

Por ouvir histórias, deixar-se inebriar por elas e desejar vivê-las, ser parte do cenário, se não o protagonista, que as compõe, os atletas reconhecem que necessitam passar por uma série do que pode ser chamado de *provas*, a fim de que por meio delas atestem qualidades e a própria superação do que foram, algum dia, limites. Portanto,

⁸⁴ Benjamin expõe em seu texto que a narrativa está sendo substituída pela informação, e que esta última é repleta de explicações, enquanto que “Metade da arte narrativa está em evitar explicações.” (p. 203). De fato, a informação *estanca* a imaginação – e é este o termo: “estancar”, pois por si, a imaginação deve *jorrar*, mas é bloqueada quando explicações demasiadas são dadas. Dito de outra forma, é como se ao se *encher* o leitor de explicações, esteja-se presumindo que sua capacidade de raciocínio e entendimento seja limitada.

suportar a dor, sem esmorecer, é preciso. A dor incorporada ao cotidiano, como mencionado, fonte de algum prazer, *dignifica* quem a tolera e busca, pois os treinamentos passam a ser concebidos como eficazes, quando rendem “uma dorzinha”, ou terminam em uma *lesão leve*, que permita a continuação da atividade, mas que seja *sentida*. Afinal, estas são passagens que demonstram o quão “puxado” foi o treino, o quanto exigiu dos atletas, e que deve consistir, espera-se, em *superiores* resultados. Estes fatos também atuam de modo a confirmar e fortalecer a pedagogia da dor e do sofrimento posta. Alunos que sempre observaram e foram educados sob tal pedagogia reproduzem-na, seguem disseminando-a como a forma ideal de se ensinar arte marcial. É algo que deve ser aprendido com o corpo, uma arte de combater que dispensa palavras – e mesmo as narrativas são sempre de feitos, quase heróicos, de alguns lutadores, ou seja, contam a experiência, a ação, realizações de corpos postos em movimentos; antigos *senseis* japoneses sempre disseram que as experiências mais *marcantes*, dolorosas à matéria, são as que são menos facilmente esquecidas. Este discurso é usado como justificativa à pedagogia da dor e do sofrimento que impõe altas *cobranças* por um ensinamento *valeroso* e, dito algumas vezes com satisfação e um quê de maldade, inesquecível.

O reconhecimento frequentemente atestado pelas narrativas faz-se presente em ambos os campos. Contudo, nas artes marciais não esportivizadas, os objetivos que justificam as práticas dolorosas, sem dúvida alguma, presentes, parecem ser um pouco distintos. Nesse campo, as atividades que causam dor estão postas e, de acordo aos *estóicos*⁸⁵, tomados, muitas vezes, como a base sobre a qual está a fundamentação das atitudes e treinamentos, devem estar presentes, pois é por meio delas que o *homem de bem* se fortalece: “sendo o universo providencialmente organizado, as calamidades não

⁸⁵ Alguns dos alunos e instrutores estudam o Estoicismo em escola aberta de Filosofia ou por conta própria. O Estoicismo é um movimento filosófico que se caracteriza pela consideração do problema moral e por certa impassibilidade em face da dor e da adversidade.

passam de desafios impostos aos homens de valor, para que se fortaleçam” (SÊNECA, 2000, p. 12). E continua: “Não estou querendo dizer que ele não sente os ataques externos, mas que os derrota e, ademais, põe-se a enfrentá-los com calma e tranqüilidade. Ele considera todas as adversidades como exercícios.” (p. 23), afinal, “Sem adversário a coragem definha: somente fica claro o quanto ela é grande e a quanto chega o seu poder quando ela mostra, ao suportar o sofrimento, de que é capaz.” (p. 25). Assim, o corpo deve ser submetido à exaustão, pois a história só guarda a memória e a glória dos *fortes*; os *fracos* padecem no meio do caminho, já que não foram forjados com a têmpera da lâmina da espada do samurai – por isso seu caminho é imperfeito. Provavelmente embasados nisso devem estar comentários como o feito por Bianca, a professora de *I Ai Do*, na aula de 26/07/2006, apresentada anteriormente:

Hoje nós vamos fazer uns exercícios de tortura, quer dizer, pra soltar a musculatura!

Os estóicos encaram o próprio processo vital como uma contínua transformação e, por isso, como um movimento de inquietação e incerteza, e, assim, um processo de sofrimento. Portanto, se na própria vida o sofrimento é constante, não poderia ser diferente com as artes marciais. Dessa forma, parece que no campo marcial-filosófico as ações permeadas por dor e sofrimento são encaradas como *sacro ofício*, e assim se busca uma superação do que seriam os *limites da matéria* (o que pode equivaler, talvez, em algum grau, aos limites que os atletas tentam ultrapassar no esporte, à quebra de recordes, enfim).

[...] Logo em seguida, a professora mandou que ficássemos na posição *seiza nobu* e fizéssemos um exercício de levantar até ficar de joelhos, somente por meio da força dos músculos da coxa. Esse movimento está presente na maioria dos *katas*, em

todos os que iniciam no solo. Repetimos os movimentos várias vezes. É uma prática que faz como que passar por estágios: primeiro é estranho; depois o próprio exercício de contração localizada se torna interessante, até divertido; logo em seguida, bem logo mesmo, essa sensação passa e dá lugar ao desconforto, seguido pela dor. Daí *brot*a um calor tremendo e suor que parece meio descontrolado, de tão rápido que surge e verte. Depois ainda, levando em conta a contagem sem intervalos, parecem haver ‘agulhas caminhantes’ nas pernas, pois não se sabe exatamente onde estão, onde dói. Há a impressão de que as pernas estão inchadas – por mais que estejam um pouco, a impressão é de que estão super inchadas. E, por fim, vêm as câimbras. (Diário de campo, *I Ai Do*, 26/09/2006).

A partir disso é possível perceber que, para o campo marcial-filosófico e seus praticantes, desde que observado o motivo por que ocorrem e quais limites estarão sendo superados, as próprias competições, tão freqüentes no mundo esportivo, não são, em si, um problema. Elas não devem render somente *status* e dinheiro, ou se tornar uma forma fácil para conquistar coisas e pessoas. Prova de que nem tudo é lícito, neste campo, para se atingir o desempenho desejado está no fato de que, em alguns momentos, é necessário *preservar* o corpo (talvez esta seja a maneira de *harmonizar-se* com ele...):

[...] fizemos uma fileira e nos dirigimos, um a um, a ele [Alberto] que, a partir de um impulso direcionado ao braço de cada praticante, fazia com que o corpo rolasse suavemente pelo tatame [...] Ainda nesta atividade, na queda, ou no momento da contração necessária para levantar, não sei ao certo, senti uma forte dor na perna esquerda, que já está machucada. Ficou difícil andar, mas me mantive na fileira; [...] O instrutor logo percebeu [...] Chamou-me então para perto dele, perguntou o que aconteceu, e me mandou sentar. [...] Permaneci tensa por algum tempo, mas a dor foi diminuindo à medida que o professor aplicava algumas técnicas em minha perna. Acho que fiquei sentada durante cerca de 15 minutos, junto do instrutor. Disse que já estava bem, e ele então voltou a aplicar o impulso nos alunos [...]. Eu entrei na fileira, esperando minha vez; quando chegou, o professor não quis aplicar a

técnica em mim, e me mandou sentar! (Diário de campo, *Nei Kung*, 01/06/2006).

Uma hipótese possível, neste momento, é dizer que, talvez, as competições possam se configurar como uma *entrega*, ou como acontecia entre os gregos, dos Jogos Olímpicos Antigos, uma *oferenda de esforços* que duram longos períodos. Além disso, podem ser úteis para indicar fraquezas, os pontos de maiores falhas, enfim. Mas, para isso, há que levar em conta que

Um gladiador considera uma ignomínia ser posto para lutar com alguém inferior e sabe que é vencer sem glória vencer sem perigo. O mesmo faz o destino: procura para si os mais valorosos adversários, outros supera com fastio. O destino ataca os homens mais obstinados, os mais hirtos e arrojados, contra os quais desfere toda a sua violência [...]. Só a desgraça revela o grande exemplo. (SÊNECA, 2000, p. 33).

Antes de encerrar este tópico, gostaria de ir um pouco mais a fundo, apresentando algumas questões que considero interessantes do campo marcial-esportivo, relacionadas ao sofrimento advindo da prática esportiva, ela que requer muitos outros sacrifícios – reconhecidos, especialmente por quem os compartilha.

A incessante batalha contra o peso. Todos os envolvidos no *duelo* (geralmente *acionado* pelo treinador) *com a balança*, sabem reconhecer (e também invejar!) a glória dos que saem vitoriosos sobre a *vilã*. Seja para adquirir massa ou perder alguns quilos, ela, a balança, é sempre tida como uma vilã bastante temida e ameaçadora.

Perder peso costuma ser mais complicado, visto que para adquirir alguns quilos *sempre* existe um modo ou outro de trapacear. Para *ganhar*, ainda que de modo fictício, massa, ou simplesmente pesar mais, entram em cena alguns artifícios, que surgem com o intuito de evitar ou aliviar sofrimentos aos que não conseguem “engordar”. Isso será mais bem exposto agora, a partir da referência de uma competição específica.

Os JASC (Jogos Abertos de Santa Catarina), grande disputa anual em que está inserido o *Karatê*, é a competição mais esperada e para a qual os alunos procuram organizar o corpo a fim de que atinja seu pico máximo (melhor condicionamento físico e técnico) neste evento. A maior parte dos atletas do *dojo* participa; na competição em pauta, a pesagem é feita no dia do Congresso Técnico, antes do início, de fato, dos combates. Com isso, quando se precisa lutar acima de seu peso normal e não conseguiu atingi-lo, não raro surgem os relatos de atletas arditos empregando suas artimanhas para se “adequarem” aos pesos. Para isso, vale desde vestir várias roupas a fim de pesar mais, até colocar pedras nos forros das calças. Os suplementos alimentares também entram em cena, assim como a musculação para “ganhar massa”, mas nem sempre os seus resultados são suficientes e, de um modo geral, os *senseis* costumam fazer propaganda negativa e contrária aos suplementos. É provável que o façam porque, segundo eles, para lutar *Karatê* é preciso ser *bom* e forte por si só (por “natureza”) e pelos treinamentos. *Precisar* de suplementos pode ser sinal de alguma fraqueza e de uma *falsa* masculinidade, talvez escondida sob *músculos artificiais*, de certo modo não *produzidos* pela força, *qualidade* de homem. Há contradição, certamente, pois não se permite esteróides anabólicos, ou mesmo suplementos alimentares, mas é lícito, para muitos *karatecas*, utilizar pedras para se “adequar” às categorias. Mas, no segundo caso, há a esperteza que é valorizada, e já no primeiro, julga-se estarem *perdidos* alguns *valores* dos *machos*. Desse modo, parece que os atletas não são muito adeptos ao uso e, os que o são, não gostam de falar sobre o assunto.

Quando a questão é pesar menos, fica muito difícil ludibriar. “Medidas de urgência” como fazer uso de diuréticos ou laxantes, ou mesmo provocar vômitos, às vezes resolvem; contudo, outras vezes faz-se necessário adotar medidas por longos períodos, ou mesmo incorporá-las ao dia a dia. Isso gera um tipo de sofrimento e pode

acabar resultando em uma obsessão sob a forma de bulimia ou anorexia que, para além de doenças, passam a ser encaradas como solução pelos/as atletas. Pois estando em treinamento, os/as atletas *consomem* muito, sentem fome, de fato, e, como quase todas as pessoas, algum prazer em comer. *Precisar* se privar deste prazer é, sem dúvida, um sofrimento, como salienta Wacquant (2002, p. 87), por meio de um depoimento:

[...] E ainda mais que o treinamento, essas regras de abstinência tornam a existência comum do boxeador profissional difícil, talvez até mesmo terrivelmente penosa. Como observa Jake [...], o “sacrifício” mais doloroso exigido para sua preparação para uma luta não é malhar todo dia na academia, mas “não poder tocar no *junk food*, os hambúrgueres-com-fritas, *nada de sexo*, cerveja nem *light*, sacou, *é a abnegação*, quando é preciso pesquisar no fundo das suas tripas para saber o que você quer – é preciso dizer: ‘Bom, nada de mulheres esse mês’, sacou, e nada de hambúrgueres. [...] Sacar o que é deixar de se engazopar de *junk food* durante um mês inteiro, nada de *Coca-Cola*, de sorvete, de *cookies* de chocolate? *É o inferno*, não é?”

Ainda na linha dos sacrifícios dolorosos, fontes de sofrimento dentro do *dojo*, para além das abstinências alimentares, de bebidas alcoólicas, ou sexuais, existem os castigos que são aplicados pelo *sensei*, dado seu poder instituído hierarquicamente⁸⁶.

Os castigos são geralmente físicos, tendendo à tortura, como mais comumente *pagar* flexões por *matar* treino, ou chegar atrasado, rir ou falar quando não permitido, não prestar atenção ou não entender comandos... Mas também ocorrem humilhações, algumas de tipo sexual, como por exemplo, dança “na boquinha da garrafa” (Diário de campo, *Karatê*, 29/06/2005) como punição a algum derrotado em combate, tímido, e que se mostre constrangido com a sugestão; e ainda punições que vão na direção da performance:

⁸⁶ De acordo com as hierarquias demarcadas pelas faixas (e algumas outras vezes por nível técnico), é permitido que alunos mais graduados ordenem tarefas aos menos graduados, ou mesmo imputem-lhes castigos.

André e Antônio não conseguiam fazer o que estava sendo pedido, isto é, precisavam tocar o cotovelo no chão, enquanto sentados, com as pernas esticadas e afastadas uma da outra. *Sensei* disse que não sairiam dali, daquela posição, todos, até que os dois não conseguissem fazer o que mandava. Ficaram mais de cinco minutos nesta atividade e, durante o tempo, o professor gritava com os alunos, “Esquece a dor. Não superar um cotovelo, vai superar um atleta... Tem gente que já tá quase tocando o peito. Como é que não consegue cinco centímetros [...]” Luiz disse que André (Antônio conseguiu) não vai voltar a treinar enquanto não tocar o cotovelo no chão [...]. O aluno tentou argumentar, dizendo que nunca conseguiu e que não vai ser de uma hora para outra... Mas *sensei* disse que já mandou ele *treinar alongamento* e que não quer nem saber. (Diário de campo, *Karatê*, 06/07/2005).

Fica claro, portanto, que os atletas se deparam, tão logo se disponham a *encarar* o mundo das competições, o que pressupõe que aceitam e se submetem à preparação que este requer, com formas de domínio do corpo. A primeira dessas formas é o próprio treinamento. Por meio dele, deve-se adequar o corpo e estabelecer uma relação de trabalho com ele (GASTALDO, 1995b).

Outra forma de domínio do próprio corpo é constituída por privações para perder peso, ou mesmo para se manter “*limpo*” e melhorar, ainda que minimamente, algumas vezes, o rendimento. Este estado de “*limpeza*” também é legítimo para uma terceira forma de domínio corporal, pois termina potencializando o *ganho* de músculos. Na musculação, prática corporal da qual tratam Sabino (2000)⁸⁷ e Hansen e Vaz (2004)⁸⁸, entre outros, o corpo é “moldado” como um fim em si mesmo. A finalidade estética basta, o que parece não acontecer nas lutas, nas quais ela, a finalidade estética, “confunde-se com um ideal de perfeição técnica a ser buscado, de modo a otimizar a utilização do corpo para a luta” (GASTALDO, 1995b, p. 215). Assim, ganhar músculos

⁸⁷ Sabino fez um estudo buscando compreender as *representações sociais e as práticas dos frequentadores de academias de musculação dos bairros de classe média do subúrbio carioca Tijuca e Vila Isabel*.

⁸⁸ Hansen e Vaz apresentaram *resultados de uma pesquisa* relacionada ao treinamento esportivo presente nas *práticas de modelação corporal em academias de ginástica e musculação*, de Florianópolis.

para as artes marciais está, geralmente, relacionado à melhora de desempenho que se busca, ou como modo de se adequar aos pesos exigidos pelas categorias, e não necessariamente se deseja *agradar* pela aparência.

A dor é um elemento que permeia as práticas marciais, por isso deve continuar aparecendo ao longo deste trabalho. Passarei, na seqüência, e antes de finalizar o trabalho, a apresentar questões relacionadas aos rituais e trotes praticados no *dojo* de *Karatê* e relações possíveis com o campo marcial-filosófico – considerando que a dor exerce junto a eles, aos trotes e rituais, papel fundamental.

6. Rituais e trotes: práticas tomadas por símbolos

Parece interessante levar em conta a importante diferença entre os termos *ritual* e *trote*. O primeiro é relativo a ritos, caracterizado, geralmente, por ou como uma cerimônia, possuindo regras próprias à prática que concerne; o segundo é tido como zombaria, farra, indiscrição a que os mais velhos ou experientes sujeitam os mais novos ou inexperientes. De qualquer modo, é possível enquadrar trote na *categoria* ritual, visto que, como afirmam Zuin (2002)⁸⁹ e Bitencourt (1999)⁹⁰, trotes são “ritos de passagem”.

Tal expressão – ritual – traduz muito bem a função atribuída aos trotes, que ao que tudo indica, é como que em um *ato mágico* (embora algumas marcas, físicas ou psíquicas, permaneçam), passagem de um estado para um outro, superior, avançado. Porém, mesmo havendo o abandono daquele estado inicial, de inexperiência, e tendo avançado, sempre se continuará *devendo submissão* a alguém. A “superioridade”, o “estar à frente”, só se dá em relação aos que ainda não passaram pelo trote ou ritual, e isso se forem menos graduados, pois é a hierarquização pelas faixas que rege as práticas – embora exista, além desta, uma hierarquização pela técnica, segundo a qual os que a detêm de forma refinada possuem também uma autoridade explícita e legítima e são, por isso, respeitados.

O mestre é sempre quem mais possui sabedoria e experiência. Ele, por certo, já vivenciou tudo o que é pedido, por si próprio ou por outros, ao praticante néscio. Devido a este motivo conquistou sua faixa, a graduação máxima, até o momento, que lhe assegura a hierarquia, que lhe põe no topo da pirâmide e permite que olhe a todos os seus alunos do posto alto em que se encontra, pedindo provas aos mesmos de que têm

⁸⁹ Zuin fez uma investigação *sobre a prazerosa integração sadomasoquista* por meio dos trotes, entre calouras e veteranas, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos.

⁹⁰ Bitencourt apresentou uma discussão *dentro de uma perspectiva antropológica* sobre os ritos de passagem no esporte – *o significado dos trotes nas competições esportivas*.

condições de se aproximar dele, escalando novos degraus. Se não forem capazes de superar as provas, permanecem, simplesmente, onde estão, e os que estavam abaixo, mostrando condições, vão subindo e acabam por deixar para trás os que antes eram seus superiores hierárquicos. Quem está mais próximo do mestre é quem tem maiores chance de, algum dia, igualar-se a ele na escala das hierarquias, algo inquestionável e naturalmente respeitado⁹¹. São as hierarquias as únicas capazes de assegurar que em artes marciais, práticas tipicamente masculinas, mulheres possam ascender aos postos mais elevados. Mesmo que detenham admirável nível técnico, são consideradas boas lutadoras somente quando “lutam como homens” – especialmente no campo marcial-esportivo. No campo marcial-filosófico existe o discurso de que não devem “masculinizar-se”, já que são, por natureza, femininas. Entretanto, não podem chegar a ser ameaça aos homens. Assim, a hierarquia garantida pela faixa assegura o respeito⁹² – e, além dele, algum *status*, sobrevivendo do reconhecimento, buscado direta ou indiretamente em qualquer dos campos.

Para todos os efeitos, continuando, existem no meio marcial situações destituídas de zombaria, muito sérias, aliás, e, assim, classificadas não como trotes, mas como rituais. Estes são alguns dos responsáveis por perpetuar a tradição e filosofia orientais anunciadas, embora mais fortemente no campo marcial-filosófico, também no marcial-esportivo. São oriundos dessa tradição e a ela pertencem quase que obrigatoriamente⁹³. Já os trotes, mais correntes no campo marcial-esportivo, mas

⁹¹ Exemplo disso é o que ocorre com Jorge, aluno de *Karatê* que começou a auxiliar Luiz e chegou a assumir a responsabilidade, mesmo que temporariamente, pelo *dojo*, enquanto o *sensei* viajava. Ver capítulo 2, especificamente tópico 2.4.

⁹² Novamente, há o exemplo do que ocorre com Bianca, a instrutora de *I Ai Do*, que é respeitada mesmo por Alberto, professor de *Nei Kung* e integralmente responsável pelo *dojo*. Checar, para informações mais precisas, o tópico 2.4.

⁹³ Existem, além dos rituais tradicionais das artes marciais, outros que são criados pelos próprios praticantes e seguidos de forma tão cerimonial quanto os primeiros. Alguns atletas, por exemplo, costumam ter um par de luvas exclusivo para competições e não lutam se não for com tais luvas: para além de objetos tomados por superstição, elas se tornam uma espécie de amuleto impregnado por algum tipo de poder que, supostamente, *conduz* os golpes.

também presente no marcial-filosófico, podem divergir muito de *dojo* para *dojo*. Ainda que apresentem semelhanças, por não se tratar de rituais *tradicionais*, podem assumir novas configurações, conforme considerarem adequado as pessoas envolvidas na prática.

Outro elemento não tão presente nos rituais em geral, mas específico nos trotes, é a violência. Ela assume, por vezes, o sentido mais comum da palavra, quando a força física é usada e acompanha situações vistas como injustas, com ausência de respeito. E aí se torna possível observar a veracidade das palavras de Elias e Dunning (1985), quando dizem que a sociedade é mais violenta que o esporte que ela produz.

No entanto, independentemente de os trotes serem violentos ou não, indiscretos ou farreados, sempre conseguem, o que pode soar estranho, unir os que deles participam, seja sofrendo ou aplicando a zombaria, algo que acaba sendo, como lembra Zuin (2002), um “*processo psicossocial de integração sadomasoquista*”. Eles influenciam no caráter de quem *os sofre*.

Nas artes marciais em geral, essas práticas tipicamente masculinas, existe um *louvor* à virilidade e à força. Assim, *resistir* a um trote, em que sempre há algum tipo de dor incluída, seja física ou moral, por suportar constrangimentos, por exemplo, é sinal de que se faz, então, parte de um grupo; de que se está *iniciado* na prática, prática esta que seleciona para si os melhores, mais resistentes e fortes. E ao suposto *iniciado* cabe o sentimento de superioridade – quando a situação não foi traumática e não houve abandono da prática, evidentemente. Nos casos de continuidade, os relatos ouvidos vêm em tom orgulhoso; quando é recente e existe a possibilidade de mostrar marcas, estas são exibidas, igualmente com altivez. Todavia, mesmo sendo fonte de regozijo depois de sofrido, o trote não costuma ser opcional – fundamentalmente quando o principal

líder (neste caso, o *sensei*) compartilha da idéia favorável à sua aplicação. Exponho na seqüência dados do campo, que confirmam o que vem sendo dito sobre os trotes.

Pergunta: Você já aplicou algum trote no *Karatê*?

Luiz: É, tem no *Karatê*, no aniversário, que daí... Alguns alunos fazem o “corredor de faixa”, mas tem um outro trote, tipo batismo, que é quando o aluno troca de faixa, antes de receber a faixa. Ele não é obrigado a participar, mas também quando outro colega participar daí ele não pode bater [...]. Claro que não é pra espancar, é só uma surra de leve... E em viagens, sempre tem as brincadeiras, que o pessoal ainda faz, mas... sempre nada que prejudique... o atleta. Se vir que ele não gosta do “chá de cueca”, se o atleta não quiser participar dessa brincadeira, ele não... mas é uma brincadeira. Se ele leva como brincadeira, os outros estão sempre participando, sempre teve. “Chá de cueca”, é..., surra, é... entre outros.

Pergunta: Você já sofreu algum trote?

Luiz: Faixadas já levei bastante, durante toda minha vida de *karateca*; “chá de cueca” nunca, porque eu não gosto dessa brincadeira...

Pergunta: Mas tentaram aplicar?

Luiz: Tentaram, mas aí eu não deixei, porque era na minha época de atleta e quando eu era atleta eu era meio violento, meio doido... Cessaram essas brincadeiras comigo.

(Entrevista 2, *Karatê*, de 29/08/2005, p. 5-6)

Pergunta: Você já aplicou algum trote no *karatê*?

Marcos: Ah, sim, com certeza! [...] Brincadeiras em campeonatos, assim, tal. Eu acho que é divertido, assim, eu penso. E com outras pessoas, assim. Puxar cueca e deixar lá em cima, essas coisas assim. [...] É... passa... quando a pessoa está dormindo passa pasta de dente no rosto, essas coisa assim, ou passa na mão, aí a pessoa vai limpar e acaba se sujando... *Gelol*... nas... partes íntimas... dói bastante, quer dizer, dizem, né, que eu não sei como é que é...

Pergunta: Você já sofreu algum trote?

Marcos: Não [...] Só faixa das assim em aniversário. [...]

Pergunta: Que tipo de trote você acha mais interessante?

Marcos: Chá de cueca. [...] É... É bem engraçado! [...] Deve doer, deve doer...

(Entrevista 3, *Karatê*, de 29/08/2005, p. 8)

Pergunta: Você já sofreu algum trote?

Gustavo: Já. Desses eu lembro! [...] É... Levei “chá de cueca”; o pessoal veio com pasta de dente pra passar em mim... Não sei

se foi só uma vez... Acho que já aconteceu umas quatro vezes... Bem antigamente, hoje em dia já está mais tranqüilo.
(Entrevista 1, *Karatê*, de 29/08/2005, p. 9)

Os trotes, habitualmente, são mais duros no sexo masculino. No caso de haver apenas uma mulher entre tantos homens (como acontece comigo), no campo marcial-esportivo, esta acaba ficando livre das zombarias, ao menos consigo, já que lhe é permitido acompanhar algumas das quais os calouros que, se suportarem para se tornar “machos”, sofrem. Quanto às mais severas, dependendo do relacionamento estabelecido, tudo lhe é contado depois. É interessante observar que mesmo não participando diretamente do trote, a mulher pode seguir unida à equipe, embora muitas outras vezes possa ser excluída – especialmente em situações em que o sexismo é mais explícito.

Seguirão agora alguns exemplos de trotes e rituais de pertencimento que ajudam a compor a universalidade dos campos e a atualizar a sua tradição, assim como também explicitam um pouco mais os *dojos*.

Os *rituais* de violência se apresentam de diversas formas, sempre tendo a imposição da força como critério. Um deles é o chamado “chá de cueca”, pertencente ao campo marcial-esportivo, como demonstrado por meio dos depoimentos citados, que sempre acontece no ônibus, em viagens para campeonatos. Ocorre da seguinte forma: algumas pessoas seguram quem vai sofrer o trote e então, sem despir o iniciante, sua cueca é puxada até que seja retirada do corpo; é preciso que rasgue para poder ser retirada *por cima*, e o sentido para o qual é puxada faz com que haja grande pressão sobre os testículos, o que, atestam algumas narrativas, gera bastante dor. Depois, a cueca arrancada é usada como bandeira ou apenas pendurada no ônibus, sendo, em ambos os casos, tida quase que como um troféu.

Um segundo trote diz respeito a ações *cobradas* por pessoas com maior autoridade no *dojo*: para ser aceito na equipe é preciso usar da lábia ou cometer atos que os superiores indicam, como, por exemplo, ludibriar alguma menina até “pegá-la” (normalmente é uma escolhida pelo grupo e tachada de “feia”, pois é preciso ser muito macho para “dar um trato na baranga”⁹⁴); ou ainda, apropriar-se de algo como cones da Polícia Rodoviária, que passam a ser utilizados nos treinamentos, e também não pagar contas, provando, assim, que se trata de uma pessoa habilidosa e, metaforicamente, capaz de “fintar” adversários. Alguns alunos relatam que tiveram de bater em uma ou mais pessoas; outros contam que atiraram frutas podres em pessoas que caminhavam pelas estradas (os primeiros de carro e os segundos a pé), promovendo divertimento ao grupo que assistia. Há uma história que é narrada com frequência, de um grupo que defecou nas bolsas de colegas de quarto ausentes, e também no próprio quarto (de hotel), que logo em seguida foi deixado, com vistas a divertir colegas e atestar *coragem*.

Há um outro ritual que consiste na prática de aquecimento antes de competições no ginásio, geralmente em duplas, com provocações incluindo xingamentos sobre a mãe ou irmã do atleta, visando deixá-lo bravo, pronto para “comer o fígado” do adversário no tatame. Ocorre também, nos aniversários ou aprovações em exames de faixa, o “corredor de faixa”: os alunos se posicionam um ao lado do outro, em duas fileiras, uma de frente para a outra. O aniversariante, ou pessoa que foi aprovada em exame de faixa, deve passar no meio do corredor formado. Enquanto passa, a pessoa *recebe* “faixadas” nas costas. A velocidade com que deve passar entre as fileiras varia; se for aniversariante, geralmente passa correndo; se for aprovação em exame, de faixa iniciante, correndo também; conforme fica mais graduada, a pessoa deve diminuir a

⁹⁴ Expressão de um dos alunos do *dojo*, quando narrava uma de suas memórias, referente a uma aposta feita com colegas que duvidavam da sua coragem.

velocidade com que passa no corredor – faixa preta passa ajoelhado, vai e volta, duas vezes ou mais, dependendo do humor do professor.

Os cumprimentos entre *karatecas* de mesmo *dojo* também são ritualizados: há uma batida de mãos (entre duas pessoas) na altura do peito; estas mãos posicionadas de lado, são batidas e, depois se fecham e dão um “toquezinho”, como se fosse um soco, batendo-se uma contra a outra.

Em relação ao campo marcial-filosófico, talvez pelo fato de meu tempo de prática não ser tão longo, não possa observar muitas manifestações caracterizadas como trotes. Nas viagens em que estive junto do grupo, ocorreram sempre “guerrinhas de travesseiros” – todos atirando seus travesseiros, os dos colegas e os disponibilizados pelos próprios ônibus, em todas as direções, ou com um alvo específico, que sempre muda –, mas não mais que isso. O corredor de faixa existe também, entretanto apenas para aprovação de faixa preta. Aos menos graduados são passadas mais tarefas, como limpezas e serviços em geral, e punições físicas, como flexões, costumeiramente.

O fato de um campo ser mais dado aos trotes que outro está, ao meu ver, relacionado àquele ter incorporado as questões circulantes no mundo do esporte. Contudo, ao descrever os pontos aqui não os estou julgando, isto é, não considero adequado afirmar que um campo é mais ou menos violento, por exemplo, que outro, simplesmente porque são o que e como são, recebendo e tomando a forma dada por quem os frequenta, ao mesmo tempo em que o formam de acordo a isso. Significa dizer que quem se submete a qualquer dos campos o faz por identificar-se com eles em uma medida certamente considerável, então incorpora o que lá circula e também deposita no campo algo de si próprio, *enriquecendo-o*. Um campo considera normal e natural o que nele é veiculado, tudo o que lá acontece, e anômalo ou anti-natural o que é corriqueiro a qualquer meio alheio a si. Por exemplo, novamente em relação à violência: o que causa

grande estranhamento na maior parte das pessoas, ou seja, as práticas extenuantes e de dor e sofrimento no meio marcial-esportivo, incluídas todas as pancadas fortes e mesmo alguns constrangimentos, são a própria vida do meio, o que é buscado pelos praticantes nele inseridos, e, portanto, para estas pessoas, é possível dizer que não há violência nas práticas. Antes, o campo é e deve ser assim.

Passando agora a tratar dos rituais, propriamente ditos, é possível encontrá-los com bastante frequência em ambos os campos. Eles são claramente *postos* pela tradição de arte marcial, sempre realizados do mesmo modo, repetidos a cada aula. Um destes rituais é a saudação ao *dojo* antes de entrar e sair dele. Ela, comum ao campo marcial-esportivo e ao marcial-filosófico, é feita sempre com o corpo direcionado de frente para o quê ou quem se saúda, em pé. Os pés ficam unidos pelos calcanhares, em 90°; as mãos são postas espalmadas nas laterais das coxas (mão direita na coxa direita, e esquerda na coxa esquerda) e deve-se *curvar* o tronco para baixo, mas mantendo a coluna reta. No momento do tronco curvado é dita a palavra “*oss*”, que expressa uma declaração de humildade, de *espírito aberto* à aprendizagem.

Uma outra forma ritualística são as saudações antes e após o *kumite* e *kata*, no *Karatê*, antes e após as lutas e formas no *Nei Kung* e, antes e após os *katas* e *kenjutsus* (uma forma de combate com uso de *bokoto*) no *I Ai Do*. As saudações também são feitas antes do início e do fim das aulas/treinos – podem ser em pé, como descrito acima, ou em *senza*: saudação feita no chão. Seguindo a tradição dos antigos samurais, que usavam espadas penduradas do lado esquerdo da cintura, os *karatecas* hoje simulam os movimentos daqueles quando precisavam se ajoelhar. Direciona-se o corpo (até então voltado para frente) levemente para a esquerda, a perna direita é flexionada até que o joelho chegue ao chão (em direção à frente) e enquanto isso a perna esquerda fica em ângulo de 90°. Depois, o joelho esquerdo também fica em contato com o solo e ao

lado do direito – com os glúteos sobre os calcanhares. Desse modo, com tais movimentos, a espada, grande, teria espaço para chegar até o chão, junto com o samurai e sem machucá-lo, o que não aconteceria se o movimento de abaixar fosse brusco, de frente, pois o instrumento bateria de ponta no chão e não permitiria que o samurai se ajoelhasse sem impedimentos. Os homens ficam com os joelhos afastados um do outro pela distância de dois punhos (medida que equivale a duas mãos fechadas – como para socar –, uma ao lado da outra). As mulheres ficam com os joelhos unidos, uma vez que devem permanecer “comportadas”, “recatadas”. A coluna precisa ser mantida reta e o olhar para o horizonte, e as mãos sobre as coxas. A saudação é feita colocando primeiro a mão direita no chão, e em seguida a esquerda (maneira como os samurais colocavam suas espadas no solo, conta-se); após isto, curva-se o tronco sobre as coxas, de modo que a cabeça fique bem próxima das mãos. Na seqüência, o tronco sobe e as mãos retornam às coxas, primeiro a direita, e depois a esquerda. No *Nei Kung* é feita uma saudação muito semelhante, com a diferença de que o lado para o qual se direciona o corpo é o contrário (direito), e a perna que deve tocar o solo primeiro é a esquerda. Para o *I Ai Do* a saudação equivalente a esta chama-se *seiza*; com a mão esquerda se segura a espada ao lado da cintura, presa no *obi* (faixa); os pés devem estar unidos pelos calcanhares e com as pontas afastadas entre si. Os joelhos são flexionados e com a mão direita empurra-se o *hakama* (calça bastante larga, com pregas, que compõe o uniforme de *I Ai Do*) para trás. Feito isso, ajoelha-se, sendo que a perna esquerda é a primeira a tocar o chão e, depois senta-se sobre os calcanhares. Remove-se a espada do *obi* e a mesma é posta cuidadosamente na frente dos joelhos do praticante, com a lâmina voltada para si próprio. Depois disso, as mãos que estavam sobre as coxas *escorregam* juntas até o chão; curva-se o tronco de modo que a cabeça fique entre as mãos. Em

seguida o tronco sobe e as mãos retornam às coxas, ao mesmo tempo tanto a direita quanto a esquerda, deslizando sobre as mesmas.⁹⁵

⁹⁵ É possível detectar que nos rituais de artes marciais, de modo geral, há um simbolismo originado no domínio da sexualidade viril. Segalen (2002), em seu texto *Ritos e rituais contemporâneos*, fala que é possível observar em partidas de futebol atletas que chegam a não se barbear para *conservar a energia viril*. Também é fato destacável que, nos combates, os lutadores vivam momentos catárticos, componente importante dos rituais, visto que pode consistir no caminho que permite a passagem (“ritos de passagem”); ou seja, de um “estado normal”, digamos, os lutadores *avançam* para outro de *descontrole controlado*, em que lhes é possível extravasar, vivendo momentos alegres e *purificadores*, com certa dose de perigo, na qual deleitam-se, considerando que sabem da existência da tensão, assim como sabem que esta não é suficiente para levá-los à morte. Vivida esta catarse, a consciência permanece “limpa” e há o sentimento de passagem a outro estado. Entretanto, há que destacar que na maioria das lutas de competições tal catarse fica difícil de ocorrer; pode, sim, acontecer, porém com mais freqüências na platéia e torcida, afinal os atletas, geralmente, mantêm-se concentrados, (quase que) no trabalho, o que lhes impede de “extravasar”. Ainda em Segalen (*Idem*), há uma analogia de alguns rituais esportivos, considerando sessões de treinamento como rituais legítimos, com o parto, pois do esforço destinado aos esportes *se sai vermelho ou pálido, viscoso de suor e saliva*, como o bebê após o nascimento. Ambos, depois de um banho, vestem-se (ou são vestidos, no caso dos bebês) e *renascem* para o *mundo civilizado*. Alguns esportes como *Karatê, rúgbi*, atletismo (corridas), são encarados mesmo como *arcaicos, primitivos*, uma vez que as lutas, os combates corpo a corpo, e os longos trajetos a percorrer, são espaços *encontrados* para manifestar expressões de arcaísmo dos corpos. A presença de lugares-tempos nos quais a catarse e as manifestações arcaicas devem se dar, de forma organizada, são, portanto, parte do mundo civilizado. Segalen (2002, p. 82) diz ser possível identificar a existência de um ritual onde estiver um *corpo emblematizado* – um emblema abrange um conjunto de símbolos –, “caracterizado” por vestimentas: “Hoje, apenas o esporte oferece ao homem a possibilidade de se fantasiar, o que corresponde a uma forma primeira de travestimento de sua identidade”. Na verdade não é a única possibilidade, mas, certamente, uma das poucas. Nas lutas, os respectivos uniformes são a *fantasia*. No final do texto de Segalen (2002) há uma passagem que diz que *quanto mais antiga a atividade, mais ela toca e mais forte será sua carga simbólica*.

7. Considerações finais

O presente trabalho foi construído sob a perspectiva de um olhar pesquisador, e, contudo, incorpora um revisitar freqüente de minha experiência como lutadora. Isso era inevitável, por mais que tenha trabalhado por um *distanciamento* do objeto de análise. Com isso, pretendo expressar que as artes marciais, filosóficas ou esportivas, constituem um campo ainda muito a ser por mim explorado. As questões apresentadas no decorrer de todo o trabalho serão agora *encerradas*, mesmo que provisoriamente.

Como visto anteriormente, o presente trabalho buscou investigar aspectos da *pedagogia corporal* construída a partir de três lutas. Esta pedagogia é a forma de se lidar com o corpo e se firma, em grande medida, na dor e no sofrimento. Ela está legitimadamente presente, ainda que sob diferentes aspectos, nas três lutas, ou, nos dois campos que foram aqui definidos – marcial-esportivo, tendo por representante o *Karatê* e, marcial-filosófico com *Nei Kung* e *I Ai Do*. É tida por “natural” por seus praticantes, que incorporam suas decorrências.

As artes marciais encontram-se, em linhas gerais, entre pólos: de um lado são vistas como um espaço destinado a ensinar a bater; de outro, são *elevadas* a ponto de tornarem-se quase impalpáveis. Por este motivo, considere relevante expor um pouco de certa *ciência marcial* e mesmo conteúdos teóricos que embasam as práticas. Tais conteúdos possuem como aspectos básicos o treinamento para aquisição da técnica, os limites, a disciplina. Como fundamentação da ciência marcial, apresentei um estudo de biomecânica (produzido pela *National Geographic*) realizado com diferentes modalidades marciais que busca verificar a eficiência das lutas.

Essas lutas, para que sejam de fato eficazes, requerem de seus praticantes o oralmente difundido domínio de si. A conquista de tamanha capacidade faz-se por meio

de um processo sacrificial, no qual o sujeito que busca *possuir-se* a si mesmo precisa antes renunciar-se. Ulisses, o personagem da *Odisséia* de Homero demonstra como fazê-lo.

Os lutadores buscam o domínio de si e para tanto se submetem a práticas para as quais o corpo é concebido como, ao mesmo tempo, *sede, instrumento e alvo* (WACQUANT, 2002). Ele é receptáculo de inúmeras dores e acaba ocasionando ao praticante de lutas o sentimento ambíguo de amor-ódio (HORKHEIMER; ADORNO, 1985) pelo próprio corpo. Isto é, o mesmo corpo, por seus feitos, origina seu sofrimento. Ele é ora louvado, ora repudiado.

No que se refere à dor, ambos os campos parecem *promover* uma elevação no *limite de tolerância* a ela (WACQUANT, 2004), dado que se é submetido a diversas dores de maneira medida e freqüente. Esse fato acaba por gerar certa indiferença à dor, que é necessária, pois torna possível a *aquisição da forma de sangue-frio*, exigida não raras vezes. É preciso se habituar aos golpes, tanto no sentido de acostumar seu corpo a desferi-los, incorporando-os como possibilidades de movimento de um corpo que *sabe ser usado*, embora conte com uma grande modificação do esquema corporal (*Idem*), visualizando braços e pernas como potentes armas, quanto a tê-lo como alvo, e sentir o *peso* da potente arma dos oponentes.

Além da tolerância, que se torna indiferença à dor, é necessário controlar emoções, no sentido de *adequar* o corpo às lutas, de modo que ele não *desobedeça* aos comandos, por meio de preparação física intensiva. Por aqui começa a transformação do organismo em máquina, visto que se torna uma *fortaleza* que dá e recebe golpes sem estremecer. E esta preparação atinge um grau tal que se faz imbricada mentalmente, ou seja, “a vontade, o moral, a determinação, a concentração e o controle das emoções transmutam-se em reflexos que dão sete vidas ao corpo.” (WACQUANT, 2002, p. 116).

Esse alto grau de tolerância à dor atenua o que seria violência em outros meios, ou seja, a violência como é entendida geralmente não ocorre nos campos, ao menos para seus integrantes. E, nesse mesmo quadro se coloca a relação com a técnica, como meio e produtora do gesto mais eficaz, mas também mediadora da dor – dor esta que também exerce papel fundamental junto aos trotes e rituais.

Por fim, as práticas são, para seus atores, algo além do que vivem no *dojo*, configurando estilos de vida que supõem relações sociais de pertencimento e toda uma dinâmica em torno das suas especificidades. Os praticantes tomam para si a modalidade praticada a ponto de que se torne suas vidas; para tanto, concordam com as exigências feitas por sua arte, ou luta, acatando geralmente com prazer as peculiaridades do meio marcial.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 254p. Trad. Guido Antônio de Almeida.

ADORNO, T. W. Indústria cultural. *In*: COHN, G. (Org.) **Comunicação e indústria cultural**: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade. São Paulo: Nacional, 1978. p. 287-295.

BARREIRA, C. R. A.; MASSIMI, M. As idéias psicopedagógicas e a espiritualidade no *karate-do* segundo a obra de Gichin Funakoshi. *In*: **Psicologia**: reflexão e crítica, 16(2), 2003. p. 379-388.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas 1. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 197-221.

BITENCOURT, F. G. Ritos de passagem no esporte? *In*: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol. 21, n. 1, p. 1298-1303, set/1999.

BOURDIEU, P. **A reprodução**; Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 15-118.

BROHM, J.-M. Sociologia política del deporte. *In*: **Deporte, cultura y represión**. Barcelona: Editotial Gustabo Gili, 1978. p. 17-31. Trad. Alberto Szpunberg.

BUCHALLA, S. Matemáticos calculam os recordes possíveis. *In*: **O₂**, nº 55, p. 64-65, nov/2007.

ECHENIQUE, M. **As raízes da violência**: conhecer para evitar. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2000. 96p.

ECHENIQUE, M. **A Trilha Inicial das Artes Marciais**. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2002. 228p.

ECHENIQUE, M. **A Filosofia das Artes Marciais**. Edições Nova Acrópole, sem data. 136p.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL Difusão Editorial, 1985. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva.

GASTALDO, É. L. A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, O. F. **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995b. p. 207-226.

GASTALDO, É. L. **Kickboxers**: Esportes de combate e identidade masculina. Porto Alegre, 1995a. 185p. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, M. C. **Corpo e cultura erudita**: paradoxos do balé na sociedade administrada. Florianópolis, nov/2004. 43p. (Monografia)

GUIMARÃES, G. **A magia da espada japonesa**. São Paulo: Cultrix, 2001. 126p.

GUIMARÃES, G. **I Ai Do**: A Arte de Enfrentar o Desconhecido. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. 80p.

GUMBRECHET, H. U. A forma da violência: em louvor da beleza atlética. In: **Mais!** Folha de São Paulo, p. 5-9, mar/2001. Trad. José Marcos Macedo.

HANSEN, R.; VAZ, A. F. Treino, culto e embelezamento: um estudo em academias de ginástica e musculação. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Treinamento em Educação Física/Ciências do Esporte. Vol. 26, n. 1, p. 135-152. Campinas: set/2004.

HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Cultrix, 1999. Trad. Jaime Bruna.

KAMMER, R. **O Zen na arte de conduzir a espada**. A antiga arte japonesa da esgrima. São Paulo: Pensamento, 1995. 109p. Trad. Alayde Mutzenbecher.

LAUTERT, R. W., *et all.* As artes marciais no caminho do guerreiro: novas possibilidades para o karatê-do. *In:* SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (orgs.). **Práticas Corporais**: Experiências em Educação Física para a outra formação humana. Vol. 3. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. p. 134-163.

MAUSS, M. Noção de técnica corporal. *In:* **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974. p. 211-233.

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RIAL, C. S. M. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. *In:* PEDRO, M. J.; GROSSI, M. P. **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinariedade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 229-258.

RODRIGUES, R. O desempenho do homem nas práticas corporais esportivas: uma relação de amor e de ódio. *In:* **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Doping, desempenho e vida. Vol. 27, n. 1, p. 153-165. Campinas: set/ 2005.

SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. *In:* GOLDENBERG, M. **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 61-104.

SCIENCE. **Vários tipos de dores**. Nº 10 out/2003.

SEGALEN, M. Homens, esportes, ritos. *In:* **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. p. 69-90. Trad. M. de L. Menezes.

SÊNECA. **Sobre a Providência Divina**. Sobre a Firmeza do Homem Sábio. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. 133p. Trad. R. da C. Lima.

- TABOADA, F. A. **Artes Marciais**. A Via Psicossomática. Edições Nova Acrópole, 1995. 160p.
- TABOADA, F. A. **Fundamentos Históricos e Filosóficos das Artes Marciais**. Edições Nova Acrópole, sem data. 111p.
- TURELLI, F. C. **Educação do corpo em artes marciais**: um estudo sobre rituais, masculinidade e representações da dor em caratecas. Florianópolis, nov/2005. 66p. (Monografia)
- VAZ, A. F. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Doping, desempenho e vida. Vol. 27, n. 1, p. 23-36. Campinas: set/ 2005.
- VAZ, A. F. **Mímesis, corpo, aproximação ao objeto**: notas de trabalho a partir de Horkheimer e Adorno e Walter Benjamin. Florianópolis, 2000a. 16p. (Texto não publicado.)
- VAZ, A. F. Na constelação da destrutividade: o tema do *esporte* em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. In: **Motus Corporis**. Rio de Janeiro: vol. 7, n. 1, p. 65-108, maio/2000b.
- VAZ, A. F. Técnica, esporte, rendimento. In: **Revista Movimento**: Temas Polêmicos. Porto Alegre: ano VIII, n. 14, p. 87-99, jul/2001.
- VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: **Cadernos CEDES**, Campinas, vol. 19, n. 48, p. 89-108, ago/1999.
- WACQUANT, L. **Corpo e alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 296p. Trad. Angela Ramalho.

WACQUANT, L. Os três corpos do lutador profissional. *In*: LINS, D. (org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 73-94. Trad. Roberto Leal Ferreira.

WILHELM, R. *I Ching*: O Livro das Mutações. São Paulo: Pensamento, 2004, 22^a ed. 527p. Trad. Huberto Rohden.

YAMAMOTO, J. *Hagakure*. *El libro secreto de los samuráis*. Madrid: Arca de Sabiduría, 2006, 5^a ed. 132p.

ZUIN, A. Á. S. O trote no curso de pedagogia e a prazerosa integração sadomasoquista. *In*: **Educação e sociedade**. Ago/2002, vol.23, n. 79, p. 243-254.

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro de entrevista

Questões para alunos:

- Nome;
- Faixa, *graduação*;
- Estuda? (série; se faculdade, curso e fase; período; número de horas/dia;)
- Trabalha? (Em quê? Período; número de horas/dia;)
- Há quanto tempo você faz *Karatê*?
- Por que pratica *Karatê*?
- Treina quantas vezes por semana? Quais dias? Em quais horários?
- Frequenta o *dojo* fora dos horários de treinamento?
- Por que treina *Karatê* neste *dojo*?
- É agradável, para você, treinar *Karatê*?
- Qual sua categoria?
- Nas competições, faz *kata* e *kumite*? Por quê?
- Se pudesse, o que mudaria no *dojo*?
- Há alguma coisa que gostaria de mudar nos treinamentos?
- O que você mais gosta no *Karatê*? E o que acha mais importante?
- O que você pensa a respeito da filosofia do *Karatê*?
- O que mudou depois que você começou a treinar *Karatê*?
- Busca outras formas de preparação física além dos treinamentos? Se sim, quais?
- Você tem algum tipo de cuidado especial com sua alimentação?
- Usa ou já usou algum tipo de suplemento alimentar?
- Você já sentiu ou sente dor durante os treinamentos? Se sim, como a encara?

- Já se machucou em treinamento? E em competição? (Que tipo de lesão sofreu? Como foi o tratamento?)
- Já brigou na rua alguma vez?
- Consegue identificar momentos de sofrimento advindos da prática, seja durante ou fora dos treinamentos?
- Até que ponto a estética é importante para você?
- Você costuma fazer leituras sobre *Karatê*, competições, saúde ou estética? (O que gosta de ler?)
- Informa-se em outros meios acerca dos assuntos da questão anterior? Quais meios?
- Como você definiria vida de atleta?
- O que você pensa sobre as mulheres que praticam lutas?
- Você treinaria *Karatê* tendo uma mulher como *sensei*? Por quê?
- Você já *aplicou* algum trote no *Karatê*? Qual? Já *sofreu* algum? Qual?
- Qual tipo de trote você acha mais interessante?
- Como você se sente quando troca de faixa?
- Há algum sentimento durante as saudações, seja no *dojo*, seja nas competições? Qual(is)?
- Você possui alguma superstição, ou há algum ritual que realiza antes de competições, treinos ou apresentações?

Questões para professor:

- Qual é sua formação?
- Como encara o trabalho de professor de *Karatê*?

- Atua em outra área, quer dizer, além de professor de *Karatê*, possui outro emprego?
- O que poderia dizer sobre sua experiência como atleta? E como professor?
- Quantos anos competiu?
- Que meios você utiliza para se atualizar?
- É agradável, para você, dar aulas de *Karatê*?
- O que você espera alcançar com o trabalho que realiza?
- E o que acha que os alunos esperam alcançar?
- Que tipos de sentimentos, com relação ao *Karatê*, consegue identificar nos alunos?
- Como você classificaria seu relacionamento com os alunos? (Vai além do *dojo*?)
- Acha que o relacionamento entre os alunos é amigável? Existe algum tipo de competição entre eles?
- Existe algo que você gostaria de mudar no *dojo*?
- Sabe de alunos que realizam preparação física além dos treinos? O que pensa sobre isso?
- E de pessoas que usam suplementos alimentares ou têm cuidados especiais com a alimentação? O que pensa a respeito?
- O *Karatê* contribui de algum modo, para a *melhora* da aparência?
- Consegue identificar momentos de sofrimento advindos da prática, por parte dos alunos?
- O que recomenda para os alunos quando sofrem lesões?
- Você considera que o treinamento que passa contribui para sua saúde dos alunos? Por quê?
- Considera-se saudável?

- O que entende por saúde?
- O que você mais gosta no *Karatê*? E o que acha mais importante?
- O que você pensa a respeito da filosofia do *Karatê*?
- O que mudou depois que você começou a treinar *Karatê*?
- Você costuma fazer leituras sobre *Karatê*, competições, saúde ou estética? (O que gosta de ler?)
- Se não possuísse uma equipe de competição, daria aulas do mesmo modo?
- Como você definiria vida de atleta?
- O que você pensa sobre as mulheres que praticam lutas?
- Você treinaria *Karatê* tendo uma mulher como *sensei*? Por quê?
- Você já *aplicou* algum trote no *Karatê*? Qual? Já *sofreu* algum? Qual?
- Qual tipo de trote você acha mais interessante?
- Como você se sente realizando exames de troca de faixa?
- Há algum sentimento durante as saudações, seja no *dojo*, seja nas competições? Qual(is)?
- Você possui alguma superstição, ou há algum ritual que realiza (realizava) antes de competições, treinos ou apresentações?

ANEXO 2

Diário de campo: *Nei Kung*

24/09/2006 – registros do Torneio Anual de Faixas-Pretas

Este torneio, única *competição* de *Nei Kung* que acontece anualmente, é de nível nacional, apenas para homens, faixas e faixinhas pretas⁹⁶. Os faixinhas pretas lutam entre si primeiramente. Assim que se dá por finalizada essa parte, os faixas pretas passam por uma sessão de quebramentos de madeira, e então, também lutam entre si. As lutas são organizadas, uma por vez, entre duas pessoas, obviamente, enquanto os demais competidores aguardam, podendo assistir. Há um árbitro central, uma mesa com três *apontadores* (todos com experiência em artes marciais, por certo), e a presença de Michel, o fundador (*soke*) do *Nei Kung*, como um fiscal de tudo o que acontece – para além disso, ele parece muito se divertir na *função* que exerce.

Os quebramentos são livres, ou seja, o faixa preta pode escolher se quer quebrar o bloco de madeira com a mão ou com o pé, soco ou chute, com impulso (a mão vindo de longe da madeira, de modo que se possa adquirir velocidade até tocar o objeto) ou sem (sem tomar distância). São muito breves: a pessoa se levanta, posiciona-se em frente à madeira a ser quebrada (que é segurada por dois faixinhas pretas, em pé), e desfere seu golpe. Todos observam – além dos competidores, há muitas mais pessoas a assistir. Não há torcida, e sim silêncio. Somente são aplaudidos os homens que quebram a madeira; os que não o fazem (a maioria), apenas voltam sentar, sem tampouco receber vaias, ou coisas do gênero. Michel não aprova o fato (de não quebrarem a madeira), e não se preocupa em disfarçar isso: anda de um lado a outro e nem olha o que *prevê* que não terá sucesso. É, porém, generoso com quem apresenta bom desempenho, reflexo de dedicação.

⁹⁶ Antes da faixa preta, que é, de fato uma faixa, usada na cintura, utilizam-se as faixinhas, que são assim denominadas por serem pequenos “pedaços” de velcro colorido que devem ser colados à manga esquerda da camiseta do uniforme (o *kimono* só passa a ser utilizado com a conquista da faixa). O *Nei Kung* possui sete faixinhas coloridas, além da faixinha branca, que são roxa, laranja, verde, vermelha, azul, amarela e preta, para então chegar à faixa preta e à graduação por *dans*.

Tanto para as lutas quanto para os quebramentos, não há *preparação*, quer dizer, não ocorre o mesmo que nos campeonatos de *karatê*, por exemplo, em que as pessoas que esperam para lutar se aquecem, movimentam, alongam, enfim. Ali, todos aguardavam sentados ao redor do tatame, com seus *kimonos*, em silêncio, concentrando-se, mais do que qualquer outra coisa – ao menos era o que parecia. Exceto um dos praticantes, que é lutador de *Tae Kwon Do* também (segundo colocado geral, nesse evento), e preparava-se com discrição, vestindo uma jaqueta, para se manter aquecido, após cada luta, e alongando-se de um modo que chegava a parecer acanhado, provavelmente por perceber o ambiente distinto no qual se encontrava.

Algo que há de semelhante a uma competição de *karatê* é relacionada à ordem e composição das duplas: eis um elemento surpresa – nunca se sabe com quem irá lutar, e nem o momento exato das lutas. As lutas iniciam e são cronometradas – três minutos; vence quem tiver mais pontos (não são sinalizados, apenas anotados pelos *apontadores*), ou quem executar um *ponto Bodhidharma*, algo como o *Ippon* do Judô, ou, com um pouco menos de semelhança, um nocaute (caso nada disso ocorra, e a luta permaneça empatada, tem-se mais um minuto de luta para decisão). Esse ponto só é dado por Michel, que sempre interfere nas lutas, seja para elogiar ou xingar, atletas ou árbitro, dar alguma explicação... É ele, sem dúvida, o mais alto grau que pode existir em uma arte marcial, o *soke*. Então, hierarquicamente, pode tudo! Seu *kimono* é diferente de todos os faixas pretas, mesmo do mais graduado deles (que é 7º *dan*). Ele, Michel, nem mesmo possui um *dan*; é, simplesmente, o *soke*. Usa uma jaqueta de *kimono* vermelha com um tracejado amarelo (a dos demais é vermelha, apenas), e todos o respeitam por isso, é fato, mas há também algo que vai além. Sua postura, difícil de explicar aqui, *impõe* esse respeito; há admiração envolvida...

O torneio devia acontecer em um anfiteatro descoberto, com arquibancadas, o que facilitaria que todos pudessem ver, mas estava chovendo. Assim, Michel fez a abertura da atividade e encaminhou todos a uma área coberta. No tal espaço, foi montado o tatame e uma

estrutura simples, com espaço para sentar no chão e também cadeiras, nos dois lados do espaço de competição. Os faixinhas e faixas pretas sentaram-se mais próximos de tudo. As outras pessoas, nos arredores. Estando tudo pronto, Michel falou brevemente e então a *mesa* começou a chamar os lutadores. Primeiro foram todos os faixinhas. A eles, Michel deu várias explicações, parou alguns combates, xingou certos lutadores, concedeu pontos Bodhidharma. Pude observar um cuidado da parte dele para com os praticantes. Buscava sempre evitar golpes graves – como se previsse o que iria de *mau* acontecer, mas *permitia* as lutas, tendo, no torneio, dor, sangue (não se usa nenhum tipo de equipamento de proteção)... Não permitia lutas instintivas, por assim dizer; a todo momento lembrava os lutadores de que deviam estar atentos e *lutar com consciência*, observando o que faziam, pensando suas ações.

Aos vencedores do torneio de faixinhas – aos três primeiros colocados –, Michel ofereceu a oportunidade de lutar com os faixas pretas, e também de participar dos quebramentos (o primeiro e o segundo colocado conseguiram quebrar a madeira e, o primeiro, embora não tenha ido tão longe nas lutas com os faixas pretas, venceu algumas, tendo bom desempenho nelas; com isso, no final do torneio, Michel informou que ele seria promovido a faixa preta).

Os quebramentos foram breves. As pessoas eram chamadas, iam lá, pegavam a madeira, e executam a tarefa. O que surpreendeu nessa atividade foi o fato de, ao perceber Michel que a madeira a ser quebrada era fina, estreita, ele mandou que ao invés de uma, fossem usadas duas para o quebramento. Muitos dos faixas pretas ficaram meio assustados – e talvez mesmo isso tenha feito com que tantos não tenham conseguido quebrar. Alberto, o professor de *Nei Kung* daqui de Florianópolis, quebrou *sua* madeira e obteve premiação no final do torneio por tê-lo feito *bem*.

As lutas dos faixas pretas deram continuidade ao evento. Da mesma maneira que nas dos faixinhas, eles foram elogiados, xingados (mais vezes que elogiados!), houve pontos Bodhidharma, receberam várias instruções, enfim. No final das lutas deles, Michel falou algumas

coisas mais e procedeu com a premiação, anunciando também a *promoção* do campeão dos faixinhas a faixa preta. Toda a atividade durou cerca de 4 horas.

